UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE BIOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO TERAPÊUTICA

ROSANA ALVES DE MELO

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

Recife
2018

ROSANA ALVES DE MELO

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

Recife
2018

ROSANA ALVES DE MELO

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica, do Centro de Biociências da Universidade Federal de Pernambuco, como partes dos requisitos parciais para a obtenção do Título de Doutor em Inovação Terapêutica.

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Orientadora: Profª Drª Karina Perrelli Randau

Recife

2018

Catalogação na fonte
Elaine C Barroso (CRB4/1728)

Melo, Rosana Alves de

Violência nas relações de namoro na adolescência / Rosana Alves de Melo- 2018.

134 folhas: il., fig., tab.
Orientadora: Karina Perrelli Randau
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica. Recife, 2018.
Inclui referências, apêndice e anexos

1. Violência 2. Adolescente 3. Vulnerabilidade I. Randau, Karina Perrelli (orient.) II. Título

303.6 CDD (22.ed.) UFPE/CB-2018-513

ROSANA ALVES DE MELO

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Inovação Terapêutica

Aprovada em: 29/11/18.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof(a). Dra. Karina Perrelli Randau (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof(a). Dra. Maria Aparecida Beserra (Examinador externo)

FENSG - Universidade de Pernambuco

_____

Prof(a). Dra. Sinara de Lima Souza (Examinador externo)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof(a). Dra. Fernanda Sardelich Nascimento Gomes (Examinador externo)

Centro Universitário Vale do Ipojuca

_____

Prof(a). Dra. Isabel Cristina Ramos Vieira Santos (Examinador externo)

FENSG - Universidade de Pernambuco

Ao Criador, pelos presentes diários;
À minha mãe, por ser minha maior incentivadora;
Aos meus irmãos, pela amizade e torcida;
À minha família, na pessoa dos meus avós, pela base;
Ao meu esposo, Manoel, pelo amor;
Aos amigos que tantas vezes me incentivaram e acreditaram em mim.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelos presentes, pelas conquistas, pelo alimento da alma, por sempre me dar uma segunda chance pra recomeçar. A Ti, toda honra e toda glória, Senhor!

À minha mãe, Ceiça Melo, pela ajuda, pelos empurrões e por estar sempre do meu lado como mãe e amiga.

Aos meus irmãos por torcerem por mim sempre.

Aos meus avós, Francisca e Zé Pedro, por terem sido o alicerce de sustentação sempre.

Ao meu esposo, Manoel, pela amizade, pelo incentivo, pelo olhar, pela compreensão. Amo-te!

À Maria Clara, minha pequena menina por, mesmo de forma inocente, compreender minhas ausências.

À minha Julie, meu Magrelo e minha Ciz, filhos pets, por tanto amor e por me fazerem sempre sentir mais vontade de voltar pra casa.

À minha orientadora professora Drª Karina Perrelli Randau, pela oportunidade que me deste, por acreditar em mim, e por trazer leveza a minha vida. Sou fã!

À Flávia Emília, minha amiga-irmã, pela parceria, pela ajuda e por toda sabedoria atribuída à minha construção.

Às minhas amigas, anjos de luz a emitirem boas vibrações, em especial a Thaís e Michelle, flores do meu jardim.

A todos os companheiros de trabalho, por segurarem a barra nas minhas ausências.

Ao funcionário Paulo Germano, pela enorme paciência e ajuda.

À Universidade Federal de Pernambuco, por abrir as portas e me acolher tão bem.

Meu muito obrigado a todos!!!

RESUMO

A violência entre namorados adolescentes vem ganhando visibilidade no âmbito científico, por se configurar como problema de saúde pública em diversos países do mundo e no Brasil. Pesquisa que objetivou construir e validar um questionário sobre identificação de violência nas relações de namoro na adolescência; identificar o conhecimento dos adolescentes sobre violência nas relações de namoro; e analisar a percepção de adolescentes sobre as situações de violência vivenciadas no cotidiano das suas relações de namoro. O processo de construção e validação do questionário tratou-se de estudo metodológico transversal, quantitativo, realizado de junho a novembro de 2017, por conferência Delphi com 20 expertises da área de violência e adolescência. Para avaliar a clareza e pertinências dos itens do questionário, foi realizado teste piloto com 76 adolescentes, e a análise da validade do conteúdo e confiabilidade dos itens através do *Content Validity Index* (CVI), o *Interrater Agreement* (IRA) e o alfa de Cronbach. Os dados foram analisados nos programas Excel e *Stata*, versão 14.0. A pesquisa de campo se configurou como um estudo transversal e descritivo, quantitativo, realizado com 565 adolescentes estudantes de escolas públicas de Petrolina/PE, com idade entre 14 a 19 anos. A coleta dos dados foi realizada por questionário autoaplicável, entre os meses de fevereiro a abril de 2018. A análise dos dados se deu por meio da estatística descritiva com distribuição de frequência e medidas de tendência central e dispersão, como média e desvio padrão. Utilizou-se o software Stata 14.0 e Microsoft Office Excel 2013 para confecção das tabelas. Na validação do questionário, os índices calculados na primeira rodada Delphi trouxeram CVI=0,94 e IRA=0,93, evidenciando a validade e confiabilidade do conteúdo do construto, e na segunda rodada, o questionário teve 100% de concordância pelas juízas. A verificação da consistência interna apresentou média de 0,803, calculado através do alfa de Cronbach. Assim, o questionário possui validade de conteúdo e de aparência conforme o objetivo proposto, tendo em vista que os índices de fidedignidade e concordância. Na pequisa de campo, os primeiros resultados evidenciaram que a maioria dos participantes eram mulheres não brancas, com idade média de 16,5 anos, já haviam presenciado ou sido vítimas de algum tipo de violência física ou psicológica por parte de pais ou responsáveis, apesar de não reconhecerem ter vivenciado algum tipo de violência nas relações de namoro.

Acreditam que um dos dois deve dominar as ações do outro dentro das relações de namoro, entretanto, discordam de que um deles possa determinar para onde e com quem o companheiro pode ir ou se relacionar. Os resultados posteriores mostraram que os adolescentes que tiveram o potencial de não reconhecer as situações de violência vivenciadas eram maioria do sexo masculino. Esses adolescentes que já vivenciaram algumas vezes ou com frequência situações como tocar nas partes íntimas, fazer gestos sexuais ou ato sexual contra a sua vontade ou do/a parceiro/a, e se sentir ameaçado com o tom de voz hostil do/a namorado/a, apresentaram maior chance de não se reconhecerem como perpetrador ou vítima de violência no namoro.

Palavras chave: Estudos de validação. Questionário. Violência. Adolescente. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

The violence among adolescent boyfriends has been gaining visibility in the scientific scope, since it is configured as a public health problem in several countries of the world and in Brazil. This research aimed to construct and validate a questionnaire about the identification of violence in dating relationships in adolescence; identify adolescents knowledge about dating violence; and analyze the perception of adolescents about the situations of violence experienced in the daily life of their dating relationships.The process of constructing and validating the questionnaire was a cross-sectional, quantitative methodological study carried out from June to November 2017 by a Delphi conference with 20 experts from the area of violence and adolescence. To evaluate the clarity and pertinence of the questionnaire items, a pilot test was conducted with 76 adolescents, and the content validity and reliability analysis of the items through Content Validity Index (CVI), Interrater Agreement (IRA) and Cronbach's alpha . The data were analyzed in the programs Excel and Stata, version 14.0. Field research was set up as a cross-sectional and descriptive, quantitative study of 565 adolescents from public schools in Petrolina / PE, aged 14 to 19 years. The data were collected through a self-administered questionnaire, between February and April 2018. Data analysis was done through descriptive statistics with frequency distribution and measures of central tendency and dispersion, as mean and standard deviation. Stata 14.0 and Microsoft Office Excel 2013 software were used to create tables. In the validation of the questionnaire, the indexes calculated in the first Delphi round brought CVI = 0.94 and IRA = 0.93, evidencing the validity and reliability of the construct content, and in the second round, the questionnaire had 100% agreement by the judges. The internal consistency check presented a mean of 0.803, calculated through Cronbach's alpha. Thus, the questionnaire has validity of content and of appearance according to the proposed objective, considering that the indexes of trust and concordance. In the field survey, the first results showed that the majority of the participants were non-white women, with a mean age of 16.5 years, who had already witnessed or been victims of some type of physical or psychological violence by parents or guardians, despite not to acknowledge experiencing some kind of violence in dating relationships. They believe that one of the two must master each other's actions within dating relationships,

however, disagree that one of them can determine where and with whom the partner can go or relate. The subsequent results showed that the adolescents who had the potential of not recognizing the situations of violence experienced were male majority. These adolescents who have sometimes experienced situations such as touching the intimate parts, making sexual gestures or sexual acts against their will or partner, and feeling threatened by the hostile voice of the boyfriend / a, were more likely not to recognize themselves as perpetrators or victims of dating violence.

Keywords: Validation study; Quiz; Violence; Adolescent; Vulnerability.

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1 - Concordância dos juízes em relação aos atributos dos itens que compõem o questionário, a partir da aplicação dos testes CVI e IRA..... 56

Tabela 2 - Modificações na redação realizadas no questionário a partir das sugestões dos juízes..... 60

Tabela 3 - Questionário final após validação de conteúdo e aparência..... 60

Artigo 2

Tabela 1 - Características sociodemográficas e econômicas dos adolescentes..... 76

Tabela 2 - Vivências de relacionamento afetivo-sexual dos adolescentes..... 78

Tabela 3 - Vivências e Percepção sobre violência afetiva..... 79

Artigo 3

Tabela 1 - Características sociodemográficas e econômicas dos adolescentes..... 97

Tabela 2 - Fatores associados a não percepção da violência..... 98

LISTA DE SIGLAS

CTS-1	Conflict Tactics Scale
CTS-2	Revised Conflict Tactics Scale
CADRI	Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory
PRP	Personal and Relationships Profile
ACVS	Acceptance of Couple Violence Scale
CVI	Content Validity Index
IRA	Interrater Agreement
I-CVI	Content Validity Index for Items
S-CVI	Scale-Level Content Validity Index
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico
OMS	Organização Mundial da Saúde
WHO	World Health Organization
DP	Desvio Padrão
IBGE	Instituto Brfasileiro de Geografia e Estatística
PPGIT	Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UPE	Universidade de Pernambuco
UNIVASF	Universidade Federal do vale do São Francisco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

1.1 OBJETIVOS..... 17

1.1.1 Objetivo geral..... 17

1.1.2 Objetivos específicos..... 18

2 REVISÃO DE LITERATURA..... 19

2.1 GÊNERO X SEXUALIDADE: CONHECENDO A INTERLOCUÇÃO DESSES CONCEITOS COM A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA..... 19

2.2 DEFINIÇÃO E TIPOS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS..... 23

2.3 FATORES DE RISCO, IMPACTO E CONSEQUÊNCIAS ASSOCIADAS À VIOLÊNCIA NO NAMORO..... 28

2.3.1 Contextualização dos fatores de risco da violência nas relações de namoro..... 29

2.3.2 Consequencias e impactos da violência nas relações de namoro..... 31

2.4 AÇÕES DE INTERVENÇÃO PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO..... 33

2.5 INSTRUMENTOS CONSTRUÍDOS E VALIDADOS SOBRE VIOLÊNCIA AFETIVA..... 36

3 METODOLOGIA..... 39

3.1 MÉTODOS REFERENTE A CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO..... 38

3.2 MÉTODOS REFERENTE A PESQUISA DE CAMPO..... 42

4 RESULTADOS..... 45

4.1 ARTIGO 1 - VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DE UM QUESTIONÁRIO DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS..... 45

4.2 ARTIGO 2 - IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO DE ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR..... 71

4.3 ARTIGO 3 - VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA..... 91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 110
REFERENCIAS..... 113
ANEXO 1- CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA UNIVASF..... 127
ANEXO 2 - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA UPE..... 129
ANEXO 3 – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA UFPE..... 130
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO CONSTRUÍDO E VALIDADO..... 132

1 INTRODUÇÃO

Relações íntimas caracterizadas por maus-tratos têm sido identificadas como um problema relevante na saúde de adolescentes e adultos de diferentes países, onde os tipos mais frequentes de agressões são a violência psicológica e a coerção sexual (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; OLIVEIRA et al., 2011). Alguns autores apontam que essa violência tem início no namoro e pode ser um precursor para agressões mais graves após a transição para coabitação ou casamento (FELIX, 2012; FLAKE et al., 2013).

A violência nas relações de namoro apresenta-se como um fenômeno evidente e preocupante, tendo em conta a abrangência e as repercussões que pode ter a nível da saúde física e mental. E diante da complexidade desse fenômeno, as abordagens sobre essa problemática é de grande importância para aumentar o conhecimento da população sobre suas causas e consequências, e também para a identificação de estratégias de intervenção nas suas diversas formas de se perpetuar (FLAKE et al., 2013).

A violência nos relacionamentos íntimos, apesar de ter sido negligenciada durante tempos em vários contextos, não é um problema recente, e já vem despertando o interesse de pesquisadores para estudos, principalmente de caraterização e prevalência desse fenômeno (CARIDADE, 2011; CARIDADE; MACHADO, 2006; MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003; MILLER, 2011; PAIVA; FIGUEIREDO, 2004). Outras abordagens envolvem a questão dos relacionamentos abusivos na adolescência serem preditores de violência na vida conjugal (GONZÁLEZ; ECHEBURÚA; CORRAL, 2008; MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003; HARRISON, 2005).

No entanto, mesmo já assumindo uma importante contribuição nas publicações existentes, a violência nas relações de namoro na fase da adolescência e juventude é um fenômeno relativamente pouco estudado no contexto brasileiro, quando comparado com os estudos que abordam a violência entre parceiros íntimos adultos. Alguns estudos mostram que, mesmo sendo necessário conhecer a expressiva complexidade da existência de violência afetiva em todas as fases da vida, há o reconhecimento de que no cenário internacional, a preocupação social com a violência

afetiva, mais especificamente no namoro, tem sido crescente em razão da sua alta prevalência entre adolescentes, por já se configurar como um problema de saúde pública (DOROTEIA, 2013; HAYNIE et al., 2013; LEEN et al., 2013; NIOLON et al., 2015).

A investigação científica sobre o tema da violência nas relações de intimidade começou por privilegiar, durante décadas, somente o casamento enquanto principal objeto de estudo, negligenciando-se outros contextos relacionais, como as relações de namoro e, ocasionalmente, as relações homossexuais. As dificuldades inerentes à própria definição do conceito de violência e sua operacionalização, o difícil acesso dos investigadores à população adolescente (pela necessidade de autorização dos pais ou responsáveis) e a inexistência de um estatuto legal, autônomo, alusivo à violência fora dos contextos maritais, constituem alguns impedimentos à visibilidade social desta problemática e que, durante anos, contribuíram para a sua ocultação, comprometendo, deste modo, a produção do conhecimento científico neste âmbito (CARIDADE; MACHADO, 2013).

No ano de 1981, foi publicado um estudo pioneiro na área da violência na intimidade juvenil, que revelou que de cada cinco estudantes universitários, pelo menos um deles vivenciou violência no relacionamento e que mais da metade da amostra pesquisada revelou conhecer algum outro jovem que vivencia experiência abusiva no namoro ou relação similar (MAKEPEACE, 1981). Desde então, observou-se um crescente número de publicações enfatizando a dinâmica e subjetividade de situações violentas nas relações afetivas em adolescentes e jovens, onde estes vivenciam rotineiramente situações abusivas em suas relações (MILLER, 2011; BESERRA et al., 2015; OLIVEIRA, et al., 2016; PIMENTEL; MOURA; CAVALCANTE, 2017).

Apesar de crescente, estudos sobre violência no namoro na adolescência e juventude no Brasil são muito recentes e ainda incipientes (ALDRIGHI, 2004; ALMEIDA, 2010; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; NJAINE et al., 2011; ANTÔNIO; KOLLER; HOKODA, 2012; BARREIRA, LIMA & AVANCI, 2013; MURTA et al., 2013a; MURTA et al., 2013b; SOARES et al., 2013; MURTA et al., 2014), em contraste com o cenário internacional. Este fato não obstante, a violência no namoro é muitas vezes

recorrente, e suas taxas no Brasil são muito altas (ALDRIGHI, 2004; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; OLIVEIRA et al., 2014).

Essa problemática necessita ser melhor debatida e trazida para as discussões em diversos cenários, principalmente por ter inúmeras consequências na vida dos adolescentes e jovens, como depressão, estresse pós-traumático, alcoolismo, distúrbios do sono, ansiedade, problemas de sociabilidade, pensamentos suicidas, consumo de álcool e drogas e comportamentos sexuais de alto risco, sendo estas consequências já abordadas em alguns estudos (FOSHEE et al., 2001; ACKARD; EISENBERG; NEUMARK, 2007; RANDLE; GRAHAM, 2011; EXNER; ECKENRODE; ROTHMAN, 2012).

E nesse sentido, o desenvolvimento de pesquisas com instrumentos bem direcionados, que possam englobar os diversos aspectos da violência nas relações de namoro na adolescência, bem como a proposição de estratégias de enfrentamento e prevenção, junto a população alvo se mostra de grande importância, considerando as diversas vulnerabilidades a que os adolescentes e jovens estão expostos.

Diante de todas essas informações e considerando que a adolescência se constitui a fase em que se inicia a maioria das relações afetivas/de namoro, justifica-se a realização dessa pesquisa, pois, além de contribuir para a promoção de pesquisas futuras, o conhecimento adequado sobre as situações que envolvem violência afetiva em relacionamentos de namoro na adolescência e juventude pode permitir uma melhor compreensão da violência dentro dessas relações, considerando que é um fenômeno complexo e multidimensional. Ademais, pode contribuir para a prevenção da perpetração real da violência nos relacionamentos, uma vez que, de acordo com a literatura, as atitudes são preditoras de comportamentos abusivos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

- Conhecer e analisar o significado de violência perpetrada nas relações de namoro para adolescentes em idade escolar, considerando os aspectos físicos, sexuais e psicológicos.

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever os critérios de construção, validação de conteúdo e de aparência de um questionário de identificação de violência no namoro na adolescência.
- Identificar o conhecimento dos adolescentes sobre violência nas relações de namoro, de acordo com as situações vivenciadas dentro do contexto relacional e social do cotidiano.
- Analisar a percepção de adolescentes sobre as situações de violência vivenciadas no cotidiano das suas relações de namoro, e correlacionar com as chances desses adolescentes se reconhecerem como agressores ou vítimas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 GÊNERO X SEXUALIDADE: CONHECENDO A INTERLOCUÇÃO DESSES CONCEITOS COM A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência corresponde a um período do ciclo vital que se caracteriza por rápido crescimento físico, com expetativas psicossociais acrescidas, sendo particularmente neste período que as identidades sexuais e de gênero se valorizam, e se inicia a procura das relações fora da família, relações com os pares, desenvolvimento da autonomia e início de relações amorosas (TAQUETTE, 2009).

Assim, nesse período da vida, podem aumentar as diferenças entre os papéis de gênero, sendo consentida algumas formas de violência quando interpretada como uma forma de amor ou como “aceitável” em alguns contextos, não os reconhecendo como condutas violentas. Esta fase da vida também pode ser entendida como um dos momentos em que mais se adere a alguns mitos considerados perigosos dentro de alguns relacionamentos “romantizados. Qualquer um destes fatores pode aumentar o risco de envolvimento numa relação abusiva (GONZÁLEZ; ECHEBURÚA; CORRAL, 2008; SUTHERLAND, 2011).

O gênero é um atributo individual, que determina se o indivíduo é feminino ou masculino num contexto particular, ou seja, diz respeito aos atributos socioculturais concedidos de acordo com o sexo do indivíduo (DEAUX & MAJOR, 1987; FRABLE, 1997). Na nossa cultura, o gênero é visto como uma categoria social, masculino e feminino, que é atribuído no momento do nascimento de acordo com o sexo biológico, o qual pode ser definido através da anatomia ou da genética (RUSSO & PIRLOTT, 2006). Esses atributos predeterminados tem o potencial de converter as diferenças sexuais em desigualdades sociais (LAGUNA & LENCINA, 2010).

Dessa forma, o gênero pode ser compreendido como além de um componente biológico, por permitir a definição de características comportamentais, psicológicas e sociais de homens e mulheres ao longo da vida, influenciando a forma como se constroem seus comportamentos (RUSSO & PIRLOTT, 2006). O mesmo é constituído

por vários elementos interligados (emoções, valores, normas e papéis), sendo por isso responsável pela posição social do indivíduo, em que as mulheres têm menos poder, privilégios e recursos do que os homens. É também devido ao gênero que os papéis são definidos nos diversos contextos e as desigualdades existentes nesses meios favorecem o aumento do risco a violência (RUSSO & PIRLOTT, 2006).

A construção da identidade de gênero decorre de um processo de desenvolvimento, na identificação social e cultural como masculino e feminino. É uma construção pessoal, mas simultaneamente coletiva onde o fato de o indivíduo pertencer a um determinado gênero o faz ter que padronizar determinadas condutas ou comportamentos esperados somente de um homem ou de uma mulher, sendo pressuposto educar as crianças e os jovens de acordo com as expectativas adequadas de gênero (GONZÁLEZ; ECHEBURÚA; CORRAL, 2008).

Sexo e gênero são termos que muitas vezes são usados indiscriminadamente e de forma errônea, muitas vezes até utilizados como sinônimos. Se a herança genética determina o sexo e as diferenças entre sexos incluem o que difere em termos genéticos, hormonais, reprodutivos e físicos, já as diferenças entre gênero são prescritas pela sociedade pela cultura e descrevem a variabilidade entre homens e mulheres. Assim, sexo refere-se ao estatuto biológico do homem e da mulher e gênero às significações que as pessoas e a sociedade dão ao ser-se homem ou mulher (LARANJEIRA, et al., 2007). A identidade de gênero começa a ser construída antes do nascimento, sendo veiculada pela família, escola, trabalho e sociedade em geral, integrando formas de pensar, de atuar, sentimentos, como se meninos e meninas vivessem em mundos diferentes (MORAES, 2008).

Os modelos hegemônicos de gênero na cultura ocidental atual representam problemas e riscos à saúde e ao bem-estar de homens e mulheres. Da mulher, espera-se uma postura passiva, de objeto de conquista masculina. Já para o homem, é previsto que tenha iniciativa, que seja ativo, decida e tenha domínio da relação. O maior exemplo desse padrão de relacionamento é o direito que o homem acha que tem de ter relações sexuais com uma mulher mesmo contra a vontade dela (TAQUETTE, 2009, TAQUETTE; VILHENA, 2008).

Nesse contexto, os adolescentes são mais frequentemente vítimas de violência e abuso sexual. A iniciação sexual feminina é bem diferente da masculina. Para elas,

a primeira relação sexual está relacionada com afeto e construção de um relacionamento mais profundo e compromissado. Para eles, representa apenas a afirmação de sua masculinidade, independentemente de qualquer vínculo amoroso. Assim, observa-se um modelo sustentado em valores tradicionais de gênero que demarcam as esferas masculina e feminina supondo uma supremacia do ser homem (HEILBORN, 1999).

Alguns padrões de masculinidade estabelecem para o homem a não exteriorização de sentimentos de emoção ou afetividade, sinais de fraqueza feminina que devem ser reprimidos sob pena de comprometerem a sua identidade de "verdadeiro homem". Este modelo opõe-se à exteriorização de comportamentos de fragilidades e insegurança por parte do gênero masculino, e, desde os primeiros anos, os binômios força/fraqueza, coragem/medo, raiva/ choro, entre outros, para homens e mulheres, estão presentes na educação diferenciada de acordo com o sexo (JANUÁRIO et al., 2010).

No entendimento comum, ainda se mantêm não só atitudes que desculpam e legitimam comportamentos violentos masculinos, mas também aquelas que consideram adequado um certo grau de violência nas condutas masculinas. O homem é tradicionalmente representado como o ser ativo, dominante, violento, controlador e racional. A mulher como um ser passivo, obediente, frágil e emotivo (GOMES, 2008; JANUÁRIO et al., 2010).

As questões relacionadas a sexualidade são também integradas na educação dos adolescentes e jovens, tendo em conta as representações sociais e os papéis distintos de homens e mulheres. Tanto a ciência, mais representada pela medicina, como religião representada pela igreja, definiram tradicionalmente conceitos e práticas ideológicas reguladoras para a sexualidade, com opiniões e crenças propagadas e que perduram, julgando o corpo, assim como as práticas e representações a ele associadas, fundamentadas em regras de verdade da moral e da ciência médica hegemônica. O desenvolvimento das sociedades patriarcais contribuiu para que o impulso sexual fosse atribuído aos homens, designando as mulheres o papel de gerar e amamentar os filhos (FÉLIX & PALAFOX, 2009).

Toda esta construção da identidade de gênero que tem como base a distinção sexual marcam as relações sociais e, consequentemente, as que acontecem entre

homens e mulheres. Este modelo de condutas, baseado nas diferenças biológicas e apoiado em estereótipos comportamentais e papéis sociais, origina opostos sobre o gênero masculino e feminino e determina uma identidade que perpetua a mulher passiva e submissa que aceita o domínio do homem, a quem foi “conferido” maior poder e “legitimidade” para se impor (TAQUETTE, 2009).

Dessa forma, as relações de poder e com poder levam a uma aceitação da violência como um fenômeno tolerável e consentido como forma de estabelecer relações de gênero que perpetuam e consentem a violência como uma prerrogativa masculina, quando necessária, para manter o domínio masculino estabelecido sobre a família e sobre a sociedade. Isso pode está de fato, ligado a aceitação das diversas formas de violência existentes nas relações afetivas e que, em sua maioria, vitimizam mais as mulheres.

Ademais, ao examinar a complexidade do fenômeno da violência nas relações de namoro, é fundamental distinguir os envolvimento dos pares como vítimas ou como agressores e atentar para os fatores que contribuem para a perpetração e a vitimização, buscando a compreensão de como tudo isso se apresenta para homens e mulheres. Segundo a World Health Organization, a posição de subordinação das mulheres nas relações interpessoais e o uso da violência para resolver conflitos se configuram como aspectos que se mostram fortemente associados a violência entre parceiros íntimos (WHO, 2010).

Em todos os contextos, as pesquisas sempre vem mostrando maior vitimização das mulheres, negligenciando a violência praticada por elas dentro das relações amorosas, principalmente quando adolescentes e jovens. Nesse sentido, pesquisas de mais de uma década já mostraram que em muitos contextos as mulheres vitimaram seus parceiros de forma recorrente (FOSHEE, 1996; SHARPE & TAYLOR, 1999; HETTRICH & O’LEARY, 2007). Entretanto, estes autores enfatizam que ao passo que os homens sofrem mais violência física, as mulheres são mais encorajadas a relatar a violência sofrida.

A literatura aponta que a violência atribuída à mulher, enquanto agressora, é geralmente verbal e psicológica, de difícil observação e operacionalização, e que estas recorrem à violência moderada (e.g. bofetada, insulto), em sua maior parte, para resolver conflitos conjugais (COSTA & DUARTE, 2000). Assim, pesquisa realizada

para comparar as motivações de homens e mulheres detidos por agressão ao companheiro concluíram que as mulheres relatam o uso da violência em situações de defesa de uma agressão direta, para escapar de um ataque ou para retaliar um ataque passado. Por outro lado, os homens utilizaram a violência para dominar, controlar ou punir a parceira (BUSCH & ROSENBERG, 2004).

Esse conjunto bastante peculiar e contraposto de resultados se alimenta de uma diversidade de vertentes que possam trazer uma base de sustentação que permita o entendimento da violência nas relações de namoro, mas que anseia ainda por muitos estudos que possam trazer um alicerce científico mais sólido para o entendimento desse fenômeno e de suas particularidades. Em síntese, embora a investigação aponte para a existência de características comuns dentro do grupo dos agressores e das vítimas, reitera-se a necessidade de mais investigações nessa área.

2.2 DEFINIÇÃO E TIPOS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS

O namoro pode ser definido como uma relação à dois que envolve ligação para uma interação social, em atividades conjuntas e com o propósito de continuar o relacionamento, até ao momento em que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais próximo seja estabelecido. Essas relações desempenham um papel importante na formação do/a adolescente e fornecem uma base para o desenvolvimento das relações íntimas na vida adulta (ALDRIGHI, 2004; SUTHERLAND, 2011).

As relações de namoro caracterizam-se, maioritariamente, por relações horizontalizadas, em que tanto o homem como a mulher podem terminar o relacionamento, caso um dos dois não esteja satisfeito, conferindo igualdade de direitos a ambos e, consequentemente, liberdade. Nesse contexto, ressalta-se que esta busca pela liberdade e procura de novas sensações fez com que surgisse um novo tipo de relacionamento - o “ficar”. Este caracteriza-se por um relacionamento ocasional, de pouca duração na maioria dos casos, que não implica compromisso, é passageiro, fortuito, superficial, sem consequências ou envolvimentos mais profundos, que permite aumentar o leque de experiências amorosas (MANUEL, 2014).

Destaca-se ainda um conceito que surgiu na década de 80, que é a ‘amizade colorida’, em que homens e mulheres, em envolvimentos hetero, trans ou homossexuais mantêm encontros “com o compromisso de não terem quaisquer compromissos”. Tem as características de um namoro oficial, com beijos, abraços, carícias íntimas, mas não há as mesmas obrigações, como fidelidade. Pode acontecer de uma ou mesmo as duas pessoas se apaixonarem e querer levar a relação para algo mais sério. As consequências podem ser o término da relação ou o início de um namoro, quando este é o desejo de ambas as partes (MANUEL, 2014).

É na adolescência que a maioria das relações afetivas se iniciam, uma fase transicional do desenvolvimento em que ocorrem diversas alterações e biológicas (MUNÕZ; GRAÑA & GONZÁLEZ, 2009). É esperado que o amadurecimento sexual progressivo do adolescente esteja associado ao aumento do seu interesse pelo sexo oposto e ao maior envolvimento no ritual social afetivo. No entanto, este envolvimento pode não estar intimamente relacionado com fatores biológicos da puberdade, mas sim com fatores sociais. Muitos adolescentes/jovens começam a namorar ou ‘ficar’, não por estarem fisicamente mais desenvolvidos, mas sim porque, socialmente e dentro do grupo de amigos do adolescente, se espera que estes se iniciem nessas relações em determinada idade (DORNBUSH et al., 1981).

Diante desse contexto, vale ressaltar que a violência na intimidade é uma situação presente em qualquer modalidade das relações afetivas citadas. Os adolescentes/jovens envolvidos em relações amorosas experimentam variadas formas de abuso (físico, psicológico, sexual), confirmando-se a verdadeira amplitude de um fenômeno que durante anos foi pouco valorizado, principalmente porque estas questões eram trabalhadas apenas nas relações maritais. E apesar de haver diversas denominações para as relações afetivas entre os adolescentes, a maioria das situações violentas existentes se concretizam no namoro, por se configurar como um relacionamento de maior grau de compromisso e durabilidade, nesta fase da vida (BARREIRA et al., 2014).

Segundo Oliveira (2009), a fase dos relacionamentos afetivos iniciais constitui um tipo de relação interpessoal cuja finalidade passa pela experimentação sentimental e/ou sexual entre duas pessoas, mas que nem sempre é uma etapa da vida composta por relacionamentos saudáveis e positivos, ou seja, por vezes pode ser pautada por

momentos de violência. Dessa forma, para Sutherland (2011), a violência afetiva pode ser definida como:

> "A prática ou ameaça de atos de violência na relação hetero ou homossexual, que instala-se nas relações de forma gradual e inclui vários tipos de violência, podendo apresentar-se sob a forma do mais pequeno abuso, à situações mais extremas de violência, como o assassinato" (SUTHERLAND, 2011, p. 32).

Já a Organização Mundial de Saúde define a violência nas relações de namoro como um comportamento dentro de um relacionamento íntimo que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle (WHO, 2009). É uma problemática prevalente entre adolescentes e adultos jovens, motivo pelo qual a investigação desta temática tem aumentado substancialmente nos últimos anos, permitindo uma melhor compreensão de sua origem, causas e consequências dos comportamentos agressivos entre os casais (SHOREY et al., 2013).

A violência nas relações de intimidade é um problema mundial, social e de saúde pública, que ocorre em todas as classes sociais. Apesar da maior incidência e importância do fenômeno se relacionar com as relações de caráter marital, também no namoro e relações mais volúveis, se começa a perspectiva da sua dimensão, podendo este início precoce e de contornos graves prolongar-se e agravar-se com o casamento (WATER et al., 2004).

A violência no namoro pode assumir diversas formas, nomeadamente, abuso psicológico/emocional, físico e sexual e pode ocorrer num contexto de um encontro casual ou numa relação mais séria e longa. No entanto, importa ressaltar que todas as formas de abuso são prejudiciais e devem ser levadas em conta. Geralmente suas manifestações surgem entre os 15 e os 16 anos, através de comportamentos como ameaças verbais, empurrões, tapas, que podem nem sempre ser reconhecidos como violência, e quando reconhecidos como tal, há a atribuição da culpa às vítimas (MILLER, 2011; RODRÍGUEZ et al., 2012).

A violência psicológica refere-se a atos como intimidação verbal, ameaças e/ou atos de violência que podem causar problemas emocionais, incluindo insultos, intimidação, humilhação, constrangimento e isolamento dos amigos/familiares. Há ainda o comportamento de possessividade irracional ou demasiado ciúme e mesmo terrorismo emocional sobre o(a) parceiro(a), no desejo de controlar o comportamento

da outra pessoa, diminuindo sua autoconfiança e limitando a sua capacidade de (re)agir. Relativamente a este tipo de agressão, sabe-se que é tão frequente em homens como em mulheres, porém, os homens estão mais propensos a aumentar a intensidade do abuso quando sentem que estão a perder o controle, podendo até mesmo recorrer a violência física (COELHO & MACHADO, 2010).

A violência física é o uso intencional da força física que tem o potencial para ferir ou matar o outro, e pode envolver o ato de bater, empurrar e/ou asfixiar, esbofetear, dar pontapés, morder e puxar os cabelos, dentre outros. Este tipo de violência, quando dentro de uma relação de namoro varia sobremaneira em função dos diferentes métodos e conceituações utilizados, o que pode dificultar a constatação da real gravidade e extensão do problema (BORREGO et al., 2014).

A violência sexual é entendida como a perpetração ou ameaça de um ato de violência de natureza sexual, por pelo menos um dos parceiros sobre o outro, no contexto de uma relação íntima. Esta violência contempla qualquer forma de agressão sexual, variando do simples contato indesejado, à situação extrema de violação sexual, com a intenção de obter controle, poder e autoridade sobre o outro (SUTHERLAND, 2011). Esta é uma forma de abuso, predominantemente, assimétrico entre sexos, com uma maior vulnerabilidade das mulheres para a vitimização sexual, e dos homens para a perpetração de atos sexualmente abusivos (PEIXOTO; MATOS & MACHADO, 2013).

Existe ainda um outro tipo de violência, sendo o stalking, que se refere a perseguição, vigilância e controle de todos os movimentos da vítima. O termo *stalking* deriva do idioma inglês, no qual a palavra *stalk* significa perseguir, ato de aproximar-se silenciosamente (da caça), atacar à espreita. Implica em atos que um determinado sujeito pratica invadindo a intimidade da vítima, coagindo, marcando presença, exercendo certa influência em seu emocional e, até mesmo, restringindo sua liberdade (COELHO & MACHADO, 2010; SUTHERLAND, 2011; BRASIL, 2014).

Embora existam diferentes tipos de abusos, o significado individual pode influenciar a percepção de acontecimentos ou não de abuso na relação, tanto no que se refere ao agressor, como à vítima ou a ambos. O problema pode ser acentuado quando a violência é expressa sob a forma de abuso emocional (ameaças de terminar a relação, a chantagem emocional, controle de comportamentos e/ou ciúme

excessivo). A não presença de violência física faz com que, por vezes, as adolescentes não valorizem estas condutas. Esta situação pode originar ignorância dos sinais, permitindo o perpetuar do abuso nas relações e o negligenciar do apoio necessário para sair de uma relação abusiva (MILLER, 2011).

Algumas razões teoricamente não justificam a permanência de uma pessoa numa relação abusiva, quando, em princípio, não há uma união estabelecida com implicações relacionadas diretamente ao poder, isolamento social, dependência familiar e dependência econômica. Entretanto, percebe-se que muitos casais veem como difícil o rompimento de um relacionamento, mesmo sem condições de vulnerabilidade afetiva, sendo, muitas vezes, explicado por fatores emocionais e paixão exacerbada, que favorecem expectativas idealizadas de amor e de um relacionamento estável, bem como a presença de crenças e atitudes conservadoras em relação aos papéis de gênero e modelos que podem desculpabilizar a violência (HAYNIE et al., 2013).

Autores afirmam, através de estudos realizados diretamente com adolescentes e jovens do sexo feminino acerca da percepção das participantes sobre a abuso nos relacionamentos de namoro, que a maioria das mulheres não se reconhecem como indivíduas que são abusadas, apesar de dados estatísticos elevados de violência contra mulher serem, demasiadamente, divulgados todos os dias. Tais evidências mostram haver uma disparidade entre o significado de maus tratos e o conteúdo subjacente, onde é possível que as vítimas se declarem intolerantes com maus tratos como um termo, enquanto a capacidade de perceber tais comportamentos abusivos não é, de fato, real (MILLER, 2011; RODRÍGUEZ-FRANCO et al., 2012).

Quando a violência começa num relacionamento sem compromisso, as pessoas envolvidas podem optar em tomar uma decisão, aceitando continuar na relação abusiva ou terminar o relacionamento. No entanto, chegar a esta decisão nem sempre é um caminho bem definido, pois os atos de violência nem sempre se encaixam com experiências passadas e podem ser percebidos como uma exceção e não o início de uma tendência contínua. Existe a percepção de que a vítima sujeita a comportamentos abusivos tem dificuldade em denunciar, por medo da violência se exacerbar, por receio de descrédito ou de sofrer retaliações, vergonha para mostrar a

situação, dependência emocional ou esperança de normalização (CARIDADE, 2011; MILLER, 2011).

Diante dessas particularidades, compreende-se que a violência entre adolescentes e jovens, principalmente no namoro, assume semelhança com a violência doméstica nos adultos, tendendo a aumentar ao longo da duração da relação, onde o ciclo é similar com desculpas e promessas de que não voltará a acontecer e há um aumento do perigo quando a vítima tenta terminar a relação (HAYNIE et al., 2013). O que se percebe em relações como as de namoro é que mesmo as agressões sendo mútuas, a vítima encara-as erroneamente como demonstrações “normais” de ciúme/amor, minimizando, assim, os episódios de violência, estando exatamente nesse contexto, o perigo da banalização das situações hoje vivenciadas (NIOLON et al., 2015).

Ressalta-se que, quando é abordado o fenômeno da violência nas relações de intimidade, é importante compreender o contexto da sua ocorrência, conhecer a história da cultura onde emerge a violência, os mitos e as crenças que lhe estão subjacentes e o significado que a violência tem para as pessoas, incluindo ambos os envolvidos, e direcionar a atenção para os processos culturais, incluindo o reconhecimento de mitos e crenças sobre violência que suportam a sua compreensão

Muitas das crenças que legitimam a violência estão relacionadas com a desigualdade entre homens e mulheres, em que os homens, vistos como seres que detém maior poder, têm o privilégio de controlar os outros membros da família, muitas vezes com a aprovação das mulheres, das crianças e da sociedade em geral, pois, com frequência, estas ideias são reconstruídas e transferidas pelos adultos de ambos os sexos quando educam as crianças (VENTURA, 2014).

Assim, essas discussões acerca das desigualdades de gênero, que banalizam a violência entre os casais, até mesmo na adolescência, levantam a necessidade desses indivíduos terem acesso a informações esclarecedoras a respeito dessa problemática, no sentido de adquirirem competências e estratégias de comunicação para lidar com conflitos no contexto das relações de intimidade.

2.3 FATORES DE RISCO, IMPACTO E CONSEQUÊNCIAS ASSOCIADAS À VIOLÊNCIA NO NAMORO

O conhecimento dos fatores de risco, os impactos e cpnsequencias do contexto de violência nas relações de namoro é primordial para a interrupção do ciclo de violência por meio de intervenções efetivas. Infelizmente, a dificuldade de encontrar consenso na literatura sobre violência afetiva na fase da adolescência e juventude também é válida para o estudo dos fatores de risco. Os trabalhos compartilham poucas variáveis comuns na investigação sobre fatores de risco ou proteção (CARIDADE, 2011; LAPORTE et al., 2011; OMS, 2012).

2.3.1 Contextualização dos fatores de risco da violência nas relações de namoro

Fundamentada nas experiências e nos padrões típicos de interação com as figuras significativas durante a infância, cada indivíduo constrói modelos internos dinâmicos, uma vez que, é a partir destes modelos que o mesmo cria expectativas acerca do que pode esperar de si próprio e dos outros, até mesmo nas relações de afetividade (OLIVEIRA & SANI, 2009). Pais que utilizam a punição como disciplina, mostram aos seus filhos que a violência consiste numa forma apropriada na resolução dos seus problemas. Assim, os comportamentos socialmente aprendidos em meio familiar são muitas vezes reproduzidos pelos adolescentes em espaços extrafamiliares, configurando-se, por vezes, em atitudes de permissividade e violência ao nível das relações íntimas (OLIVEIRA & SANI, 2009; VAGI et al., 2013).

Dentre os fatores de risco que conseguirão predeterminar a ocorrência de violência no namoro, observa-se: fatores familiares (e.g., observar violência interparental, práticas parentais maltratantes, abuso sexual na infância); ambientais (e.g., características dos grupos de pares, observar violência na comunidade); fatores sociodemográficos (e.g., idade, gênero, etnia, nível socioeconômico, área de residência e práticas religiosas); intrapessoais (e.g., comportamentos antissociais, depressão, autoestima); interpessoais (e.g., satisfação relacional, estratégias de resolução de problemas, competências de comunicação, duração da relação, comprometimento emocional); e, por último, fatores situacionais ou contextuais (e.g., consumo de álcool e/ou drogas) (CARIDADE, 2011).

Estudo publicado no ano de 1997, já mostrava que o fato de um dos parceiros experimentar situações de violência na família de origem, envolvendo também abuso sexual, se configurava como forte preditor de vulnerabilidade para violência nas relações de intimidade na adolescência e juventude. E o gênero revelou-se uma importante variável determinante (O'KEEFE, 1997). O controle comportamental e o uso de poder exacerbado têm sido associado aos parceiros violentos, e tem sido mostrado que o controle do comportamento e o ciúme nas relações de namoro são importantes determinantes da agressão física na relação marital (CARIDADE, 2011).

Em relação a outros contextos sociais, a literatura vem documentando que a exposição à violência na escola e/ou na comunidade poderá favorecer a modelagem dos comportamentos agressivos, contribuindo, desta forma para a interação violenta nas relações íntimas (FOSHEE & REYES, 2011). Há a existência de outros estudos realizados que revelaram-se pouco consistentes quanto aos efeitos da exposição a este tipo de violência em ambos os gêneros. Assim, para alguns autores, a exposição à violência na escola aparece associada à perpetração do abuso na intimidade, tanto para o gênero masculino, como para o feminino, não obstante, para outros autores, a observação deste tipo de violência desperta fundamentalmente a vitimização do gênero feminino (CARIDADE, 2011; VAGI et al., 2013).

Neste contexto, considera-se que não existe uma explicação única para o risco de vivencia de violência nas relações de namoro. Independentemente das causas, os agressores devem ser responsáveis pelos atos de violência cometidos e a sociedade deve enfrentar este tipo de violência (CORNELIUS et al., 2009). Em suma, a explicação para os acontecimentos violentos nas relações de intimidade não pode ser atribuída apenas a uma causa específica, mas a uma multiplicidade de fatores que podem ter origem em diferentes contextos (LAPORTE et al., 2011).

No caso dos adolescentes de estatutos sociais e econômicos desfavorecidos, estes apresentam comportamentos mais violentos. Na maior parte dos casos são jovens cuja vida foi marcada precocemente por preceitos involuntários e intrusivos de relação e em que a violência emocional era a mais frequente. Desta forma, estes jovens apresentam dificuldades a nível familiar, individual, na escola e nas relações sociais (MATOS et al., 2009).

Outra perspectiva a se considerar é que a violência física e sexual nas relações de namoro é um fator de risco para o abuso de substâncias, gravidez e tendência suicida. Já os adolescentes com antecedentes de depressão e concepções suicidas tendem a ter uma maior probabilidade de sofrer violência no namoro, devido à sua fragilidade emocional e psicológica (ARAÚJO, 2013).

O risco aumenta nos adolescentes com idades precoces, por volta dos 15 anos, altura em que surgem normalmente as primeiras relações amorosas. A violência no namoro, geralmente, começa na adolescência e contínua, por vezes, na relação matrimonial se não for detectada e tratada (O'LEARY; WOODIN, & FRITZ, 2006). Problemas de conduta e comportamentos antissociais na adolescência predizem também a futura agressão para com o parceiro, masculino ou feminino (HETTRICH & O'LEARY, 2007). Estes argumentos podem predizer uma agressão física e a identificação de razões individuais que podem ditar a escalada de uma agressão verbal para uma agressão física numa relação já adulta (O'LEARY; WOODIN & FRITZ, 2006; HETTRICH & O'LEARY, 2007).

2.3.2 Consequências e impactos da violência nas relações de namoro

Qualquer ato violento acarreta consequência, visíveis ou invisíveis, de maior ou menor gravidade, sendo necessário identificar as consequências da violência no namoro quando se estuda esta problemática. Este conhecimento é útil, quer para identificar a violência quando esta não é relatada, quer para intervir individualmente após a ocorrência da mesma, ou ainda para realizar programas e ações de prevenção.

É sabido que violência no namoro podem trazer diversas consequências físicas, emocionais e sociais para os adolescentes (FOSHEE & REYES, 2011). Há as situações de sofrimento prolongado, que alteram a vida do indivíduo, substancialmente, levando muitas vezes ao afastamento social e a uma diminuição do rendimento escolar (REDONDO; PIMENTEL; CORREIA, 2012). As consequências adversas da violência nas relações de intimidade não estão limitadas à vítima do abuso, mas envolve todos os demais indivíduos do seu convívio,

incidindo diretamente sobre a saúde física e mental dos adolescentes e jovens, trazendo impacto negativo, tanto de imediato como à longo prazo (LEITÃO, 2013).

De acordo com dados trazidos por Oliveira (2011), sobre estudo realizado por Callahan e colaboradores (2003), a violência no namoro está relacionada com níveis inferiores de bem-estar psicológico. No caso das mulheres, estas apresentam maior stress pós-traumático e dissociação quando são vítimas de violência no namoro. No que diz respeito aos homens, enquanto vítimas, além do stress pós-traumático, estes demonstram maiores níveis de ansiedade e depressão.

Os impactos decorrentes dessas situações de violência afetiva, podem contribuir para uma maior vulnerabilidade do adolescente e jovem, favorecendo maior frequência de ocorrência dos atos abusivos. As maiores consequências evidenciadas dizem respeito a: a) danos físicos, corporais e cerebrais, b) alterações dos padrões de sono e perturbações alimentares, c) alterações da imagem corporal, d) distúrbios cognitivos, e) distúrbios de ansiedade, medos e ataques de pânico, f) sentimentos de vergonha, culpa e medo, g) baixa autoestima, h) dependência emocional, i) isolamento social, e j) comportamentos depressivos (REDONDO; PIMENTEL; CORREIA, 2012; LEITÃO, 2013).

Uma forte correlação foi identificada entre namoro e violência com resultados de saúde mais frágeis para ambos os sexos, os estudos tem centrado principalmente a sua atenção nos resultados de saúde física e mental para as vítimas do sexo feminino. Numa pesquisa acerca de adolescentes de ambos os sexos, em alunos do ensino médio, a exposição à violência foi associada com depressão, ansiedade, raiva, transtorno de estresse pós-traumático, insucesso escolar e ideias suicidas, também o aumento das taxas de depressão, distúrbios alimentares, abuso de drogas, álcool e tabaco eram duas vezes mais elevadas nas raparigas vítimas de violência (GLASS et al., 2003).

Com base nas consequências indicadas por diferentes estudos, e para permitir uma melhor percepção, é elencado as seguintes consequências: *1. Física*: dificuldades em dormir; distúrbios alimentares; infecções sexualmente transmissíveis. *2. Psicológicas*: depressão; stress pós-traumático; dissociação; ansiedade; depressão; e ideação suicida. *3. Emocionais*: ansiedade; medo; raiva; menor satisfação com a vida. *4. Comportamentais*: fuga; comportamentos sexuais

inapropriados; comportamentos de controlo de peso inadequados (CALLAHAN; TOLMAN & SAUNDERS, 2003; O'LEARY; WOODIN, & FRITZ, 2006; HETTRICH & O'LEARY, 2007; ARAÚJO, 2013).

Nesse contexto, o que mais pode ser visualizado como exacerbador diante dessas inúmeras consequências da violência afetiva, principalmente na adolescência, é o fato de que, por mais que seja identificado que aquele indivíduo está em situação de violência interpessoal, as demais pessoas não tomam nenhuma iniciativa para favorecer a quebra daquele ciclo por entenderem que, por se tratar de um problema privado do casal, ninguém deve se envolver e que o problema deve ser resolvido entre eles, sem interferências, e isso pode ser um fator determinante para manutenção da violência para a vida conjugal desse casal.

2.4 AÇÕES DE INTERVENÇÃO PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO NAMORO

À medida que se analisam as variadas causas e dimensões da violência nas relações de intimidade, considerando seus fatores de risco, impactos e consequências, maior se torna a informação disponível no sentido de intervir de forma eficaz na sua prevenção. Especialistas na área de intervenção consideram que a educação é a forma de prevenção mais importante, sendo que expõe as causas diretas e subjacentes à violência. A informação/educação acerca do fenômeno da violência, através de programas de intervenção direcionadas para a prevenção, apresenta variados benefícios, particularmente porque permite o acesso a um grande número de jovens e incentiva à concepção de métodos de resolução de conflitos sem recorrer à violência (MURTA et al., 2016).

As primeiras referências na literatura a programas de prevenção da violência nas relações de namoro surgem a partir da década de 1990, com conteúdo e metodologia adequados às diferentes populações alvo. Os programas de intervenção devem ser planejados de acordo com as necessidades dos indivíduos ou grupos para quem se dirige a ação, sendo importante conhecer a idade, o nível de desenvolvimento e a cultura, antes da sua implementação (MANSO et al., 2011). A

sua aplicação deve ser orientada para a prevenção de conflitos nos relacionamentos, através da abordagem de conteúdos fundamentados na aprendizagem de competências, que favoreçam as mudanças de atitude e comportamento e que promovam capacidades intrapessoais como autoconceito, assertividade e independência, habilidades interpessoais como empatia e cuidado, responsabilidade, motivação e capacidade de resolução de problemas (MATOS et al., 2009; SAAVEDRA, 2010).

Diversos pesquisadores na área de violência afetiva, afirmam que é fundamental a realização de ações de intervenção com os adolescentes e jovens desde cedo, quando iniciam essas primeiras relações, reforçando a importância da desconstrução de crenças que legitimam os comportamentos violentos, e prevenindo a banalização da violência no sentido de uma maior compreensão da gravidade deste problema, sensibilizando os mesmos para a utilização de comportamentos não violentos nas suas relações de intimidade (SHOREY et al., 2012; MURTA et al., 2013a; MURTA et al., 2015).

Nas últimas décadas, houve um aumento da consciência de que a violência pode ser prevenida e o seu impacto reduzido. Da mesma forma que os esforços de saúde pública têm impedido e reduzido complicações relacionadas com múltiplas doenças, os fatores que contribuem para respostas violentas, sejam eles fatores de atitude e de comportamento, relacionados com o meio social, condições econômicas, políticas e culturais, podem ser alterados (SHOREY et al., 2012).

Diferentes formas de intervenção podem ser utilizadas no sentido da prevenção da violência nas relações de intimidade. A inclusão no currículo das escolas de programas de prevenção da violência favorece o impacto no conhecimento e consequentemente na procura de ajuda pelos adolescentes e jovens, contribuindo para a intervenção precoce na diminuição das condutas violentas (SILVA; METTRAU, 2010; MURTA et al., 2013b). Nesse contexto, a escola apresenta-se como um espaço importante na socialização desses grupos, assim como um local privilegiado para o aparecimento e necessária sinalização de comportamentos violentos.

A prevenção da violência pode ser concretizada através de programas de informação que incluam, nomeadamente, o relacionamento seguro e estável, o desenvolvimento de competências nos adolescentes e jovens e a promoção da

igualdade de gênero. O planeamento e aplicação de programas de intervenção emergem da necessidade de agir através de estratégias que sejam eficazes na sensibilização acerca importância da utilização de comportamentos saudáveis nas relações de intimidade e que ajudem no esclarecimento e na desconstrução de mitos, crenças e estereótipos de género (WHO, 2009; MURTA et al., 2015).

Os programas de intervenção baseados na divulgação de informação aos adolescentes e jovens sobre as consequências da violência no namoro revelam que estas intervenções conduzem os mesmos a refletirem sobre os comportamentos violentos, porém alguns desses programas têm reduzidos efeitos na mudança das atitudes e crenças sobre a violência, decorrente da abordagem realizada. Ademais, a maioria dos estudos efetuados apontam para a eficácia dos programas de intervenção, evidenciando mudanças positivas, como o aumento do conhecimento e a diminuição a nível das atitudes de legitimação da violência (VAGI et al., 2013; SANTOS; MURTA et al., 2016).

As lições aprendidas com a implementação e avaliação de programas de intervenções indicam direções para o aprimoramento de sua efetividade, especialmente quando realizadas em novos contextos. Esse é o caso do Brasil, onde são ainda poucos os estudos sobre violência no namoro (ANTÔNIO; KOLLER; HOKODA, 2012; ASSIS, et al., 2011) e escassos os programas desenvolvidos para esse fim (MURTA et al., 2013a).

Aqui no país, programas preventivos com esse foco são urgentes, conforme revelam diversas pesquisas realizadas no contexto brasileiro (ASSIS, et al., 2011; OLIVEIRA et al., 2011). Um estudo de âmbito nacional que avaliou 3.205 adolescentes em dez capitais brasileiras, encontrou que 86,9% dos jovens foram vítimas e 86,8% já praticaram, em algum momento da vida, algum tipo de agressão contra o parceiro, seja física, sexual, psicológica ou verbal (OLIVEIRA et al., 2011). As autoras verificaram ainda que 76,6% dos participantes são tanto vítimas como autores das diversas formas de violência.

A bidirecionalidade da violência e as altas taxas de prevalência indicam que adolescentes e jovens brasileiros necessitam fortemente de ações preventivas. Todavia, pesquisas em desenvolvimento e avaliação de programas de prevenção primária à violência no namoro são escassas no Brasil, ainda que seja abundante a

produção em violência de gênero na conjugalidade e na fase adulta (SANTOS & MURTA, 2016). Desenvolver e avaliar sistematicamente programas preventivos para adolescentes por meio do uso de avaliações abrangentes e rigorosas, com grupos de comparação e associação entre múltiplas medidas, é claramente uma das necessidades existentes.

2.5 INSTRUMENTOS CONSTRUÍDOS E VALIDADOS SOBRE VIOLÊNCIA AFETIVA

Em função dos impactos negativos e da alta prevalência da violência no namoro, o uso de medidas padronizadas para avaliar esse fenômeno é essencial. Uma revisão das escalas de violência de namoro indica cinco escalas principais: (1) the Conflict Tactics Scale (CTS-1); (2) the Revised Conflict Tactics Scale (CTS-2); (3) the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI); (4) the Personal and Relationships Profile (PRP); and (5) the Acceptance of Couple Violence Scale (ACVS).

The CTS-1 foi desenvolvida por Straus (1979) e adaptado à língua portuguesa por Hasselmann e Reichnheim (2003). A versão brasileira apresenta equivalência conceitual com a escala original e propriedades psicométricas satisfatórias. A CTS compreende 19 itens, mede as estratégias utilizadas pelos membros da família para resolver possíveis conflitos e indiretamente detecta situações de violência doméstica com base nos seguintes fatores: raciocínio, agressão verbal e agressão física. Em relação à versão em português, os valores do índice de consistência interna são aproximadamente 0,70 para os fatores de agressão verbal e agressão física e de 0,30-0,40 para o fator de raciocínio relativo ao marido para a mulher, esposa para marido e casal.

Vale ressaltar que a aplicabilidade do CTS para adolescentes e jovens foi questionada. Por esse motivo, Straus, et al., (1996) desenvolveram a Revised Conflict Tactics Scale (CTS-2), em que os termos e conteúdos voltados para adultos foram adaptados para uso com adolescentes e outras escalas avaliando várias formas violência também foram adicionadas. O CTS-2 compreende 78 itens que descrevem

ações possíveis pelo entrevistado e seu parceiro, e compreende cinco fatores; três fatores investigam táticas de resolução de conflitos com base na negociação, agressão psicológica e agressão física, e os outros dois fatores investigam as consequências da violência sobre a saúde do entrevistado e seu parceiro, além de aspectos como a coerção sexual e lesões.

O CTS-2 foi adaptado à população brasileira e a versão resultante foi avaliada em relação à sua equivalência conceitual e semântica (MORAES; HASSELMANN; REICHNHEIM, 2002) e propriedades psicométricas (MORAES; REICHNHEIM, 2002). Os valores alfa foram os seguintes: negociação (a = 0,80); agressão psicológica (a = 0,82), agressão física (a = 0,86), coerção sexual (a = 0,65) e lesão (a = 0,65). Estes resultados não obstante, Moraes; Hasselmann e Reichnheim, (2002) chamam a atenção para o grande número de itens incluídos, tornando a escala cansativa para completar, representando assim uma limitação.

A escala Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) foi desenvolvido por Wolfe et al., (2001) e afere o relacionamento atual e o último existente. Compreende 70 itens que avaliam a violência perpetrada e sofreu violência e que permitem avaliar o uso de estratégias de resolução de conflitos positivas ou abusivas nos relacionamentos de encontros adolescentes correspondentes ao comportamento do entrevistado (35 perguntas) e ao comportamento do seu parceiro (35 perguntas). O CADRI investiga cinco formas de violência: abuso físico, abuso sexual, abuso verbal ou emocional, abuso relacional e comportamento ameaçador. No ano de 2011, esse instrumento foi adaptado e validado para o português por Minayo, Assis e Njaine (2011). Na versão destas autoras, foi mantido o contexto inicial do instrumento, porém foram incluídas demais questões, referentes às características dos participantes e aos tipos de relações de intimidade estabelecidas.

O Personal and Relationships Profile (PRP) avalia 22 fatores de risco para violência doméstica, incluindo características individuais e relacionais, além de questões sobre poder e comunicação (STRAUS et al., 1999). A Acceptance of Couple Violence Scale (ACVS), é um dos instrumentos mais curtos apresentados, com os itens que compõem três fatores e medem diretamente as perspectivas dos entrevistados masculinos e femininos sobre violência no namoro. O ACVS foi desenvolvido por Foshee et al., (1998) e compreende 11 itens distribuídos em três

fatores que representam o seguinte: 1) violência entre homens e mulheres; 2) violência feminina no sexo feminino; e 3) a aceitação da violência geral em namoro.

Como pode ser facilmente observado, todas as escalas descritas acima concordam que a construção é multidimensional. Observa-se que três, das quatro escalas, não são exclusivas para relacionamentos, como namoro. Além disso, embora uma deles seja, de fato, específica para essa condição, envolve uma grande quantidade de itens, que podem ser cansativos para os participantes, eventualmente fazendo com que eles desistam do preenchimento e participação da pesquisa.

Em geral, podem ser obtidas evidências da validade e precisão satisfatória de todas as escalas, que permitirá recomendar o uso para o contexto proposto. No entanto, há a necessidade de estudos que possam validar seu conteúdo, quando a proposta de aplicação estiver fora do contexto inicial proposto. Outro ponto importante a ser destacado é que, embora os índices de precisão obtidos por todos os instrumentos construídos não sejam considerados excelentes, também deve ser suscitar o interesse para futuros pesquisadores que desejam medidas avaliativas mais precisas.

3 METODOLOGIA

3.1 MÉTODOS REFERENTE A CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Estudo metodológico transversal, de abordagem quantitativa, que buscou a construção e validação do questionário para identificação de situações de violência nas relações afetivas na adolescência, considerando as propriedades psicométricas de confiabilidade e validade. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, sendo realizada no período de abril a novembro de 2017, e após a construção da primeira versão, o questionário foi submetido à validação de conteúdo.

Na etapa 1, procedeu-se a busca em bases de dados sobre publicações que versassem sobre a temática em questão, como forma de conhecer os diversos aspectos que envolvem a violência nas relações afetivas. Foram utilizados os descritores: “violência”, “violência no namoro” e “adolescente”. Todas as publicações encontradas passaram por leitura reflexiva, a fim de extrair o máximo de informações relevantes para a construção do questionário.

Na etapa 2, procedeu-se a construção do roteiro de questões, divididos em duas partes (dados sociodemográficos e questões específicas), que corresponderam aos passos para se observar a ocorrência de violência nessas relações ocorridas no cotidiano dos adolescentes, identificadas por meio de recomendações atualizadas na literatura.

Na etapa 3, deu-se início a aplicação da estratégia de Validação do Conteúdo, utilizando a técnica Delphi e Validação de Aparência. A Técnica Delphi consiste no julgamento do instrumento por profissionais e pesquisadores com vasta experiência no assunto em questão, onde os mesmos analisam e discutem com os autores sobre um tópico específico (PASQUALI, 2010). Também foi utilizada a estratégia de Validação de Aparência, por proporcionar julgamento sobre a relevância e adequação dos itens (MARTINS, 2006).

O procedimento de Validação de Conteúdo consistiu na análise criteriosa dos itens do questionário, por um painel de profissionais e pesquisadores, sendo

graduados em enfermagem, medicina, psicologia, serviço social e direito, com titulação de especialistas, mestres e/ou doutores, que tenham realizado pesquisas ou atuação profissional voltado a violência afetiva e/ou adolescência. Os juízes foram selecionados por meio da análise de currículos existentes na base de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq).

Os critérios que os profissionais e pesquisadores utilizaram para avaliar os itens foram: objetividade, simplicidade, clareza, pertinência, precisão, variedade e credibilidade, devendo marcar 'X' em discordo ou concordo e trazer algum comentário ou sugestão na coluna ao lado, destinada para tal, caso julgassem necessário. Em relação ao julgamento do conjunto dos itens, os critérios se relacionaram a equilíbrio e amplitude (JUNIOR & MATSUDA, 2012). O material a ser analisado foi enviado por correio eletrônico, juntamente com a carta convite e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com solicitação de devolução no prazo de trinta dias corridos.

O questionário inicial foi composto de duas partes (Apêndice 1). A primeira parte continha os dados sociodemográficos, com a caracterização dos entrevistados, totalizando cinco questões. Na segunda parte, foram trazidas 41 questões específicas sobre o tema central do estudo, organizadas no formato Likert, que trata-se de um conjunto de itens apresentados em forma de afirmações ou opiniões para os quais se busca a reação de juízes, escolhendo um dos pontos trazidos em forma de escala (SAMPIERI; COLLADO & LUCIO, 2013).

De acordo com a literatura (PASQUALI, 2010), o número de profissionais e pesquisadores para o julgamento desse tipo de instrumento deve ser de pelo menos seis; no entanto, optou-se em convidar um número de 66 pesquisadores e/ou profissionais, considerando o número expressivo destes encontrados na Plataforma do CNPq. Na primeira rodada, dos 66 pesquisadores e profissionais contactados, somente 20 profissionais e pesquisadoras do sexo feminino, devolveram o material devidamente preenchido. Na segunda rodada, foram reenviados os questionários (Apêndice 2) com os resultados analisados e com ajustes solicitados àquelas que deram retorno na primeira rodada e destas, doze retornaram com a nota final, após analisarem esses ajustes.

Para analisar a validade de conteúdo das questões elaboradas foi usado o *Content Validity Index* (CVI), que mede a proporção ou porcentagem de juízes que

estão em concordância sobre determinados aspectos do instrumento e de seus itens; e o *Interrater Agreement* (IRA), que avalia a proporção de concordância entre os avaliadores, pelo total de itens do questionário (POLIT & BACK, 2006). O CVI foi calculado com base em três equações matemáticas: O I-CVI (*Content Validity Index for Items* - validade de conteúdo dos itens individualmente), o S-CVI (*Scale-Level Content Validity Index*/*Ave* - média dos índices de validação de conteúdo para todos os índices da escala, e o S-CVI (*Scale-Level Content Validity Index*//UA - proporção de itens de uma escala que atinge escores realmente relevante e muito relevante), por todos os juízes.

O I-CVI é considerado válido se, ao computar as avaliações de juízes, se obtiver índice de aprovação acima de 80% (0,80). Em consequência disso, este é o valor mínimo usado como critério de decisão da permanência do item avaliado (POLIT & BACK, 2006). Assim, perguntas cujos índices foram inferiores a 0,80, foram excluídas do questionário antes da aplicação do teste piloto.

Para se calcular o CVI dos itens (I-CVI), foi dividido o número total de profissionais e pesquisadoras que atribuiu escore de 1 (concordo) pelo total daquelas que avaliaram o questionário (JUNIOR & MATSUDA, 2012). O S-CVI/AVE foi calculado da seguinte forma: somatório dos I-CVI dividido pelo total de itens do questionário. Já o S-CVI/UA foi calculado somando-se os itens que obtiveram a concordância de 100% dos pesquisadores dividido pelo total de itens do instrumento (RUBIO, et al., 2003). Para se calcular o IRA de cada dimensão foi dividido o número de itens que obtiveram score acima de 80% (0,8) de concordância entre os avaliadores, pelo total de itens do questionário (POLIT & BACK, 2006).

Após efetuada a análise das respostas das profissionais e pesquisadoras, com as readequações necessárias, o questionário foi submetido à análise semântica dos itens, considerada a validação de aparência pelo público-alvo. Nesse momento, foi realizado teste-piloto com adolescentes estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual da zona urbana do município de Petrolina/PE. Foram selecionados de forma aleatória 87 adolescentes com idade entre 14 a 19 anos de idade. O questionário aplicado já se encontrava com todos os ajustes realizados pelos autores após os pareceres.

Os critérios de inclusão foram: ser adolescente dentro da faixa etária de 12 a 19 anos; ter vivenciado alguma relação afetiva ao longo da vida (namoro, fica, noivado, entre outros); estar devidamente matriculado e frequentando a escola no período da coleta de dados; ter a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos pais ou responsáveis; e ter assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Para análise da consistência das respostas do teste piloto, foi utilizado o alfa de Cronbach, que é um índice utilizado para medir a confiabilidade do tipo consistência interna de construto, identificando a magnitude em que os seus itens estão correlacionados. Em outras palavras, o alfa de Cronbach é a média das correlações entre os itens que fazem parte de um instrumento, tendo como valores de referência as seguintes denominações: >0,80 quase perfeito; de 0,80 a 0,61 substancial; 0,60 a 0,41 moderado; 0,40 a 0,21 razoável; e <0,21 pequenos (STREINER, 2003; TAVAKOL; DENNICK, 2011). Os instrumentos respondidos foram analisados, e os dados organizados e processados pelos programas Excel e *Stata*, versão 14.0, e apresentados em tabelas e figuras.

Esta etapa da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal do Vale do São Francisco – CEP/UNIVASF, sob o número de parecer 2.473.417 (ANEXO 1).

3.2 MÉTODOS REFERENTE A PESQUISA DE CAMPO

Pesquisa exploratória e intervencionista, de abordagem quantitativa, que teve como sujeitos participantes adolescentes de 10 a 19 anos de idade, estudantes de escolas públicas estaduais de ensino fundamental e médio, localizadas no município de Petrolina/PE. No momento da pesquisa referido município era composto de 45 escolas estaduais (GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO, 2017), sendo que a escolha das escolas onde se deu através de sorteio após amostragem semiprobabilística por conglomerados. Na seleção não foram incluídas as escolas de referência, considerando que são as unidades escolares em que mais ocorrem intervenções e atividades socioeducativas, e essas particularidades poderiam camuflar de alguma forma os resultados esperados.

Petrolina é um município situado no sertão pernambucano e região Nordeste do país. Tem uma população estimada de 326.017 mil habitantes e área de 4.561,872 km², distante 721 km a oeste de Recife, capital do Estado. Banhado pelo rio São Francisco, em conjunto com o vizinho município de Juazeiro/Bahia, forma o maior aglomerado urbano do semiárido (IBGE, 2017).

As escolas que fizeram parte do sorteio, tinham atualmente 23.600 alunos matriculados. Baseado nesse número, a quantidade de adolescentes participantes do estudo foi determinado através de cálculo amostral, pelo Programa Sample Size Calculation for X-Sectional Surveys, utilizando correção de efeito de desenho de 1,5; considerando a necessidade de correção da imprecisão pelo processo de amostragem que foi por conglomerados. O cálculo teve um nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%. Adotou-se prevalência de 50%, devido o desconhecimento do número real do fenômeno em questão, onde mostrou-se que seria necessária uma amostra de pelo menos 563 adolescentes para se ter um número de alunos que pudessem representar um nível de confiança na pesquisa.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: (i) os adolescentes que estejam na faixa etária de 10 a 19 anos e estivessem devidamente matriculados nas escolas estaduais selecionadas, independente da série/ano que estivessem cursando; e (ii) os sujeitos que aceitarem participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (se maior de 18 anos). Aqueles menores de 18 anos, que tiveram o consentimento dos pais ou responsáveis para participar da pesquisa, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, expressaram sua vontade própria em participar, assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

O processo de amostragem se deu em múltiplos estágios, considerando os critérios de inclusão estabelecidos, e baseado no número de alunos propostos pelo cálculo amostral. A população-alvo foi selecionada de forma aleatória estratificada por faixa etária. Após essa seleção, foi realizado sorteio até atingir o total de 563 alunos, no qual os estratos foram definidos em função dos objetivos do estudo, sendo mutuamente exclusivos e exaustivos.

Os dados foram coletados através da aplicação do questionário autoaplicável construído e validado pelas pesquisadoras, contendo dados sociodemográficos e econômicos, e questões específicas referentes ao objeto de estudo. Questionários

são métodos de recolha de informações baseados em perguntas escritas e são particularmente úteis quando é preciso obter o mesmo tipo de informação de um grande número de pessoas (ALMEIDA & ROUQUAYROL, 2006).

As variáveis sociodemográficas e econômicas que foram coletadas na pesquisa envolveram: idade, sexo, raça/cor, renda, com quem mora, situação conjugal dos pais, situação amorosa; já sofreu violência dos pais; se a mãe já sofreu violência; já presenciou ou presencia violência entre os pais; e a percepção e vivência de violência em relacionamentos afetivos. As questões específicas englobaram diversas situações cotidianas que pudessem ser percebidas (concordam) ou não (discordam) como violência pelos adolescentes participante da pesquisa, bem como a frequência de sua vivência e propagação nas relações afetivas.

Os resultados foram analisados por meio de distribuição de frequência absoluta e relativa e medidas de tendência central e dispersão de acordo com o tipo de variável. A associação dos fatores à não percepção da violência foi realizada por meio do modelo logístico binário. Inicialmente, realizou-se a análise bivariada e, as variáveis cujos valores de p foram menores a 0,20, foram incluídas no modelo múltiplo. Para avaliar o grau da associação foi obtido o *Odds ratio* (OR) ajustado no modelo multivariado e o respetivo intervalo de confiança. O nível de significância adotado foi de 5% e os intervalos de confiança de 95% (IC95%). Para análise estatística, utilizou-se o software Stata 14.0 e Microsoft Office Excel 2013 para confecção das tabelas.

A referida pesquisa intervencionista foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco (CEP-UPE), sob o número de parecer 1.658.119 (anexo 2), e Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (CEP-UFPE), sob o número de parecer 1.783.063 (anexo 3).

4 RESULTADOS

4.1 ARTIGO 1 - VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DE UM QUESTIONÁRIO DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS

RESUMO

Objetivou-se descrever os critérios de construção, validação de conteúdo e de aparência de um questionário de identificação de violência nas relações afetivas na adolescência. Estudo metodológico transversal, de abordagem quantitativa, realizado entre a junho a novembro de 2017, com construção de questionário e validação de conteúdo e de aparência por conferência Delphi com 20 expertises da área de violência e adolescência. Para avaliar a clareza e pertinências dos itens do questionário, foi realizado teste piloto com 76 adolescentes, e a análise da validade do conteúdo e confiabilidade dos itens através do *Content Validity Index* (CVI), o *Interrater Agreement* (IRA) e o alfa de Cronbach. Os dados foram analisados e processados pelos programas Excel e *Stata*, versão 14.0. Os índices calculados na primeira rodada Delphi trouxeram como resultado CVI=0,93 e IRA=0,93, evidenciando a validade e confiabilidade do conteúdo do construto, e na segunda rodada, o questionário teve 100% de concordância pelas profissionais e pesquisadoras. A verificação da consistência interna apresentou média de 0,803, calculado através do alfa de Cronbach. O questionário possui validade de conteúdo e de aparência conforme o objetivo proposto, tendo em vista que os índices de fidedignidade e concordância, e o alfa de Cronbach alcançaram valores acima do padrão estabelecido de 80%.

Palavras chave*:* Estudo de validação. Questionário. Violência afetiva. Adolescente. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

Objective: to describe the criteria for constructing, validating the content and appearance of a questionnaire identifying violence in the affective relationships in adolescence. *Method*: cross-sectional methodological study, carried out between Juny and November 2017, with questionnaire construction and content and appearance validation by Delphi conference with 20 experts from the area of violence and adolescence. In order to evaluate the clarity and pertinence of the items of the questionnaire, a pilot test was conducted with 76 adolescents, and the analysis of the content validity and reliability of the items through Content Validity Index (CVI), the Interrater Agreement (IRA), and Cronbach's alpha. The data were analyzed and processed by the programs Excel and Stata, version 14.0. *Results*: The calculated indices in the first Delphi round resulted in CVI = 0.94 and IRA = 0.93, evidencing the validity and reliability of the content of the construct, and in the second round, the questionnaire had 100% agreement by the professionals and researchers. The internal consistency check presented an average of 0.807, calculated through Cronbach's alpha. *Conclusion*: the questionnaire has content and appearance validity according to the proposed objective, since the reliability and concordance indexes, and Cronbach's alpha, reached values above the established standard of 80%.

Keywords: Validation study. Questionnaire. Affective violence. Teenager. Vulnerability.

INTRODUÇÃO

Os relacionamentos afetivos são reconhecidos como um tipo de envolvimento interpessoal, com base em sentimentos e vivências mútuas, com nível de compromisso variável. Pode ser definido como uma relação entre duas pessoas que envolve ligação para uma interação social, em atividades conjuntas e com o propósito de continuar o relacionamento, até ao momento em que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais forte seja estabelecido. Pela subjetividade de suas características, pode ser alvo de situações de violência pelo não entendimento, por parte um ou de ambos os envolvidos, da livre escolha de se manter

ou não dentro dessas relações com manutenção de uma postura individualizada (SUTHERLAND, 2011).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência no namoro pode ser definida como o comportamento por um parceiro íntimo que venha a causar dano de natureza física, sexual ou psicológica, que vão desde atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico de diversas naturezas, a comportamentos controladores (WHO, 2013).

Segundo denominações norte-americanas, a violência que ocorre nos relacionamentos é conhecida como "*dating violence*" ou "*courtship violence*", e já vem sendo discutida há mais tempo na realidade internacional[1]. Em âmbito nacional se configura como uma problemática discutida muito recentemente, tendo sido mais alavancada a partir do ano de 2010 (ALMEIDA, 2010; NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; ANTONIO; KOLLER & HOKODA, 2012; BARREIRA; LIMA & AVANCI, 2013; MURTA et al., 2014; BESERRA et al., 2015), baseado nas perspectivas de melhorar as experiências afetivos-sexuais nos adolescentes e jovens e favorecer a prevenção de violência conjugal (MINAYO; ASSIS & NJAINE, 2011).

Evidências levantadas a respeito dessa problemática mostram que indivíduos que perpetuam atos violentos em sua vida adulta podem ter sido vítimas ou perpetradores de violência na fase da adolescência, com situações originadas até mesmo na infância, dentro do seio familiar (BESERRA et al., 2016). E esses comportamentos negativos podem afetar de forma crônica a saúde física e mental dos adolescentes, deixando-os mais propensos a sintomas de ansiedade, depressão e vivência de pensamentos suicidas (BESERRA et al., 2016).

Assim, considerando as informações elencadas, realizou-se uma ampla busca nas bases científicas e identificou-se que, nacionalmente, tem poucos questionários capazes de envolver todas ou a maioria das dimensões que consideram a violência no namoro na adolescência, sendo necessário a construção/validação de instrumentos que possam dar sustentação ao levantamento de informações sobre os diversos aspectos da violência nas relações afetivas na adolescência. Os achados mostram algumas escalas construídas, entretanto, em realidades internacionais (PRICE et al., 1999; WOLFE et al., 2001; STRAUS, 1979).

Em função dos impactos negativos e da alta prevalência da violência no namoro, o uso de medidas padronizadas para avaliar esse fenômeno é essencial. Uma revisão das escalas de violência de namoro indica cinco instrumentos principais: 1. Conflict Tactics Scale (CTS-1); 2. Revised Conflict Tactics Scale (CTS-2); 3. Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI); 4. Personal and Relationships Profile (PRP); and 5. Acceptance of Couple Violence Scale (ACVS).

The CTS-1 foi desenvolvida por Straus, em 1979 (STRAUS, 1979), e adaptado à língua portuguesa por Hasselmann e Reichnheim, em 2003 (HASSELMANN & REICHENHEIM, 2003). A versão brasileira apresenta equivalência conceitual com a escala original e propriedades psicométricas satisfatórias. A CTS compreende 19 itens, mede as estratégias utilizadas pelos membros da família para resolver possíveis conflitos e indiretamente detecta situações de violência doméstica com base nos seguintes fatores: raciocínio, agressão verbal e agressão física.

Vale ressaltar que a aplicabilidade do CTS-1 para adolescentes e jovens foi questionada. Por esse motivo, Straus e colaboradores (1999) realizaram a adaptação deste para CTS-2, em que os termos e conteúdos voltados para adultos foram adaptados para uso com adolescentes e outras escalas avaliando várias formas violência também foram adicionadas. O CTS-2 compreende 78 itens, sendo questionada por Moraes; Hasselmann e Reichnheim (2002), por se tratar de uma escala com grande número de itens incluídos, tornando-a cansativa para completar, representando assim uma limitação.

O CADRI foi desenvolvida em 2001 por Wolfe e colaboradores (2001) e afere o relacionamento atual e o último existente. Compreende 70 itens que avaliam a violência perpetrada e sofrida, investigando cinco formas de violência: abuso físico, abuso sexual, abuso verbal ou emocional, abuso relacional e comportamento ameaçador. No ano de 2011, esse instrumento foi adaptado e validado para o português por Minayo e colaboradoras, sendo incluídas demais itens, referentes às características dos participantes e aos tipos de relações de intimidade estabelecidas, sendo também considerado um instrumento com muitos quesitos, e por vez, cansativo (MINAYO; ASSIS & NJAINE, 2011).

O PRP avalia 22 fatores de risco para violência doméstica, incluindo características individuais e relacionais, além de questões sobre poder e comunicação

(STRAUS et al., 1999). Já a ACVS foi desenvolvido por Foshee e colaboradores em 1998 e compreende 11 itens distribuídos em três fatores que representam o seguinte: 1) violência entre homens e mulheres; 2) violência no sexo feminino; e 3) a aceitação da violência geral em namoro (FOSHEE et al., 1998). Ressalta-se que, essas duas escalas são internacionais e precisam passar por um processo de adaptação transcultural para ser aplicada na realidade brasileira.

Como pode ser observado, a maioria das escalas citadas não são exclusivas para relacionamentos de namoro na adolescência. Além disso, embora uma delas seja específica para essa condição, envolve uma grande quantidade de itens, que podem ser cansativos para os participantes, eventualmente fazendo com que eles desistam do preenchimento e participação da pesquisa.

Em geral, podem ser obtidas evidências da validade e precisão satisfatória de todas as escalas citadas, que permitirá recomendar o uso para o contexto proposto. No entanto, há a necessidade de estudos que possam validar seu conteúdo, quando a proposta de aplicação estiver fora do contexto inicial proposto. Outro ponto importante a ser destacado é que, embora os índices de precisão obtidos por todos os instrumentos construídos não sejam considerados excelentes, também deve ser suscitado o interesse para futuros pesquisadores que desejam medidas avaliativas mais precisas.

Considerando a prevalência crescente de violência nas relações afetivas na adolescência, e as fragilidades e limitações das escalas existentes para levantamento de dados sobre essa problemática, o desenvolvimento deste estudo foi motivado pelos seguintes pressupostos: 1. A construção do primeiro instrumento brasileiro para avaliar a ocorrência de violência afetiva na adolescência; 2. A elaboração de um instrumento que possa levantar dados sobre violência, considerando questões do cotidiano do adolescente dentro de suas relações afetivas e que nem sempre são reconhecidas como violência; e 3. O desenvolvimento de um instrumento que envolva as abordagens da violência física, sexual e psicológica em poucos itens e que permita ser auto aplicado aos adolescentes de forma clara e rápida.

À partir das informações elencadas, o desenvolvimento deste estudo traz seguinte questão norteadora: Como se apresenta um questionário de identificação de violência nas relações afetivas na adolescência, após ser submetido ao processo de

validação de conteúdo? O objetivo foi descrever os critérios de construção e validação de conteúdo de um questionário de identificação de violência nas relações afetivas na adolescência.

MÉTODO

Estudo metodológico, de abordagem quantitativa, que buscou a construção e validação do questionário para identificação de situações de violência nas relações no namoro na adolescência, considerando as propriedades psicométricas de confiabilidade e validade. Um estudo do tipo metodológico refere-se à elaboração de instrumentos de captação ou de manipulação da realidade fazendo uso de métodos para obtenção, organização e análise de dados visando à elaboração, validação e avaliação de instrumentos e técnicas de pesquisa, para o alcance de um questionário preciso, confiável e utilizável por outros pesquisadores (POLIT; BECK & HUNGLER, 2004; GIL, 1999).

A pesquisa foi desenvolvida em um primeiro momento com três etapas, e após a construção da primeira versão, o questionário foi submetido à validação de conteúdo. O segundo momento foi realizado com a validação de aparência, através da análise semântica do questionário. Os dois momentos ocorreram no período de junho a novembro de 2017.

ETAPAS DA CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO

Na etapa 1, procedeu-se a busca em bases de dados sobre publicações que versassem sobre a temática em questão, como forma de conhecer os diversos aspectos que envolvem a violência nas relações afetivas. Foi realizada uma revisão de literatura extensa em bases de dados nacionais e internacionais, de forma que fossem trazidos todos os aspectos científicos sobre a temática da violência afetiva e sobre construção e validação de instrumentos. As bases analisadas envolveram a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MedLine); Scientific

Electronic Library Online (Scielo); Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); e Cochrane library.

Foram utilizados os descritores “*construção*” and “*validação*” and “*instrumentos*” onde encontrou-se 859 artigos publicados em forma de resumo ou texto completo desde o ano de 1981, sob diversos idiomas. Após filtrar por idioma português, inglês e espanhol, e mantendo somente os descritores “*validação*” and “*instrumentos*” and “*violência*”, obteve-se a quantidade de 79 artigos e teses publicados, sendo que após a leitura dos resumos, foi mantido somente a quantidade de 45 publicações a serem analisadas e utilizadas nesta construção. Todas as publicações encontradas passaram por leitura reflexiva, a fim de extrair o máximo de informações relevantes para a construção do questionário, o que permitiu a discussão de todos os achados trazidos.

Na etapa 2, procedeu-se a construção do roteiro de questões do instrumento, que corresponderam aos passos para se observar a ocorrência de violência nessas relações ocorridas no cotidiano dos adolescentes, identificadas por meio de recomendações atualizadas na literatura. O questionário inicial foi composto, inicialmente, de 41 questões específicas sobre o tema central do estudo, organizadas no formato Likert. O formato Likert trata-se de um conjunto de itens apresentados em forma de afirmações ou opiniões, para os quais se busca a reação de juízes, escolhendo um dos pontos trazidos em forma de escala (SAMPIERI; COLLADO & LUCIO, 2013).

Na etapa 3, deu-se início a aplicação da estratégia de Validação do Conteúdo, utilizando a técnica Delphi. A Técnica Delphi consiste no julgamento do instrumento por profissionais e pesquisadores com vasta experiência no assunto em questão, onde os mesmos analisam e discutem com os autores sobre um tópico específico (PASQUALI 2010). De acordo com Williams e Webb essa técnica “debruça-se sobre o julgamento de um grupo de especialistas consistindo em questioná-los sobre questões ou assuntos específicos”, possibilitando aos especialistas expressarem suas opiniões sobre um determinado tema, existindo construção participativa, mas sem contato face a face (WILLOIAMS & WEBB, 1994).

Baseado nessa técnica, parte-se de uma interrogação individual, as respostas são consideradas em conjunto e, em forma de resumo, são compartilhadas por todo

o grupo, em prosseguimento segue novo interrogatório – amparado pelas respostas dos especialistas – e as respostas, novamente compartilhadas. Esse processo é usualmente repetido de duas a três vezes até a obtenção do consenso. O consenso é objetivado pela técnica uma vez que os respondentes são convidados, a cada etapa do processo, a reconsiderarem suas opiniões a partir da visão do conjunto dos especialistas (SPÍNOLA, 1984; POLIT, 1987).

De acordo com a literatura, o número de profissionais e pesquisadores para o julgamento desse tipo de instrumento deve ser de pelo menos seis, para se ter uma fidedignidade da amostra (HASSELMANN & REICHENHEIM, 2003). No entanto, Spínola ressalta que não há um número preestabelecido de juízes ou especialistas para se validar os resultados obtidos, variando conforme o fenômeno em estudo e critérios para seleção destes especialistas. Estes devem ser peritos ou possuidores de conhecimento sobre o fenômeno e, ter disponibilidade e motivação para participar das distintas etapas do estudo (SPÍNOLA, 1984).

Dessa forma, optou-se em convidar um número de 66 pesquisadores e/ou profissionais, selecionados através da análise de currículos cadastrados na base de dados da Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq). Esta Plataforma é uma das bases de dados científicos de pesquisadores do Brasil mais importante, sendo um padrão nacional de registros de estudantes e pesquisadores do país, onde pode ser encontrado todas as informações referentes a área de atuação e pesquisa, bem como as publicações científicas de todos os pesquisadores nela cadastrados.

Considerando as características sociodemográficas das juízas que emitiram parecer, à partir da primeira rodada Delphi, as mesmas encontravam-se na faixa etária de 25 a 68 anos, todas do sexo feminino, sendo cinco atuantes na região sul; sete na região sudeste; duas na região centro-oeste; seis na região nordeste; e duas na região norte do país. Eram graduadas em enfermagem, medicina, psicologia, serviço social e direito, e todas já haviam realizado pesquisas ou atuação profissional voltado a violência afetiva e/ou adolescência, com publicações na área. A maioria graduou-se na década de 90 e atuavam em instituições universitárias públicas, na docência e na pesquisa, com tempo médio de trabalho de cinco a 26 anos.

Na primeira rodada Delphi, foi encaminhado o questionário para os 66 pesquisadores e profissionais, sendo que somente 20 destes deram feedback com o material devidamente preenchido e editado com ajustes e sugestões. O material a ser analisado foi enviado por correio eletrônico, juntamente com a carta convite e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com solicitação de devolução no prazo de trinta dias corridos.

Os participantes avaliaram de forma criteriosa o instrumento considerando o procedimento de Validação de Conteúdo e de Aparência, realizando julgamento sobre a relevância e adequação dos itens trazidos (POLIT, 1987). Os critérios utilizados para avaliar os itens foram: objetividade, simplicidade, clareza, pertinência, precisão, variedade e credibilidade, devendo, na primeira rodada Delphi, marcar 'X' em discordo ou concordo, e trazer algum comentário ou sugestão na coluna ao lado, destinada para tal, caso julgassem necessário.

Na segunda rodada Delphi, foram reenviados os questionários com os resultados analisados e com ajustes solicitados na primeira rodada e destes, 12 pesquisadores e profissionais deram novo feedback com a nota final, após analisarem esses ajustes, dentro do prazo de mais trinta dias após o recebimento do instrumento ajustado. Das doze juízas que emitiram parecer nets segunda rodada, quatro tinham especialização em saúde pública; cinco especializaram-se em saúde coletiva; e três em saúde da criança e do adolescente. Sete eram doutoras; três eram mestres, sendo que duas destas estavam cursando doutorado; e duas eram especialistas.

Nesta rodada de opinião das especialistas, foi enviado o questionário com 11 questões socioeconômicas e 38 questões específicas com os ajustes, e solicitado que as juízas pudessem avaliar os mesmo como Concordo ou Discordo novamente, e atribuíssem uma nota final, baseada na seguinte descrição: *0.0 a 4.0* – ruim e de difícil entendimento; *4.1 a 6.0* – razoável e de pouco entendimento; *6.1 a 8.0* – muito bom e de entendimento adequado; *8.1 a 10.0* – excelente e de ótimo entendimento.

Em relação ao julgamento do conjunto dos itens do instrumento, os critérios se relacionaram a equilíbrio e amplitude (JUNIOR & MATSUDA, 2012). Nesse quesito, os pesquisadores foram orientados a analisarem toda extensão de magnitude do contínuo considerando a amplitude dos itens. E com relação ao equilíbrio, avaliaram

se a maior parte das questões apresentaram pouca dificuldade em relação ao entendimento do seu conteúdo (PASQUALI, 2007).

Após o recebimento do feedback por parte dos juízes, foi realizada a análise da validade de conteúdo das questões elaboradas, através do *Content Validity Index* (CVI), que mede a proporção ou porcentagem de juízes que estão em concordância sobre determinados aspectos do instrumento e de seus itens; e o *Interrater Agreement* (IRA), que avalia a proporção de concordância entre os avaliadores, pelo total de itens do questionário (POLIT & BECK, 2006). O CVI foi calculado com base em três equações matemáticas: O I-CVI (*Content Validity Index for Items* - validade de conteúdo dos itens individualmente), o S-CVI (*Scale-Level Content Validity Index*/*Ave* - média dos índices de validação de conteúdo para todos os índices da escala, e o S-CVI (*Scale-Level Content Validity Index*//UA - proporção de itens de uma escala que atinge escores realmente relevante e muito relevante), por todos os juízes.

O I-CVI é considerado válido se, ao computar as avaliações de juízes, se obtiver índice de aprovação acima de 80% (0.80). Em consequência disso, este é o valor mínimo usado como critério de decisão da permanência do item avaliado (POLIT & BECK, 2006). Assim, perguntas cujos índices foram inferiores a 0.80, foram excluídas do questionário antes da avaliação semântica, com a aplicação do teste piloto.

Para se calcular o CVI dos itens (I-CVI), foi dividido o número total de profissionais e pesquisadoras que atribuiu escore de ‘1’ (concordo) pelo total daqueles que avaliaram o questionário (JUNIOR & MATSUDA, 2012). O S-CVI/Ave foi calculado da seguinte forma: somatório dos I-CVI dividido pelo total de itens do questionário. Já o S-CVI/UA foi calculado somando-se os itens que obtiveram a concordância de 100% dos pesquisadores dividido pelo total de itens do instrumento (RUBIO et al., 2003). Para se calcular o IRA de cada dimensão foi dividido o número de itens que obtiveram score acima de 80% (0,8) de concordância entre os avaliadores, pelo total de itens do questionário (POLIT & BECK, 2006).

VALIDAÇÃO DE APARÊNCIA - ANÁLISE SEMÂNTICA DO INSTRUMENTO

Após efetuada a análise das respostas das profissionais e pesquisadoras, com as readequações necessárias, o questionário foi submetido à análise semântica dos itens, considerada a validação de aparência pelo público-alvo. Nesse momento, foi realizado teste-piloto com adolescentes estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual da zona urbana do município de Petrolina, estado de Pernambuco, Brasil. Foram selecionados de forma aleatória 87 adolescentes.

A escola selecionada tinha 810 alunos matriculados no ensino médio no momento da realização da pesquisa, sendo que foi realizado cálculo amostral que evidenciou que era necessária uma amostra de 10% do total de alunos para compor a amostra necessária. Dessa forma, foi escolhido, aleatoriamente, 87 adolescentes com idade entre 14 a 19 anos de idade, os quais foram enviados os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais ou responsáveis para autorização da pesquisa, e entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ao próprio adolescente que tivesse interesse em participar após a autorização dos seus tutores.

Os critérios de inclusão foram: ser adolescente dentro da faixa etária de 12 a 19 anos; ter vivenciado alguma relação afetiva ao longo da vida (namoro, fica, noivado, entre outros); estar devidamente matriculado e frequentando a escola no período da coleta de dados; ter a assinatura do TCLE dos pais ou responsáveis; e ter assinado o TALE.

Foram entregues os questionários aos 87 adolescentes selecionados, explicado a forma de preenchimento e reiterado que somente deveriam proceder com esse preenchimento caso compreendessem as questões. Aqueles quesitos que fossem mal interpretados, deveriam ser deixados em branco. As pesquisadoras se mantiveram disponíveis em sala de aula junto com eles, afim de para retirar quaisquer dúvidas com relação ao preenchimento, caso se fizesse necessário, não tendo havido maiores problemas relacionado a esse preenchimento.

Para análise da consistência das respostas do teste piloto, foi utilizado o alfa de Cronbach, que é um índice utilizado para medir a confiabilidade do tipo consistência interna de construto, identificando a magnitude em que os seus itens estão correlacionados. Em outras palavras, o alfa de Cronbach é a média das correlações entre os itens que fazem parte de um instrumento, tendo como valores de referência

as seguintes denominações: >0,80 quase perfeito; de 0,80 a 0,61 substancial; 0,60 a 0,41 moderado; 0,40 a 0,21 razoável; e <0,21 pequenos (STREINER, 2003; TAVAKOL & DENNICK, 2011). Os instrumentos respondidos foram analisados, e os dados organizados e processados pelos programas Excel e *Stata*, versão 14.0, e apresentados em tabelas e figuras.

A pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal do Vale do São Francisco – CEP/UNIVASF, sob o número de parecer 2.473.417.

RESULTADOS

PRIMEIRA ETAPA – ESPECIALISTAS

De acordo com os resultados das respostas das juízas em relação à concordância e representatividade dos itens do questionário, dispostos na tabela 1, observa-se que a maior parte obteve I-CVI acima de 0,9 (n=43). Observa-se, também, média de I-CVI (S-CVI/Ave) de 0,94 para o instrumento como um todo, o que significa que o conteúdo do instrumento possibilita medir o que se propõe medir. O IRA, que se configurou como o índice que determinou a confiabilidade das avaliações das participantes, ficou acima de 0,9 em todo o contexto do instrumento avaliado.

Tabela 1. Concordância dos juízes em relação aos atributos dos itens que compõem o questionário, a partir da aplicação dos testes CVI e IRA. Brasil, 2017.

	QUESTÕES AVALIADAS	I-CVI
1	Durante sua infância ou até mesmo na sua adolescência você já presenciou algum tipo de violência entre seus pais (física, sexual ou psicológica)?	0,95
2	Você já foi vítima de algum tipo de violência (física ou psicológica) por parte de seus pais?	0,95
3	Você já foi vítima de algum tipo de violência (física ou psicológica) por parte de algumas pessoa que não seja seus pais?	0,95
4	Reconhece já ter vivenciado alguma situação de violência dentro de um relacionamento de namoro (paquera ou fica) que você teve (anteriores e/ou atuais)?	0,90

5	Alguma vez já foi internado ou precisou buscar algum tipo de ajuda decorrente de algum tipo de violência sofrida por parte de seu namorado, paquera ou ficante?	1,00
6	Alguma vez precisou retirar/mudar alguma roupa em que estava vestida por exigência do seu namorado, paquera ou ficante?	1,00
7	Alguma vez você deixou de ir a algum lugar por ser proibida pela seu namorado, paquera ou ficante?	1,00
8	Meu namorado, paquera ou ficante já me tocou sexualmente mesmo contra minha vontade	1,00
9	Eu já toquei meu namorado, paquera ou ficante sexualmente contra sua vontade	1,00
10	Meu namorado, paquera ou ficante provocou ciúmes em mim diante dos amigos e/ou familiares	1,00
11	Eu provoquei ciúmes ao meu namorado, paquera ou ficante diante dos amigos e/ou familiares	1,00
12	Meu namorado, paquera ou ficante destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa que eu gostava	1,00
13	Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que meu namorado, paquera ou ficante gostava	0,95
14	Meu namorado, paquera ou ficante jogou em minha cara algo que fiz no passado que o desapontou	0,25
15	Eu joguei na cara do meu namorado, paquera ou ficante algo que fez no passado que me desapontou	0,25
16	Meu namorado, paquera ou ficante me diz coisas que sabem que me deixam furiosa, só pra provocar	0,95
17	Eu digo coisas que sei que deixam meu namorado, paquera ou ficante furioso, só pra provocar	0,95
18	Meu namorado, paquera ou ficante já atirou algum objeto em mim (mesmo sendo um objeto leve) durante um discussão	1,00
19	Eu já atirei um objeto no meu namorado, paquera ou ficante durante uma discussão (mesmo sendo um objeto leve)	1,00
20	Meu namorado, paquera ou ficante já falou comigo em tom de voz agressivo	1,00
21	Eu já falei com meu namorado, paquera ou ficante em tom de voz agressivo	1,00
22	Meu namorado, paquera ou ficante já me fez fazer sexo com ele sem camisinha, mesmo contra minha vontade	1,00
23	Eu já fiz sexo com meu namorado, paquera ou ficante sem camisinha, mesmo contra sua vontade	1,00
24	Meu namorado, paquera ou ficante já me empurrou e/ou me deu um tranco	0,95
25	Eu já empurrei e/ou dei um tranco no meu namorado, paquera ou ficante	0,95
26	Meu namorado, paquera ou ficante já gritou ou berrou comigo a sós ou na frente de outras pessoas	1,00
27	Meu namorado, paquera ou ficante já utilizou de força física comigo em alguma (as) situação (ões) para conseguir algo que queria	1,00

28	Eu já utilizei de força física com meu namorado, paquera ou ficante em alguma (as) situação (ões) para conseguir algo que eu queria	1,00
29	Um namorado não deve compartilhar nenhum segredo seu com outra pessoas que não seja a namorada	0,95
30	Todo relacionamento tem brigas e podem até chegar a uns pequenos tapas e empurrões	1,00
31	A traição, principalmente por parte do homem, é algo normal em um relacionamento de namoro, paquera ou fica	1,00
32	No relacionamento de namoro, paquera ou fica sempre tem um que manda mais que o outro	1,00
33	As mulheres não devem ter os mesmo direitos que os homens durante uma relação, pois essas diferenças são saudáveis aos bons relacionamentos	0,15
34	Quando há alguma situação de insulto ou agressão dentro de uma relação de namoro, paquera ou fica, se o casal optar por continuar na relação, é porque merecem a situação que vivem	1,00
35	É mais normal e aceitável que o homem agrida a mulher	1,00
36	O namorado, paquera ou ficante tem o direito de proibir que a companheira saia de casa para não se expor	1,00
37	O namorado, paquera ou ficante tem o direito de escolher os amigos da companheira	1,00
38	O namorado, paquera ou ficante tem o direito de impedir a companheira de sair com algumas roupas que exponham demais o corpo da companheira (saia ou vestido curto; roupa muito colada, entre outros)	1,00
39	O namorado, paquera ou ficante tem o direito de dizer pra onde a companheira deve ir, ou seja os lugares que deve frequentar, sempre pensando no seu bem estar	1,00
40	Qualquer problema que ocorra no relacionamento não deve se buscar ajuda com mais ninguém, e sim ser resolvido entre o casal	1,00
41	Quando seu namorado, paquera ou ficante lhe faz alguma exigência das listadas acima (sair pra onde ele quer somente, usar a roupa que ele quer, só falar com quem ele quer) você acha que isso se configura como uma violência	1,00
	Soma escores	**38,10**
	Média I-CVI (S-CVI/Ave)	**0,93**
	S-CVI/UA - Total de itens com 100% de concordância dividido pelo total de itens	**0,70**
	IRA = Índice de Fidedignidade ou Concordância Interavaliadores − Divisão do número de itens acima de 0,8 dividido pelo total de questões	**0,93**

Apesar de os índices do CVI indicarem conteúdo válido, três questões tiveram I-CVI abaixo de 0,20, mostrando discrepância do contexto pesquisado, sendo excluídas do instrumento. Houve a solicitação unânime das profissionais e pesquisadoras em ser acrescentado seis quesitos nos dados socioeconômicos: tipo

de escola (pública ou privada); sexo; idade; escolaridade; raça/cor; e renda familiar. Ademais, os oito quesitos que apresentaram I-CVI variando entre 0,90 e 0,95 foram mantidos, porém com ajustes de redação sugeridos pelas pesquisadoras.

Nesta etapa, das 12 profissionais e pesquisadoras que deram retorno dentro do prazo estabelecido de trinta dias, houve 100% de concordância com os itens do questionário final, com atribuição das seguintes notas: quatro atribuíram nota 8.0; cinco atribuíram nota 10.0; uma delas atribuiu nota 8.8; e duas atribuiu nota 9,5.

Ressalta-se que, a inclusão de dados sociodemográficos no corpo do instrumento, é relevante pela fato de as variáveis relacionadas às condições de vida e características individuais de cada sujeito, serem fatores preponderantes para que os mesmos tenham maior risco de sofrer violência, quando comparados com outros grupos em condições diferentes. Dessa forma, ao se levantar informações a respeitos de violência nas relações afetivas, torna-se imprescindível, conhecer os aspectos culturais, sociais e demográficos desses sujeitos, caso seja intenção dos pesquisadores que usarão este instrumento, fazer alguma correlação desses fatores com a violência sofrida.

SEGUNDA ETAPA – ADOLESCENTES

Após recebido o questionário final das juízas, foi realizado teste piloto com os adolescentes, público-alvo do questionário, sendo esta a última etapa do processo de validação. O objetivo do teste piloto, em nosso estudo, foi avaliar aspectos funcionais, tais como pertinência, organização, clareza das questões, de modo a corrigir e/ou melhorar eventuais problemas, antes da aplicação definitiva.

Após a entrega dos questionários para preenchimento por parte dos 87 adolescentes, 11 deles tiveram que ser desconsiderados por preenchimento inadequado ou rasuras por parte deles, havendo uma perda de 12% do total da amostra. Dessa forma, houve taxa efetiva de resposta de 88%, resultado de 76 questionários preenchidos adequadamente e sem nenhum quesito em branco.

Assim, o feedback trazido pela realização do teste piloto permitiu observar se a redação das questões estava clara a todos, bem como se as questões tiveram o

mesmo sentido para todos. Após essa devolutiva, procedeu-se com a verificação da consistência interna do questionário, de acordo com o coeficiente Alfa de Cronbach. Os valores calculados para cada questão avaliada pelos adolescentes variou de 0,797 a 0,808, tendo como média geral 0,803, conforme observado na tabela 2.

Tabela 2. Alfa de Cronbach teste piloto. Adolescentes de 14 a 19 anos de idade. Petrolina, Pernambuco, Brasil, 2017.

Itens questionário	Alpha	Itens questionário	Alpha
p1	0,804	p20	0,800
p2	0,807	p21	0,802
p3	0,805	p22	0,803
p4	0,799	p23	0,801
p5	0,807	p24	0,803
p6	0,805	p25	0,797
p7	0,806	p26	0,798
p8	0,806	p27	0,807
p9	0,801	p28	0,804
p10	0,803	p29	0,804
p11	0,801	p30	0,801
p12	0,807	p31	0,807
p13	0,801	p32	0,799
p14	0,801	p33	0,800
p15	0,800	p34	0,798
p16	0,803	p35	0,798
p17	0,803	p36	0,802
p18	0,807	p37	0,808
p19	0,803	p38	0,806
Média Alfa de Cronbach = 0,803			

O questionário final, intitulado “Questionário de identificação de violência nas relações afetivas na adolescência”, após validação de conteúdo e de aparência, seguido do teste piloto, resultou em 11 itens de identificação e 38 itens específicos, em forma de questionário estruturado, conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3. Questionário final após validação de conteúdo e aparência. Brasil, 2017.

	QUESTÕES
1	Escola Pública ( ) Escola Privada ( )
2	**Sexo**: Feminino ( ) Masculino ( )
3	Idade
4	Escolaridade
5	**Raça/Cor** ( ) Branco/a ( ) Negro/a ( ) Amarelo/a ( ) Pardo/a ( ) Indígeno/a

6	**Renda Familiar** ( ) Menos de 1 salário mínimo ( ) 1 a 2 salários mínimos ( ) Entre 2 e 3 salários mínimos ( ) Entre 3 e 6 salários mínimos ( ) Acima de 6 salários mínimos
7	**Com quem você mora atualmente** ( ) Pais ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Com meu namorado/a ( ) Moro sozinho/a ( ) Moro com amigos ( ) Demais parentes
8	**Seus Pais ou Responsáveis São:** ( ) Casados ( ) Separados ( ) Divorciados ( ) Nunca foram casados e nem viveram juntos ( ) Nunca foram casados, mas vivem juntos ( ) Não tem pais ( ) Viúvo (a)
9	**Sua situação amorosa:** ( ) Não estou em relação amorosa no momento, mas já estive ( ) Estou em uma relação amorosa, porém nada sério ( ) Estou ficando, namorando sério/noivo(a)/união estável/casado(a)
10	**Quanto tempo permaneceu no relacionamento mais sério que já teve/ou tem** ( ) Menos de um mês ( ) Há cerca de uma mês ( ) Há cerca de dois meses ( ) Entre 3 a 5 meses ( ) Entre 5 a um ano ( ) Entre um e dois anos ( ) Acima de dois anos
11	**Teve ou tem relação sexual no seu relacionamento** ( ) Sim, tenho como meu/minha namorado/a atual ( ) Sim, tive com namorado/a(s) anteriores e com o/a atual ( ) Sim, tive com namorado/a anterior, mas ainda não tive com o/a atual ( ) Só tive com o/a namorado/a atual ( ) Não tive nenhuma experiência sexual ainda ( ) Nada a declarar

	1 **Nunca**	**2** **Uma vez**	**3** **Algumas vezes**	**4** **Com frequência**
1	Durante a infância ou até mesmo na adolescência já presenciei xingamentos, empurrão, gritos, tapas ou outras formas de violência entre meus pais, responsáveis ou alguém com quem morei ou moro			
2	Já recebi xingamentos, empurrões, gritos, tapas ou outras formas de violência por parte de meus pais, responsáveis ou alguém com quem morei ou moro			
3	Já vivenciei situações de xingamentos, empurrões, tapas, gritos ou ameaças dentro de um relacionamento de namoro (paquera ou fica) que tive ou tenho atualmente			
4	Já precisei de apoio psicológico, social, espiritual, de saúde (como por ex.: terapia, consulta, internamento), por causa de algum tipo de violência que sofri vinda de meu/minha namorado/a, paquera ou ficante			
5	Precisei retirar/mudar alguma roupa em que estava vestido/a por exigência do meu/minha namorado/a, paquera ou ficante			
6	Já deixei de ir a algum lugar por ser proibido/a por meu/minha namorado/a, paquera ou ficante			
7	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já tocou em minhas partes íntimas e/ou fez gestos sexuais contra minha vontade			
8	Eu já toquei nas partes íntimas do meu/minha namorado/a e/ou fiz gestos sexuais contra a vontade dele/a			
9	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já agiu intencionalmente de forma a me fazer sentir ciúmes dele/a, diante dos amigos e/ou familiares			

10	Eu já agi de forma intencional para fazer meu/minha namorado/a sentir ciúmes de mim diante dos amigos e/ou familiares
11	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa ou objeto que eu gostava
12	Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa/objeto de que meu/minha namorado/a, paquera ou ficante gostava
13	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante me diz coisas que sabe que me deixam furioso/a, só pra me provocar raiva
14	Eu digo coisas que sei que deixam meu/minha namorado/a, paquera ou ficante furioso/a, só pra provocar raiva nele/a
15	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já atirou algum objeto em mim (mesmo sendo um objeto leve) durante um discussão
16	Eu já atirei um objeto no meu/minha namorado/a, paquera ou ficante durante uma discussão (mesmo sendo um objeto leve)
17	Já me senti ameaçado/a com o tom de voz agressivo do/a meu/minha namorado/a, paquera ou ficante comigo
18	Eu já deixei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante se sentindo ameaçado/a com meu tom de voz agressivo
19	Já me senti pressionado/a a fazer sexo com meu/minha namorado/a, paquera ou ficante mesmo contra minha vontade
20	Já pressionei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a fazer sexo comigo mesmo contra sua vontade
21	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já me pressionou a fazer sexo com ele/ela sem camisinha, mesmo contra minha vontade
22	Eu já pressionei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a fazer sexo comigo sem camisinha, mesmo contra sua vontade
23	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já gritou ou berrou comigo a sós ou na frente de outras pessoas
24	Eu já gritei ou berrei com meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a sós ou na frente de outras pessoas
25	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já me sacudiu, empurrou e/ou bateu em alguma (as) situação (ões) para conseguir algo que queria
26	Eu já sacudi, empurrei ou bati em meu/minha namorado/a, paquera ou ficante em alguma/as situação (ões) para conseguir algo que eu queria

1 **Discordo totalmente**	**2** **Discordo**	**3** **Não concordo e nem discordo**	**4** **Concordo**	**5** **Concordo totalmente**

27	Um/uma namorado/a não deve compartilhar nenhum segredo seu com outra pessoa que não seja o/a namorado/a
28	É normal em qualquer relacionamento ter brigas e até chegar a pequenos tapas e empurrões leves
29	É algo normal em um relacionamento entre namorados, paqueras ou ficantes a traição, principalmente por parte do homem
30	No relacionamento amoroso sempre tem um que manda mais que o outro
31	Quando há alguma situação de xingamento, humilhação ou agressão dentro de uma relação de namoro, paquera ou fica, se o casal optar por continuar na relação, é porque merecem a situação que vivem

32	Em uma relação de namoro, paquera ou fica é mais aceitável que o homem agrida a mulher do que a mulher agredir o homem
33	O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de proibir que o/a companheiro/a saia de casa para não se expor
34	O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de escolher os amigos do/a companheiro/a
35	O namorado, paquera ou ficante tem o direito de impedir a companheira de sair com algumas roupas que exponham demais seu corpo (saia ou vestido curto; roupa muito colada, entre outros)
36	O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de dizer pra onde o/a companheiro/a deve ir, os lugares que deve frequentar, pois zela pelo seu bem estar
37	Qualquer problema que ocorra no relacionamento o casal deve resolver entre eles e não buscar ajuda em mais ninguém
38	Se você já viveu ou vive em algum relacionamento em que seu/sua parceiro/a lhe exige sair somente para onde ele permita, que use somente as roupas que ele autoriza, e só fale com quem ele queira, isso são sinais de violência no relacionamento

DISCUSSÃO

No processo de validação de conteúdo e aparência do questionário construído, foram incluídas as contribuições das profissionais e pesquisadoras especialistas e de representantes do público-alvo. Inicialmente, utilizou-se a técnica Delphi, realizada com experts sobre o tema proposto, seguindo aquilo que é amplamente preconizado pela literatura (LOPES et al., 2011; SCARPARO et al., 2012).

A operacionalização da técnica Delphi mostrou-se adequada à proposta desta investigação, por ser economicamente viável, e possibilitar participação de profissionais qualificados em uma temática na qual a pesquisa é ainda incipiente. O desempenho da técnica on-line permitiu rapidez na conclusão e facilitou essa participação (VIEIRA; OHARA & DOMÊNICO, 2016). As profissionais e pesquisadoras que participaram da validação foram de todas as regiões do país, assegurando as diferenças regionais importantes em qualquer processo de construção.

Apesar da média do I-CVI global e IRA terem se apresentado satisfatórios no estudo, as profissionais e pesquisadoras trouxeram sugestões de alterações com relação a redação e mudança de termos em algumas questões, visando a melhoria do entendimento e relevância do questionário. Ademais, todas ela concordaram com

a aplicação do questionário para a identificação de situações de violência afetiva na adolescência, após aprimorado. O CVI e o IRA também foram amplamente utilizados em outros estudos que trabalharam com construção e validação de conteúdo, ou somente a adaptação transcultural e validação de instrumentos (JUNIOR & MATSUDA, 2012; MARTINS et al., 2017; GRANT & DAVIS, 1997; TAVAKOL & DENNICK, 2011; BAILER; TOMITCH & D'ELY, 2017), e todos eles necessitaram passar por ajustes até que se alcançasse a versão final validada, demonstrando a importância de seguir as etapas desse processo, para assegurar um material de qualidade.

Quando se realiza o envio de um material para parecer de especialistas, é normalmente esperado que surjam contribuições ou até mesmo drásticas sugestões de retirada ou colocações de itens, reformulações ou exclusões de informações vistas como desnecessárias, assim como substituições de termos, uma vez que esse processo se configura como uma etapa essencial para tornar o material mais denso, completo e com maior rigor científico e eficaz para sua aplicação junto ao público alvo (JUNIOR & MATSUDA, 2012).

Na análise de dimensão do construto, logo na primeira rodada, houveram três quesitos com baixo índice de concordância entre os avaliadores, no que concerne a pertinência e objetividade dentro do contexto geral do questionário, sendo optado pela retirada das mesmas. Houveram também, oito itens que, apesar de terem tido um índice elevado (I-CVI acima de 0,90), precisaram ser reformulados, conforme sugestões das profissionais e pesquisadoras, devido à falta de clareza na redação e possível dificuldade de interpretação pelo público alvo. De acordo com a literatura, um dos critérios mais importantes para o entendimento dos itens, é a clareza dos mesmos, uma vez que compreender a frase ou termo trazidos se mostra mais importantes do que manter uma escrita que não contemple uma interpretação consistente e possa apresentar confusão no entendimento, reduzindo a confiabilidade do instrumento (JUNIOR & MATSUDA, 2012; VIEIRA; OHARA & DOMENICO, 2016; LIMA et al., 2017).

Antes de ser reenviado o questionário com ajustes para a segunda rodada de opinião, realizou-se o cálculo do S-CVI/UA e S-CVI/Ave, onde buscou-se avaliar a proporção de itens que apresentassem escores realmente relevantes na opinião de

todas as juízas. A média ideal varia entre 0,80 ou mais, sendo que esse valor tem uma tendência a ser a ideal quando a quantidade de juízes é acima de dois ou três, não havendo limite máximo (GRANT & DAVIS, 1997).

Apesar de os demais índices terem dado valor de confiabilidade adequados, o S-CVI/UA apresentou média de 0,76, encontrando-se abaixo do valor ideal de 0,80. Nesse caso, há de se considerar que a quantidade de profissionais e pesquisadoras que opinou foi de vinte na primeira rodada, quantitativo bem acima daquele tido como mínimo ideal, que é de três a quatro juízes. De acordo com a literatura adotada, quando a especificação do S-CVI/UA é usada, quanto mais especialistas forem incluídos, maior será a probabilidade da média ser baixa, considerando que à medida que o número de especialistas aumenta, a probabilidade de haver um acordo maior é diminuída (GRANT & DAVIS, 1997; POLIT & BECK, 2006).

No entanto, ressalta-se que, não deve-se regrar na escolha da quantidade de juízes que possa fazer parte da análise de um instrumento a ser validado por receio de que o S-CVI(UA) seja baixo, uma vez que, os especialistas são indivíduos considerados capacitados para analisar o conteúdo, a apresentação, a clareza, a pertinência e a compreensão do instrumento, conferindo validade, independente de uma número específico destes. O que se deve levar em consideração é o teor científico que cada um desses juízes pode trazer em sua análise com relação ao instrumento construído (RUBIO et al., 2003).

Dessa forma, em razão dos resultados apresentados terem trazido médias satisfatórias, de acordo com aquilo que é preconizado pelo referencial adotado, o questionário teve conteúdo considerado válido. Apesar de alguns itens de avaliação necessitarem de correções na redação, o conjunto de itens obteve IRA acima de 0,90, o que significa que são claros e representativos para o contexto a ser avaliado (POLIT & BECK, 2006). Ressalta-se, ainda, a importância da multidisciplinaridade das especialistas que avaliaram o questionário, considerando que a avaliação por expertises de diferentes áreas é a ocasião em que realmente se pode dizer que esse processo de construção está sendo abrangente, valorizando as opiniões e enfoques diversos sobre o mesmo tema.

De acordo com os resultados trazidos com a aplicação do teste piloto, observou-se que o público alvo também contribuiu de forma positiva com esse

processo de validação e mostrou que o questionário contemplou os critérios de clareza e formato adequado a realidade deles. O teste piloto funciona por caráter experimental e é aplicado a uma pequena amostra de participantes (BAILER; TOMITCH & D'ELY, 2017). Já o Alfa de Cronbach, teve média geral de 0,803, valor este considerado substancial ou quase perfeitos, indicando que todos os itens incluídos no questionário representaram realmente o construto "violência afetiva".

Conclui-se que, o referido questionário foi construído e validado, baseando-se em ampla revisão de literatura, que permitiu levantar os questionamentos necessários sobre as situações que envolvem a violência afetiva na adolescência. Foram realizadas duas rodadas Delphi com especialistas sobre o assunto, e o instrumento, elaborado com base nos critérios de conteúdo, obteve índice de fidedignidade satisfatório, e foi devidamente validado pelo público-alvo, através de teste piloto, mostrando clareza e objetividade nos itens.

Essa construção, em conjunto com as demais abordagens já existentes na literatura sobre violência entre parceiros íntimos, contribui de forma substancial para o aprimoramento no levantamento dos aspectos mais subjetivos da violência afetiva, principalmente na fase da adolescência, como forma de medir a prevalência desses acontecimentos, e favorecer a implementação de ações e serviços de prevenção e combate a essa problemática tão presente na realidade atual.

Reitera-se que, à medida que se ver como necessário, o material irá passar por atualizações contínuas mediante o progresso científico, com a ampla divulgação do mesmo, através de publicação científica. Acredita-se que esse instrumento possa ser utilizado no contexto de outros relacionamentos afetivos de jovens ou adultos jovens, sendo sugerido a elaboração de estudos metodológicos para adaptação do conteúdo dos itens propostos, assim como, em cenários internacionais, desde que se considere as diferenças culturais para aplicabilidade deste em outras realidades.

Como limitação deste estudo apontamos a dificuldade inicial de acesso aos pais ou responsáveis dos adolescentes, para obtenção da autorização de participação dos mesmos no estudo; a perda de alguns desses adolescentes na devolutiva dos questionários; bem como a impossibilidade de realizar teste-reteste pela singularidade de acesso aos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. L. G. **Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade de Recife**. Dissertação de Mestrado, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife. 2008.

ANTÔNIO, T.; KOLLER, S. H.; HOKODA, A. Peer influences on the dating aggression process among Brazilian street youth: a brief report. **Journal of Interpersonal Violence**. 2012;27(8): 1579-1592.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L.; AVANCI, J. Q. Co-ocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2013;18(1):233-243.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe-Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**. 2015; (4)7:01-12.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc Anna Nery**. 2016;20(1):183-191.

BAILER, C.; TOMITCH, L. M. B.; D'ELY, R. C. S. Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. **Revista Intercâmbio**. 2011;(24)1:129-46.

FOSHEE, V. A. et al. An evaluation of Safe Dates, an adolescent dating violence prevention program. **American Journal of Public Health**. 1998; 88(1)88:45-50.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GRANT, J.S.; DAVIS, L.T. Selection and use of content experts in instrument development. **Research in Nursing & Health**. 1997;(20)1:269-74.

HASSELMANN, M.H.; REICHENHEIM, M.E. Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: Equivalências semântica e de mensuração. **Cadernos de Saúde Pública**. 2003; (4)19:1083-93.

JÚNIOR, J. A. B.; MATSUDA, L. M. Construção e validação de instrumento para avaliação do acolhimento com Classificação de Risco. **Rev Bras Enferm**. 2012; 65(5): 751-7.

LIMA, A. C. et al. Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV. **Acta Paul Enferm**. 2017;30(2):181-9.

LOPES, J. L. et al. Semantic differential scale for assessing perceptions of hospitalized patients about bathing. **Acta Paul Enferm**. 2011;24(6):242-51.

MARTINS, P. R. et al. Elaboração e validação de Escala de Desconforto da Sede Perioperatória. **Rev Esc Enferm USP**. 2017;(51)1:32-40.

MURTA, S. G. et al. Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. **Contextos Clínicos**. 2014;7(2):118-132.

MINAYO, M. C.; ASSIS, S.; NJAINE, K. **Amor e Violência**: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (Orgs). 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011. 236 p.

MORAES, C. L.; HASSELMANN, M. H.; REICHENHEIM, M.E. Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. **Cadernos de Saúde Pública**. 2002; (1)18:163-76.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. D. L. M. Violência n namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**. 2011;23(3):516-525.

PASQUALI, L. Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? **Psicologia: Teor. e Pesq**. 2007; (1)23:99-107.

PASQUALI, L. **Instrumentação psicológica**: fundamentos e práticas. 1st ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

POLIT, D. **Nursing research:** principles and methods. 3d Ed. Philadelphia: J.B. Lippincott, 1987.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos da Pesquisa em Enfermagem:** métodos, avaliação e utilização. 5° ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. The Content Validity Index: Are You Sure You Know What's Being Reported? Critique and Recommendations. **Researchin Nursing & Health**. 2006; (29)1:489-97.

PRICE, E. L. et al. The Dating Violence Research. Attitudes toward dating violence scales. **Journal of Family Violence**. 1999; (4)1:351-75.

RUBIO, D. M. et al. Ber-Weger M, Tebb SS, Lee ES, Rauch S. Objectifying content validity: conducting a content validity study in social work research. **Soc Work Res.** 2003;27(2):94-111.

STRAUS, M. A. Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. **Jouml of Marriage and the Family**. 1979; (41)1:75-88.

STRAUS, M. A. et al. Manual for the personal and relationships profile. Durham, NH: University of New Hampshire, **Family Research Laboratory**. 1999.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Mc Graw Hill/Penso; 2013. 624 p.

SPÍNOLA, A. W. P. **Delphos:** proposta tecnológica alternativa. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 1984.

SCARPARO, A. F. et al. Reflexões sobre o uso da Técnica Delphi em pesquisas de enfermagem. Rev RENE. 2012;13(1):242-51.

STREINER, D. L. Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. **J Pers Assess**. 2003;80(1):99-103.

SUTHERLAND, M. A. Implications for Violence in adolescent Dating Experiences. **Jognn**. 2011;1 (40):225-34.

TAVAKOL, M.; DENNICK, R. Making sense of Cronbach's Alpha. **International Journal of Medical Education.** 2011;(2)1:53-55. 2011.

VIEIRA, M. A.; OHARA, C. V. S.; DOMENICO, E. B. L. Construção e validação de instrumento para a avaliação de egressos da graduação em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enferm.** 2016;(24)1:2-8.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Responding to intimate partner violence and sexual violence against women:** WHO clinical and policy guidelines.

2013. Disponível em: http:// www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/9789241548595/en/.

WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. **Psychological Assessment**. 2001;(1)13: 277-93.

WILLIAMS, P. L.; WEBB, C. The Delphi technique: a methodological discussion. **J Adv Nurs.** 1994; (1)19:180-186.

4.2 ARTIGO 2 – IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO DE ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR

RESUMO

A violência entre namorados adolescentes é uma problemática que apresenta impacto considerável na vida e saúde dos adolescentes e se configura como um problema de saúde pública na medida em que suas expressões podem se constituir em padrões de resolução de conflitos que se perpetuam nos relacionamentos íntimos na vida adulta. O estudo objetivou identificar o conhecimento dos adolescentes sobre violência nas relações de namoro, de acordo com as situações vivenciadas dentro do contexto relacional e social do cotidiano; e caracterizar o perfil dos adolescentes de acordo com as variáveis sociodemográficas estabelecidas. Estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa, realizado com 565 adolescentes de 14 a 19 anos idade, estudantes de escolas públicas do ensino fundamental e médio. A coleta dos dados foi realizada por questionário autoaplicável, entre os meses de fevereiro a abril de 2018 e a análise dos dados por meio da estatística descritiva com distribuição de frequência em seus valores absolutos e relativos e medidas de tendência central e dispersão, como média e desvio padrão. Utilizou-se o software Stata 14.0 e Microsoft Office Excel 2013 para confecção das tabelas. A maioria dos participantes eram mulheres não brancas, com idade média de 16,5 anos, que já haviam presenciado ou sido vítimas de algum tipo de violência física ou psicológica por parte de pais ou responsáveis, apesar de não reconhecerem ter vivenciado algum tipo de violência nas relações afetivas. Muitas acreditam que um dos dois deve dominar as ações do outro dentro das relações de namoro, entretanto, discordam de que um deles possa determinar para onde e com quem o companheiro pode ir ou se relacionar. Algumas situações cotidianas vivenciadas nos relacionamentos não são reconhecidas como violência, sendo necessária a implementação de ações e políticas de conscientização e prevenção da violência nos relacionamentos afetivos na adolescência.

Palavras chave: Adolescente; violência; escolares; vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase da vida marcada por diversas alterações, que impulsionam transformações físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais, em que esses indivíduos se esforçam para atender as expectativas culturais impostas pela sociedade em que vive (BRASIL, 2008). E, particularmente este período da vida, as identidades sexuais e de gênero são mais valorizadas, e se inicia a procura das relações fora da família, relações com os pares, desenvolvimento da autonomia e início de relações amorosas (TAQUETTE, 2009; LEITÃO, 2013).

Evidencias científicas levantam a perspectiva deque namoro, violência e juventude se entrelaçam dentro das diversas formas de relações afetivas. Nesse contexto, relações íntimas caracterizadas por maus-tratos têm sido identificadas como um problema relevante na saúde de adolescentes e adultos de diferentes países, onde os tipos mais frequentes de agressões são a violência psicológica e a coerção sexual (OLIVEIRA et al., 2016). Alguns autores apontam que essa violência tem início no namoro e pode ser um precursor para agressões mais graves após a transição para coabitação ou casamento (FELIX, 2012; FLAKE et al., 2013).

A Organização Mundial de Saúde define a violência no namoro como um comportamento dentro de um relacionamento íntimo que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle (WHO, 2009). É uma problemática prevalente entre adolescentes e adultos jovens, motivo pelo qual a investigação desta temática tem aumentado substancialmente nos últimos anos, e permite uma melhor compreensão de sua origem, causas e consequências dos comportamentos agressivos entre os casais (SHOREY et al., 2013).

Jovens e adolescentes de ambos os sexos podem ser vítimas e/ou perpetradores da violência, mas, geralmente têm dificuldade em reconhecer a violência como tal e raramente procuram ajuda (BLACK et al., 2008; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2014).Atualmente, sabe-se que a violência nas relações afetivo-sexuais de jovens e adolescentes, além de representar um potencial precursor da violência entre parceiros íntimos na fase adulta, tem especificidades próprias da faixa etária e é tão grave quanto essa, em termos de

prevalência, lesões e danos psicológicos à vítima; e, portanto, deve ser estudada independentemente (BARREIRA et al., 2014).

Nesse contexto, a violência entre namorados adolescentes vem ganhando maior visibilidade no âmbito científico, principalmente na realidade brasileira, apesar de desde a década de 80 já ser fortemente evidenciada em publicações internacionais (O'KEEFE; BROCKOP & CHEW, 1986; MAKEPEACE, 1981; 1986; AIZENMAN & KELLEY, 1988), e ter sido alavancada em outros contextos à partir do ano de 2010 (FERNANDEZ; FUERTES, 2010; SAAVEDRA et al., 2011; HAMBY et al., 2012; BORREGO et al., 2014; BESERRA et al., 2015).

Mas, apesar de ter grande relevância social, a violência nos relacionamentos íntimos de adolescentes é um tema ainda recente na literatura científica. Pouco se sabe sobre a prevalência da violência no namoro e seus fatores associados em adolescentes e mulheres jovens (SAAVEDRA; MARTINS; MACHADO, 2013). O tema é considerado, hoje, de grande importância nos estudos internacionais com dois intuitos principais: para melhorar experiências afetivo-sexuais entre os jovens e para prevenir a violência conjugal (HAMBYet al., 2012; BESERRA et al., 2016).

O conhecimento dos fatores de risco para a violência no namoro é primordial para a interrupção do ciclo de violência por meio de intervenções e conduções efetivas. Infelizmente, a dificuldade de encontrar consenso na literatura sobre violência no namoro também é válida para o estudo dos fatores de risco. Os trabalhos compartilham poucas variáveis comuns na investigação nessa perspectiva ou até mesmo na proteção. Além disso, avaliam poucos fatores de cada vez e, geralmente, na ausência de modelos teóricos explicativos (BARREIRA; LIMA & AVANCI, 2013). Para Foshee et al. (2001), muitas das associações observadas podem ter sido confundidas por outras variáveis associadas tanto com o fator estudado como com a violência no namoro e que não foram incluídas nas pesquisas.

Para a compreensão da violência nas relações no namoro, é importante o reconhecimento por parte dos envolvidos do que se configura como violência nas relações de namoro, bem como identificar os fatores de risco associados, para que haja uma devida intervenção. Tanto a prática da agressão e vitimização compartilham em parte as mesmas causas, sendo estas familiares (como o testemunho e participação em violências interfamiliares); pessoais (sofrer abuso sexual, pouco

controle emocional, longo tempo de relacionamento e experiência de violência em relação anterior) e culturais que se estabelecem como referências (como a ocorrência entre os amigos) (MURTA et al., 2013).

Considerando a magnitude da violência nas relações de namoro e o impacto que esta tem na saúde dos adolescentes, o presente estudo partiu da necessidade de contribuir com a descrição sobre o reconhecimento dessa problemática pelos indivíduos pesquisados. Levantou-se como hipótese que a violência no namoro faz parte do cotidiano das relações dos adolescentes em vários espaços sociais, sendo distinta para cada gênero. Assim, este estudo teve como objetivos identificar o conhecimento dos adolescentes sobre violência nas relações de namoro, de acordo com as situações vivenciadas dentro do contexto relacional e social do cotidiano; e caracterizar o perfil dos adolescentes de acordo com as variáveis sociodemográficas estabelecidas.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa, realizado em escolas públicas do ensino fundamental e médio localizadas no município de Petrolina/PE. A amostra foi composta por estudantes adolescentes na faixa etária de 14 a 19 anos.

Os critérios de inclusão da pesquisa envolveram adolescentes que estivessem dentro da faixa etária estabelecida, devidamente matriculados nas escolas estaduais que foram sorteadas, independente da série/ano que estivessem cursando, e que aceitassem participar do estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (aqueles menores de 18 anos tiveram que fornecer o TCLE assinado pelos pais ou responsáveis, e após isso, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE).

O cálculo amostral foi realizado contemplando-se o número total de adolescentes, matriculados no turno matutino e vespertino, em 2017 (n = 18.400). Esse cálculo foi realizado por meio do Programa Sample Size Calculation, utilizando a correção de efeito de desenho de 1,5, considerando a necessidade de correção da imprecisão pelo processo de amostragem por conglomerados. O cálculo teve um nível

de confiança de 95% e erro amostral de 5%. Adotou-se prevalência de 50%, devido o desconhecimento do número real do fenômeno em questão, totalizando uma amostra de 559 adolescentes. Foi realizado acréscimo de 23,5% do valor amostral considerando as possíveis perdas, aplicando-se assim, 690 questionários.

Foram excluídos da amostra os questionários com preenchimento incompleto ou duplo preenchimento por quesito ficando a amostra final em 565. O processo de amostragem se deu em múltiplos estágios, considerando os critérios de inclusão estabelecidos, e baseado no número de alunos estabelecidos pelo cálculo amostral. Inicialmente, foi realizada a amostragem semiprobabilística por conglomerados para seleção das escolas. Em seguida a população-alvo foi selecionada de forma não probabilística.

A coleta de dados abrangeu o período de fevereiro a abril de 2018, no qual foram obtidos dados sobre o perfil sociodemográfico, sexual e afetivo dos (as) adolescentes, bem como a vivência de possíveis situações de violência no namoro (física, sexual e psicológica). Para a coleta dos dados foi utilizado questionário autoaplicável, construído pelos pesquisadores com base em revisão literária sobre evidências de violência no namoro nos mais diversos contextos. O questionário continha 11 questões sociodemográficas e 38 questões específicas, contendo alternativas do tipo Likert que variaram, de quatro (0-nunca a 4-frequentemente) a cinco (0-concordo a 5-discordo totalmente) opções. As questões contemplaram as seguintes variáveis: sociodemográficas, relacionamentos afetivos, violência sexual, física e psicológica dentro da perspectivas dos relacionamentos.

A aplicação dos questionários se deu em sala de aula, em momento previamente agendado nas escolas, sendo que cada um deles respondeu de forma individual e após uma média de 20 minutos, os questionários preenchidos foram devolvidos.

As variáveis sociodemográficas que foram coletadas na pesquisa foram: idade (em anos), sexo (masculino e feminino), raça/cor (branco(a), negro(a), pardo(a), amarelo(a), indígena), renda (menos de 1 salário, 1 a 2 salários (exclusive), 2 a 3 salários (exclusive), 3 a 6 salários (exclusive), 6 ou mais, não declarado), com quem mora (pais, pai, mãe, com outros parentes, com namorado(a), sozinho(a), com amigos), situação conjugal dos pais (casado, separado, divorciado, nunca foram

casados e nem viveram juntos, nunca foram casados, mas vivem juntos, viúvo(a), situação amorosa (não está em relação amorosa no momento, mas já esteve, está em uma relação amorosa, porém nada sério, está namorando sério); já sofreu violência dos pais; se a mãe já sofreu violência; já presenciou ou presencia violência entre os pais; e a percepção e vivência de violência em relacionamentos afetivos.

Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva lançando-se mão da distribuição de frequência expressa em seus valores absolutos e relativos e medidas de tendência central e dispersão como média e desvio padrão. Foram calculados os Intervalos de Confiança de 95% para média e para proporção (assumindo a distribuição binomial). Para análise estatística, utilizou-se o software Stata 14.0 e Microsoft Office Excel 2013 para confecção das tabelas.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, sob o número 1.783.063. Este projeto foi conduzido de acordo com as recomendações da Resolução nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Antes da inclusão, os sujeitos e seus responsáveis foram devidamente informados quanto aos objetivos do estudo, assinaram o TCLE e o TALE e foram garantidos o sigilo e a possibilidade de retirada de consentimento a qualquer momento, se desejado.

RESULTADOS

Participaram do estudo 565 adolescentes, estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas estaduais. Considerando as características sociodemográficas, 51,5% eram do sexo feminino, autodeclararam-se pardo(a) e negro(a), respectivamente, 53,1% e 20,9%. 45,3% tinham renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, 45,0% moravam com pai e mãe (tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas e econômicas dos adolescentes. Petrolina - 2018

Variáveis	**Media**	**DP**	**IC95%***	
Idade	16,5	1,2	16,5	16,6
	n	**%**	**IC95%****	
Sexo				

Feminino	291	51,5	47,4	55,6
Masculino	274	48,5	44,4	52,6
Raça/cor				
Branco/a	106	18,8	15,7	22,2
Negro/a	118	20,9	17,7	24,4
Amarelo/a	25	4,4	3,0	6,5
Pardo/a	300	53,1	49,0	57,2
Indígeno/a	16	2,8	1,7	4,6
Renda				
Menos de 1 salário	125	22,1	18,9	25,7
1 ⊦ 2 salários	256	45,3	41,2	49,4
2 ⊦ 3 salários	105	18,6	15,6	22,0
3 ⊦ 6 salários	51	9,0	6,9	11,7
Acima de 6 salários	17	3,0	1,9	4,8
Não declarado	11	2,0	1,1	3,5
Com quem mora				
Pais	254	45,0	40,9	49,1
Pai	39	6,9	5,1	9,3
Mãe	180	31,9	28,1	35,8
Com outros parentes	48	8,5	6,5	11,1
Com meu namorado/a	15	2,7	1,6	4,4
Moro sozinho/a	9	1,6	0,8	3,0
Moro com amigos	20	3,5	2,3	5,4
Situação conjugal dos pais				
Casados	255	45,1	41,1	49,3
Separados	188	33,3	29,5	37,3
Divorciados	41	7,3	5,4	9,7
Nunca foram casados e nem viveram juntos	33	5,8	4,2	8,1
Nunca foram casados, mas vivem juntos	40	7,1	5,2	9,5
Não tem pais	3	0,5	0,2	1,6
Viúvo (a)	5	0,9	0,4	2,1

*IC95% - Intervalo de Confiança de 95% para média.
**IC95% - Intervalo de Confiança de 95% para proporção.

De acordo com a análise das variáveis relacionadas a vivência de relacionamento afetivo-sexual, 51,7% referiram não estar em relacionamento amoroso no momento, mas já esteve; 20,5% afirmaram que o tempo de relacionamento mais sério que teve foi em média de 3 a 5 meses; e 91,7% já tiveram a primeira a experiência sexual, sendo que destes, e 31,9% vivenciaram essa experiência com o namorado/ficante/paquera atual (tabela 2).

Tabela 2 – Frequência relativa e absoluta referente as relações afetivos-sexuais dos adolescentes . Petrolina, 2018

Variáveis	n	%	IC95%*	
Situação amorosa				
Não estou em relação amorosa no momento, mas já estive	292	51,7	47,5	55,8
Estou em uma relação amorosa, porém nada sério	110	19,5	16,4	23,0
Estou namorando sério	163	28,9	25,3	32,7
Tempo de relacionamento				
Menos de um mês	88	15,6	12,8	18,8
Há cerca de um mês	45	8,0	6,0	10,5
Há cerca de dois meses	45	8,0	6,0	10,5
Entre 3 a 5 meses	116	20,5	17,4	24,1
Entre 5 meses a um ano	106	18,8	15,7	22,2
Entre um e dois anos	106	18,8	15,7	22,2
Acima de dois anos	57	10,1	7,9	12,9
Nada a declarar	2	0,4	0,1	1,4
Relação sexual				
Sim, tenho como meu/minha namorado/a atual	105	18,6	15,6	22,0
Sim, tive com namorado/a(s) anteriores e com o/a atual	101	17,9	14,9	21,3
Sim, tive com namorado/a anterior, mas ainda não tive com o/a atual	85	15,0	12,3	18,2
Sim, tive com namorado (a) anterior, e não tenho nenhum atual	47	8,3	6,3	10,9
Só tive com o/a namorado(a) atual	180	31,9	28,1	35,8
Não tive nenhuma experiência sexual ainda	47	8,3	6,3	10,9

*IC95% - Intervalo de Confiança de 95% para proporção.

Considerando a vivência e percepção de violência nos relacionamentos afetivos, 49,2% (n=278) referiram nunca haver presenciado xingamentos, empurrões, tapas ou outras formas de violência entre os pais ou responsáveis, ou alguém com quem tenham morado, no entanto, 32,0% (n=181) disseram já ter presenciado algumas vezes essas situações, e 38,1% (n=215) afirmaram ter sido as próprias vítimas dessas situações por parte dos pais ou responsáveis, dentro de casa, algumas vezes ou com frequência.

Apesar de um número expressivo de adolescente referirem já haver sofrido violência de algum tipo dentro de casa, pelo pais ou responsáveis, 80,5% (n=455) evidenciaram nunca ter vivenciado essas situações dentro de um relacionamento de

namoro/paquera/fica atual ou antigo; 26,4% (n=149) concordam que dentro de um relacionamento afetivo sempre tem um que manda mais que o outro, e 27,5% (n=155) discordam de que quando há situações de violência física e ou psicológica, se o casal não põe fim ao relacionamento é porque merecem viver essa situação de violência.

Quanto a ocorrência de agressão dentro dos relacionamentos afetivos, 60,7% (n=343) discordam totalmente da maior aceitação da agressão do homem para com a mulher, bem como 55,9% (n=316) discordam totalmente de que um tenha o direito de proibir o outro de sair de casa, alegando proteção contra exposição desnecessária. E por fim, a grande maioria dos adolescentes (75,9%) discordam ou discordam totalmente de que o namorado/paquera/ficante tem o direito de escolher os amigos do (a) parceiro (a) (tabela 3).

Tabela 3 – Características da violência entre adolescentes sobre violência no namoro. Petrolina, 2018.

	n	%	IC95%*	
Durante a infância ou até mesmo na adolescência já presenciei xingamentos, empurrão, gritos, tapas ou outras formas de violência entre meus pais, responsáveis ou alguém com quem morei ou moro				
Nunca	278	49,2	45,1	53,3
Uma vez	74	13,1	10,6	16,1
Algumas vezes	181	32,0	28,3	36,0
Com frequência	32	5,7	4,0	7,9
Já recebi xingamentos, empurrões, gritos, tapas ou outras formas de violência por parte de meus pais, responsáveis ou alguém com quem morei ou moro				
Nunca	267	47,3	43,2	51,4
Uma vez	83	14,7	12,0	17,9
Algumas vezes	192	34,0	30,2	38,0
Com frequência	23	4,1	2,7	6,1
Já vivenciei situações de xingamentos, empurrões, tapas, gritos ou ameaças dentro de um relacionamento de namoro (paquera ou fica) que tive ou tenho atualmente				
Nunca	455	80,5	77,0	83,6
Uma vez	53	9,4	7,2	12,1
Algumas vezes	45	8,0	6,0	10,5
Com frequência	12	2,1	1,2	3,7

No relacionamento amoroso sempre tem um que manda mais que o outro				
Concordo totalmente	73	12,9	10,4	16,0
Concordo	149	26,4	22,9	30,2
Não concordo e nem discordo	111	19,7	16,6	23,1
Discordo	98	17,4	14,4	20,7
Discordo totalmente	134	23,7	20,4	27,4
Quando há alguma situação de xingamento, humilhação ou agressão dentro de uma relação de namoro, paquera ou fica, se o casal optar por continuar na relação, é porque merecem a situação que vivem				
Concordo totalmente	46	8,2	6,2	10,7
Concordo	86	15,3	12,5	18,5
Não concordo e nem discordo	137	24,3	20,9	28,0
Discordo	155	27,5	23,9	31,3
Discordo totalmente	140	24,8	21,4	28,6
Em uma relação de namoro, paquera ou fica é mais aceitável que o homem agrida a mulher do que a mulher agredir o homem				
Concordo totalmente	23	4,1	2,7	6,1
Concordo	21	3,7	2,4	5,6
Não concordo e nem discordo	56	9,9	7,7	12,7
Discordo	122	21,6	18,4	25,2
Discordo totalmente	343	60,7	56,6	64,7
O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de proibir que o/a companheiro/a saia de casa para não se expor				
Concordo totalmente	16	2,8	1,7	4,6
Concordo	23	4,1	2,7	6,1
Não concordo e nem discordo	66	11,7	9,3	14,6
Discordo	144	25,5	22,1	29,3
Discordo totalmente	316	55,9	51,8	60,0
O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de escolher os amigos do/a companheiro/a				
Concordo totalmente	26	4,6	3,2	6,7
Concordo	41	7,3	5,4	9,7
Não concordo e nem discordo	69	12,2	9,8	15,2
Discordo	127	22,5	19,2	26,2
Discordo totalmente	301	53,4	49,2	57,5

*IC95% - Intervalo de Confiança de 95% para proporção.

DISCUSSÃO

A média de idade dos adolescentes pesquisados foi de 16,5 anos, prevalecendo como uma das mais recorrentes em estudos com adolescentes nessa perspectiva de violência no namoro (BESERRA et al., 2015; BARREIRA; LIMA & AVANCI, 2013; BARREIRA et al., 2013; BARREIRA et al., 2014). A faixa etária da adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2012), compreende o período de vida que vai dos 10 aos 19 anos e constitui uma fase da vida no qual muitas características de personalidade e de modelos dos relacionamentos são delineadas. É exatamente nesse momento da vida em que se inicia a maioria das relações afetivas/conjugais, e devido a fragilidade de personalidade de muitos indivíduos nessa faixa etária, muitas situações de comportamento violentos se perpetuam e fomentam as relações afetivas à longo prazo.

O Centers for Disease Control and Prevention (CDCP, 2014) afirma que a violência, quando naturalizada e banalizada no relacionamento amoroso, expõe a população adolescente e jovem às suas consequências e influencia negativamente à saúde desses grupos. Aqueles que são vítimas de algum tipo de violência são mais propensos a apresentarem sintomas de depressão e ansiedade, a envolverem-se em comportamentos pouco saudáveis, como o uso do tabaco, drogas e álcool, ou a apresentarem comportamentos antissociais e pensamentos suicidas (FOSHEE et al., 2013). Ademais, a violência entre parceiros íntimos na adolescência se processa de maneira diversa do que nos adultos, constatando-se, entre os primeiros, a simetria entre os gêneros no que se refere a perpetrar e sofrer violências no namoro (OLIVEIRA et al., 2014).

Considerando que neste estudo a maioria dos pesquisados era do sexo feminino e não brancos, reitera-se que não houve diferença significativa de descrição do fenômeno da violência nas relações de namoro quando comparada com os indivíduos do sexo masculino e brancos. A simetria da violência entre namorados, ou seja, igualdade em relação ao exercício da violência no namoro, pode ser exercida tanto pelo sexo masculino quanto pelo sexo feminino, sendo observada essa similaridade em outros estudos (STCKL et al., 2014; BESERRA et al., 2016), variando entre um sexo e outro, o tipo de violência praticada.

As agressões perpetuadas pelas mulheres são, geralmente, desqualificadas, principalmente por serem consideradas de menor potencial ofensivo e danoso (OLIVEIRA et al., 2016). Já a violência masculina é mais repudiada, além de possuir maior visibilidade e ser considerada mais danosa. Pesquisadores apontam que os adolescentes de ambos os sexos aceitam mais o uso da violência física das meninas do que dos meninos (SEARS et al., 2006), embora a violência feminina não se iguale à masculina no que se refere à frequência, intensidade e severidade e ao senso de segurança e bem-estar da vítima (DOBASH & DOBASH, 2004; BESERRA et al., 2016).

No que se refere à raça/cor não branca prevalente neste estudo, observa-se o predomínio da violência em indivíduos negros e pardos, não só nas relações de namoro na adolescência, como na faixa etária adulta, onde esses grupos são muitas vezes historicamente mais vulneráveis ao fenômeno da violência, até mesmo pelas maiores dificuldades de acesso aos órgãos de denúncia e acompanhamento da violência, o que pode sugerir o fenômeno do “encobrimento” dessa problemática voltado a esses indivíduos (OSHITAKA et al., 2011; MOURA, 2012).

Quando analisamos o fato de a maioria dos pesquisados não estarem vivenciando nenhum relacionamento sério no momento e o tempo de relacionamento mais duradouro ter sido de três a cinco meses, percebe-se isso como fator de proteção à ocorrência da violência, uma vez que a vivência de relacionamentos menos duradouros e/ou sérios fazem alusão a algo de menor intimidade entre os pares e, dessa forma, há menos perpertuação de situações agressivas dentro da relação, exatamente pela menor banalização das ações entre eles.

Em contrapartida, pesquisa desenvolvida com uma amostra de indivíduos jovens, acerca da percepção e participação em relações de namoro violentas, evidenciou que um a cada quatro estudantes experenciou uma relação de namoro fisicamente abusiva, envolvendo pelo menos dois atos de comportamento violento. Esses estudantes, no geral, apresentavam relacionamentos de duração mais longa, com histórico de relações afetivas anteriores também violentas e uma maior aceitação do abuso físico como meio de resolução do conflito (MILLER, 2011). Uma percentagem bastante significativa respondeu que diante dessas situações não sentiu

nada (40,0%), e achou normal vivenciar conflitos dessa natureza (28,0%), sendo que na decisão tomada após a agressão, 40,0% não fez nada.

Miller (2011) reitera que o problema pode ser acentuado quando a violência é expressa sob a forma de abuso emocional (ameaças de terminar a relação, a chantagem emocional, insultos, controle de comportamentos e/ou ciúme excessivo), onde muitas vezes o adolescente não valoriza a ocorrência de tais condutas. A naturalização da violência no namoro surge nas questões referentes aos sentimentos dos adolescentes e na decisão tomada após a agressão sofrida. Oliveira et al. (2014), afirmam que algumas noções enraizadas na vida social propiciam a ocorrência de relações interpessoais violentas, o qual designam por fenômeno cultural. Acrescentam que atos e atitudes comuns nos adolescentes, como por exemplo a aceitação da humilhação pelo parceiro, são oriundos de uma cultura que romantiza o amor, naturalizando o sentimento de posse ou o ciúme.

Considerando o início da vida sexual, que neste estudo evidenciou que 91,7%dos adolescentes pesquisados já haviam tido sua primeira experiência sexual, há o entendimento que um dos fatores que podem influenciar a ocorrência e banalização de violência no namoro na adolescência é a iniciação da vida sexual de forma precoce, sendo que, atualmente, a fase da adolescência é cheia de descoberta dos desejos, onde a maioria começa a namorar e a explorar sua sexualidade, no entanto, para muitos adolescentes, as primeiras experiências românticas envolvem coerção/violência sexual, principalmente para as mulheres (OLIVEIRA et al., 2014).

Pesquisa realizada para investigar comportamento de risco juvenil em indivíduos de ambos os sexos revelou que 7,4% deles já havia sido forçado a ter relações sexuais com seus parceiros afetivos, sendo que muitos ainda não tinham nem mesmo tido sua primeira experiência sexual quando ocorreu a coerção (EATON et al., 2010). Em outra pesquisa com adolescentes estudantes do ensino médio, constatou-se que cerca de 10% dos participantes já foram vitimados sexualmente por um parceiro de namoro, pelo menos nos 12 meses antes de participarem da referida pesquisa (CDCP, 2014).

A violência nas relações de namoro é resultado de múltiplos fatores: individuais, familiares, comunitários e sociais (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Nos resultados desta pesquisa foi possível identificar que mais de 80% da amostra já

presenciou ou sofreu situações de violência, como xingamentos, empurrões, tapas e/ou gritos, dentro de casa, por parte de pais ou responsáveis, mesmo tendo referenciado ainda não haver sofrido violência por parte do parceiro íntimo. Nesse contexto, destaca-se que sofrer ou testemunhar violência interparental é considerado preditor importante de perpetração de violência nos relacionamentos afetivos (SIMON & FURMAN, 2010; TEMPLEA et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2014).

Nessas situações, Simon e Furman (2010), no estudo feito sobre conflitos interparentais, realizado com adolescentes que moravam com pais casados, evidenciou-se que as percepções de adolescentes, bem como suas avaliações acerca de conflito interparental,relacionavam-se com a quantidade de situaçõesconflitantes no relacionamento amoroso e com os estilos de conflitos por eles vivenciados, considerando as associações entre o conflito interparental e comportamento de conflito com parceiros românticos. Esses achados sugerem que os significados atribuídos aos meninos e meninas sobre conflito interparental são importantes para compreender como as experiências familiares contribuem para o desenvolvimento de relacionamentos amorosos.

Ademais, os achados de que nos relacionamentos amorosos sempre há uma sobreposição de poder de um para com o outro, é importante enfatizar que pesquisadores já evidenciam que essa contrapartida pode ser tanto do homem, quanto da mulher, sendo que a diferenciação está no tipo de imposição e até mesmo da violência praticada de acordo com cada gênero (BARREIRA et al., 2014). Outras pesquisas apontam que há uma maior aceitação social da violência quando perpetrada pelas mulheres, sendo que a humilhação ou a agressão praticada pelo homem é mais grave do que a praticada pela mulher dentro dos relacionamentos afetivos, mesmo havendo a clareza da violência proveniente da parceira (REICHENHEIM et al., 2011; BARREIRA; LIMA & AVANCI, 2013).

Quando a violência é vivenciada dentro de um relacionamento afetivo, mesmo na fase da adolescência, o mais indicativo é que o casal deva decidir se aceita continuar na relação abusiva ou terminar o relacionamento. No entanto, chegar a essa resolução nem sempre é um caminho bem definido, pois os atos de violência nem sempre se encaixam com experiências passadas e podem ser percebidos como uma exceção e não o início de uma tendência contínua (CARIDADE, 2011). Há também a

dificuldade em denunciar, considerando-se vários fatores, como o medo que a violência possa aumentar, o receio de serem desacreditados ou até mesmo a vergonha para mostrar a situação (RAMIREZ et al., 2012).

Algumas razões trazidas como justificativa para a permanência numa relação abusiva em relações maritais, geralmente não se aplicam a casais de namorados adolescentes ou jovens (poder, isolamento social, dependência familiar e dependência econômica), sendo de alguma forma difícil de perceber a permanência das vítimas numa relação de violência, nestes casos. Apesar disso, a ruptura de uma relação, mesmo violenta, apresenta-se frequentemente difícil. O permanecer na relação poderá ser explicado por fatores emocionais e o namoro apaixonado, que favorecem expectativas idealizadas de amor e de um relacionamento estável, bem como a presença de crenças e atitudes conservadoras em relação aos papéis de gênero e modelos que podem desculpabilizar a violência, dependência emocional ou esperança de normalização (GONZÁLEZ; ECHEBURÚA & CORRAL, 2008; CARIDADE, 2011).

Observou-se que os adolescentes pesquisados percebem como errado o fato de que um dos dois parceiros pode e/ou deve consentir para onde o outro deve ir, bem como com quem pode manter relações de amizade. Essa percepção faz alusão a um direcionamento para o desenvolvimento de habilidades sociais saudáveis, que são cruciais para o futuro dos adolescentes. De acordo com Beserra et al. (2016), considerando essa dinâmica de autonomia, ainda nessa fase da vida, significa prevenir a perpetuação de futuras situações de violência entre os parceiros na fase adulta, quando são estabelecidos padrões de relacionamento aprendidos anteriormente e com possíveis consequências para o casal.

CONCLUSÃO

Este estudo realizado com adolescentes de escolas públicas sobre a identificação de violência nas relações de namoro, paquera ou fica, foi composta de maioria mulheres não brancas, com idade média de 16,5 anos, que já haviam presenciado ou sido vítimas de algum tipo de violência física ou psicológica por parte de pais ou responsáveis, apesar de não reconhecerem ter vivenciado algum tipo de

violência no namoro. Muitas acreditam haver sempre um dos parceiros que deve dominar as atitudes dentro das relações de namoro, entretanto, discordam de que um dos dois possam determinar para onde e com quem a outro pode ir ou se relacionar, mesmo que em relações de amizade.

A forma como os relacionamentos se concretizam e os parceiros se relacionam deve ser sustentada na aceitação das diferenças, como homens ou como mulheres, no sentido do respeito mútuo para o desenvolvimento de relações afetivas saudáveis. O fato de muitas atitudes dentro do namoro não serem reconhecidas como violência, justifica uma elevada prevalência deste problema associada à sua naturalização, indiciando que a violência integra com normalidade as relações de namoro, sendo necessário explorar as razões dos comportamentos dos adolescentes nas suas relações, a fim de se obterem informações que permitam acompanhar este fenômeno e adquirir uma maior compreensão do mesmo.

REFERENCIAS

AIZENMAN, M.; KELLEY, G. The incidence of violence and acquaintance rape in dating violence relationships among college men and women. **Journal of College Student Development**, 29(4), 305-311. 1988.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(1):233-243. 2013.

BARREIRA, A. K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 17:217-28. 2014.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/PE – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, 4(7), 91-99. 2015.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc Anna Nery** 2016;20(1):183-191.

BLACK, B. M. et al. When will adolescents tell someone about dating violence victimization? **Violence Against Women**. 14(7):741-758. 2008.

BORREGO, J. et al. Violencia en el noviazgo: Revisión bibliográfica y bibliométrica. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, 66(1), 1-17. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Saúde do Adolescente**: competências e habilidades. 1ª ed. Brasília: DF; 2008.

CARIDADE, S. **Vivências Intimas Violentas**: Uma Abordagem Cientifica. Coimbra: Edições Almedina. 2011. p. 41.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDCP). Youth Risk Behavior Surveillance - United States 2013. **Surveillance Summaries**. 01(1):92-107. Jun, 2014.

DOBASH, R. P.; DOBASH R. E. Women's violence to men in intimate relationships. **British Journal of Criminology**, 44, 324–349. 2004.

EATON, D. K. et al. Youth Risk Behavior Surveillance-United States 2009. **Morbidity and Mortality Weekly Report**. 14(6):17-28. Dez, 2010.

FELIX, D. S. S. C**renças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção**: um estudo exploratório. 72 f. Dissertação de mestrado. Portugal: Faculdade de Psicologia- Universidade de Lisboa, 2012.

FERNANDEZ, F. A. A.; FUERTES, A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequence. **Child Abuse & Neglect**, 34, 183-191. 2010.

FLAKE, T. A. et al. Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Rev Bras Epidemiol**. 16(4): 801-16. 2013.

FOSHEE, V. A. et al. Gender Differences in the Longitudinal Predictors of Adolescent Dating Violence. **Prev Med.** 32(2):128-141. 2001.

FOSHEE, V. et al. A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. **Journal of Adolescent Health**, 53(6), 723-729. 2013.

GONZÁLEZ, O. I.; ECHEBURÚA, E.; CORRAL, P. Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: Una revisión. **Behavioral Psychology / Psicología Conductual**, 2(16), 207-225. 2008.

HAMBY, S. et al. Adapting dating violence prevention to francophone Switzerland: A story of intra-western cultural differences. **Violence and Victims**, 27(1), 33-42. 2012.

LEITÃO, M. N. C. **Violência nas Relações de Intimidade**. In Leitão et al (2013). Prevenir a Violência no Namoro - N(Amor)O (Im)Perfeito - Fazer Diferente para Fazer a Diferença (O)Usar & Ser Laço Branco (2013) Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Plano de Atividades. Coimbra: 2013, p.25-42.

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family Relations**, 30(1), 97-102. 1981.

MAKEPEACE, J. M. Gender differences in courtship violence victimization. **Family Relations**, 35(3), 383-388. 1986.

MILLER, L. M. Physical Abuse in a College Setting: A Study of Perceptions and Participation in Abusive Dating Relationships. **Journal of Family Violence**. 26(1):71-80. 2011.

MINAYO, M. C.; ASSIS, S.; NJAINE, K. **Amor e Violência**: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

MOURA, G. A. **Violência no namoro e estilos parentais na adolescência**: compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário, Lisboa. 2012.

MURTA, S. G. et al. Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. **Contextos Clínicos**, 6(2), 117-131. 2013.

O'KEEFE, N. K.; BROCKOPP, K.; CHEW, E. Teen dating violence. **Social Work**, 31(6), 463-468. 1986.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde**

Coletiva, 19(3), 707-718. 2014. Doi: http://dx.doi. org/10.1590/1413-81232014193.19052013.

OLIVEIRA, Q. B. M., et al. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Vol. 32 n. 3, pp. 1-12. 2016.

OSHITAKA, C. T. et al. Características das mulheres violentadas sexualmente e da adesão ao seguimento ambulatorial: tendências observadas ao longo dos anos em um serviço de referência em Campinas, São Paulo, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v. 27, n. 4, 2011, p. 701-13.

RAMIREZ, M. et al. Violent peers, network centrality, and intimate partner violence perpetration by young men**. J Adolesc Health**. 51(5):503-509. 2012.

REICHENHEIM, M. E. et al. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. **Lancet**. 377(9781): 1962-75. 2011.

SAAVEDRA, R. et al. **Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes** (ICRNA). In M. R. Simões, C. Machado, & M. Gonçalves (Coords.), Instrumentos e contextos de avaliação psicológica (pp. 269-283). Coimbra: Almedina. 2011.

SAAVEDRA, R.; MARTINS, C.; MACHADO, C. Relacionamentos íntimos juvenis: Programa para a prevenção da violência. **Psicologia** [online]. 12(4):01-12. Jan/jun, 2013.

SEARS, H.A. et al. If it hurts you, then it is not a joke: adolescents' ideas about girls and boys use of abusive behavior in dating relationships. **J Interpers Violence**. 21(9):1191-1207. 2006.

SHOREY, R. C. et al. Reactions to Dating Violence Research: Do Difficulties with Distress Tolerance Increase Negative Reactions? **Journal of Family Violence**. 2013;28(5):479-87. Epub 2013/09/28.

SIMON, V. A.; FURMAN, W. Interparental conflict and adolescents' romantic relationship conflict. **J Res Adolescence**. 20(1):188-209. 2010.

STCKL, H. et al. Multicountry Study team Intimate partner violence among adolescentes and young women: prevalence and associated factors in nine countries: a crosssectional study. **BMC Public Health**. Jul, 2014.

TAQUETTE, S. R. Violência entre namorados na adolescência. **Rev adolescência e saúde**. v. 6, n 2. Ago. 2009.

TEMPLEA, J. R. et al. Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. **Child Abuse Negl.** 37(5):343-352. 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE**. Violence prevention**: the evidence. Centre for Public Health. 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: ação e produção de evidência. Organização PanAmericana da Saúde. 2012.

4.3 ARTIGO 3 – VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

RESUMO

Pesquisa que objetivou analisar a percepção de adolescentes sobre as situações de violência vivenciadas no cotidiano das suas relações de namoro, e verificar associação om as chances desses adolescentes se reconhecerem como agressores ou vítimas. Estudo transversal, quantitativo, realizado com 565 adolescentes estudantes de escolas públicas de Petrolina/PE, com idade entre 15 a 19 anos. Foi utilizado um instrumento auto aplicativo, contendo dados sociodemográficos e de situações cotidianas de violência dentro das relações de namoro. A maioria dos adolescentes que tiveram o potencial de não reconhecer as situações de violência vivenciadas eram do sexo masculino. Os adolescentes que já vivenciaram algumas vezes ou com frequência situações como tocar nas partes íntimas, fazer gestos sexuais ou ato sexual contra a sua vontade ou do/a parceiro/a; e se sentir ameaçado com o tom de voz hostil do/a namorado/a apresentaram maior chance de não se reconhecerem como perpetrador ou vítima de violência no namoro. Para lidar com a invisibilidade da violência nessas relações, é fundamental a construção de espaços criativos de conversa e troca de ideias sobre namoro e violência, assim como, haver investimento em prevenção e criação de instrumentos que permitam os adolescentes reconhecer, enfrentar e opor-se às diferentes formas de violência, por meio de sua desnaturalização.

Palavras-chave: Adolescência; violência; comportamento adolescente; vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

A violência no namoro entre adolescentes é uma problemática bastante presente na sociedade e que necessita de discussões contextualizadas para seu enfrentamento e prevenção. Mas, apesar de se apresentar com grande relevância social, a violência nesses relacionamentos é um tema ainda considerado recente na literatura científica, principalmente quando se busca conhecer a sua prevalência e associação com as questões de gênero (ARAÚJO, 2012).

Aponta-se que os estudos sobre violência no namoro estiveram focados sempre na violência conjugal, e somente a partir dos anos 1980 é que os estudos foram ampliados para a fase do namoro, comumente referenciada na literatura como *dating violence* ou *courtship violence* (FLAKE, 2013)

A exploração da temática no campo científico nas últimas três décadas, se dar, em especial, nos países canadenses e norte-americanos (O'KEEFE, BROCKOPP & CHEW, 1986; MAKEPEACE, 1981, 1986; AIZENMAN & KELLEY, 1988). Em demais países, como o Brasil, Portugal, China, México, Espanha, Israel e Suíça, só mais recentemente foram levantado discussões, com foco nas pesquisa de violência nas relações de namoro entre adolescentes (BESERRA et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2011; SAAVEDRA et al., 2011; SHEN; CHIU & GAO, 2012; ÁNGEL & BARRAZA, 2015; BORREGO et al., 2014; FRANCO et al., 2012; SCHIFF & ZEIRA, 2005; HAMBY et al., 2012).

Diversas particularidades envolvem a vivência de violência nos relacionamentos na fase da adolescência, considerando que esta é uma fase da vida com características bem peculiares. De acordo com Eisenstein (2005), a adolescência é um período de transição caracterizado por transformações importantes no desenvolvimento físico, sexual, mental e social, onde os indivíduos vivenciam um constante esforço em adequar-se às expectativas culturais da sociedade em que vivem, e por conta disso, ver-se como importante se investigar sobre a violência no namoro nesta fase que é onde ocorre o estabelecimento das primeiras relações afetivo-sexuais e em que surge o risco de experiências de vitimização ou de perpetração desse evento (OLIVEIRA et al., 2011).

Dessa forma, alguns estudos reiteram que o iniciação de relações amorosas já pautadas na violência são um preditor importante para as relações conjugais agressivas na fase adulta (OLIVEIRA et al., 2011; BARREIRA et al., 2014; BESERRA et al., 2016), e que ações violentas cometidas na fase da adolescência fazem parte de um ciclo de violência vivenciado desde a infância. Assim, diante desse contexto, há a perspectiva de se produzir efeitos nefastos na saúde física e mental, bem como, na qualidade de vida de quem a vivencia, incluindo a baixa autoestima, dores crônicas, ansiedade, entre outros (CORNELIUS et al., 2009; FOSHEE & REYES, 2011).

A violência, de uma forma geral, é um fenômeno com uma abrangência bem maior que se possa imaginar, por conta de seus efeitos negativos, e por isso, sua definição é também difícil de operacionalizar, pois envolve questões culturais daquilo que se identifica como aceitável ou não, bem como valores morais e sociais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência é denominada como o uso

intencional de força física ou poder, consumado ou sob a forma de ameaça, contra si mesmo ou outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma probabilidade elevada de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002).

Já a violência no namoro é denominada como um comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores, independente da severidade dos abusos (WHO, 2009). O conceito de violência no namoro já havia sido bem antes referenciados por Wolfe e colaboradores (1996), que a definiram como qualquer tentativa de controlar ou dominar a outra pessoa fisicamente, sexualmente ou psicologicamente causando algum nível de prejuízo individual ou conjunto.

Outros autores admitem uma perspectiva mais estreita, limitada à violência física, sem referência a intenção, consequências ou contexto. De fato, a maior parte dos estudos tem se dedicado mais ao tipo de violência física entre namorados adolescentes, em detrimento das outras formas da violência, como a psicológica e a sexual (BARREIRA et al., 2014). Enfatiza-se que a violência nas relações de namoro iniciam-se na adolescência e se concretizam nas relações afetivas na fase do casamento e coabitação, sendo em sua maioria praticada contra mulheres, mas também podendo atingir o gênero masculino (LEITÃO, 2013).

Dessa forma, a importância de se vivenciar relações afetivas livres de violência, tanto no sexo feminino quanto no masculino, faz-se urgente e exige o planejamento e implementação de ações de intervenções de prevenção de violência já na fase de namoro na adolescência, considerando que é um fenômeno grave, porém, evitável. Essa perspectiva da prevenção tem o potencial de dimensionar e levantar a discussão sobre o problema, favorecendo a identificação de suas nuances e a melhoria das experiências de namoro vivenciadas em qualquer fase da vida.

Considerando também que é imprescindível que o adolescente reconheças as reais e potenciais situações de violência camuflada em sua dia a dia e a importância de se quebrar esse ciclo violento, este estudo teve como foco a investigação de situações cotidianas vivenciadas por adolescentes em suas relações de namoro, que pudessem ser identificadas como violência e favorecessem o aumento da

vulnerabilidade dentro dessas relações. Foi considerada situações que pudessem envolver violência física, psicológica e sexual, através de exemplos vivenciados no dia a dia, sofridas ou praticadas, e que pudessem sem entendidas ou não como violência por parte dos adolescentes.

À partir disso, tendo este estudo teve como hipótese que a violência no namoro está presente na fase da adolescência através de situações cotidianas, seja essa violência física, psicológica e/ou sexual, onde muitas delas não são reconhecidas como violência, o presente artigo teve como objetivo analisar a percepção de adolescentes sobre as situações de violência vivenciadas no cotidiano das suas relações de namoro, e verificar associação com as chances desses adolescentes se reconhecerem como agressores ou vítimas.

MÉTODO

Estudo transversal e descritivo, de abordagem quantitativa, realizado com 565 adolescentes estudantes de sete escolas públicas do município de Petrolina/Pernambuco, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos. Petrolina é um município situado no sertão pernambucano e região Nordeste do país. Tem uma população estimada de 326.017 mil habitantes e área de 4.561,872 km², distante 721 km a oeste de Recife, capital do Estado. Banhado pelo rio São Francisco, em conjunto com o vizinho município de Juazeiro/Bahia, forma o maior aglomerado urbano do semiárido (IBGE, 2017).

As escolas que fizeram parte do sorteio, tinham atualmente 23.600 alunos matriculados. Baseado nesse número, a quantidade de adolescentes participantes do estudo foi determinado através de cálculo amostral, pelo Programa Sample Size Calculation for X-Sectional Surveys, utilizando correção de efeito de desenho de 1,5; considerando a necessidade de correção da imprecisão pelo processo de amostragem que foi semiprobabilística por conglomerados. O cálculo teve um nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%. Adotou-se prevalência de 50%, devido o desconhecimento do número real do fenômeno em questão, onde mostrou-se que seria necessária uma amostra de pelo menos 563 adolescentes para se ter um número de alunos que pudesse representar um nível de confiança na pesquisa. Foi

realizado acréscimo de 23,5% do valor amostral considerando as possíveis perdas, aplicando-se assim, 690 questionários.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: (i) os adolescentes que estivessem na faixa etária de 12 a 19 anos e devidamente matriculados nas escolas estaduais selecionadas, independente da série/ano que estivessem cursando; e (ii) os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (se maior de 18 anos). Aqueles menores de 18 anos, que tiveram o consentimento dos pais ou responsáveis para participar da pesquisa, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, expressaram sua vontade própria em participar, assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

O processo de amostragem se dará em múltiplos estágios, considerando os critérios de inclusão estabelecidos, e baseado no número de alunos propostos pelo cálculo amostral. A população-alvo foi selecionada de forma aleatória estratificada por faixa etária. Após essa seleção, foi realizado sorteio até atingir o total de 563 alunos, no qual os estratos foram definidos em função do objetivo do estudo, sendo mutuamente exclusivos e exaustivos.

A coleta de dados abrangeu o período de fevereiro a abril de 2018, no qual foram obtidos dados sobre o perfil sociodemográfico, sexual e afetivo dos (as) adolescentes, bem como a vivência de possíveis situações de violência no namoro (física, sexual e psicológica). Para a coleta dos dados foi utilizado questionário autoaplicável, construído pelas pesquisadoras com base em revisão literária sobre evidências de violência afetiva nos mais diversos contextos. O questionário continha 11 questões sociodemográficas e 38 questões específicas, contendo alternativas do tipo Likert que variaram, de quatro (0-nunca a 4-frequentemente) a cinco (0-concordo a 5-discordo totalmente) opções de respsotas. As questões contemplaram as seguintes variáveis: sociodemográficas, relacionamentos afetivos, violência sexual, física e psicológica dentro da perspectivas dos relacionamentos.

A aplicação dos questionários se deu em sala de aula, em momento previamente agendado nas escolas, sendo que cada um deles respondeu de forma individual e após uma média de 20 minutos, os questionários preenchidos foram devolvidos.

As variáveis sociodemográficas que foram coletadas na pesquisa foram: idade; sexo; raça/cor; renda; com quem mora; tempo de relacionamento; prática de relação sexual. As variáveis dependentes incluíram: toque e relação sexual contra a vontade própria e do/a parceiro/a; presenciado gestos sexuais contra sua vontade; tom de voz grosseiro com insultos; ter provocado ou feito a provocação de ciúme na frente de amigos e familiares; pressionar ou sentir-se pressionado/a a fazer sexo sem camisinha; ouvir constantemente palavras que despertem raiva.

Os resultados foram analisados por meio de distribuição de frequência absoluta e relativa e medidas de tendência central e dispersão de acordo com o tipo de variável. A associação dos fatores à não percepção da violência foi realizada por meio do modelo logístico binário. Inicialmente, realizou-se a análise bivariada e, as variáveis cujos valores de p foram menores a 0,20, foram incluídas no modelo múltiplo. Para avaliar o grau da associação foi obtido o *Odds ratio* (OR) ajustado no modelo multivariado e o respetivo intervalo de confiança. O nível de significância adotado foi de 5% e os intervalos de confiança de 95% (IC95%). O programa Stata 14.0 foi utilizado em todas as análises estatísticas deste estudo.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, sob o número 1.783.063. Este projeto foi conduzido de acordo com as recomendações da Resolução nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Dos 565 adolescentes analisados, 51,5% eram do sexo feminino e 48,5% do sexo masculino, tendo média de idade de 16,5 anos (DP=1,2), levando-se em consideração a faixa etária de 16 a 19 anos. A maioria se autodenominou de raça/cor não branca (81,2%), renda familiar de até dois salários mínimos (67,4%), morando com pai (6,9%), mãe (31,9%) ou ambos os pais (45%). A média de tempo de relacionamento foi de um mês a um ano (47,4%), onde a maioria referiu somente ter vivenciado experiência sexual somente com parceiro/os anterior/er (65,3%) (Tabela 1).

Tabela 1 - Características sociodemográficas e econômicas dos adolescentes. Petrolina, 2018.

	Média	DP	IC95%[a]	
Idade	16,5	1,2	16,4	16,6
	n	%	IC95%[b]	
SEXO				
Feminino	291	51,5	47,4	55,6
Masculino	274	48,5	44,4	52,6
RAÇA/COR				
Branca	106	18,8	15,7	22,2
Não branca	459	81,2	77,8	84,3
RENDA				
Não declarada	11	2,0	1,1	3,5
Até dois salários	381	67,4	63,4	71,2
Dois a seis salários	156	27,6	24,1	31,5
Acima de seis salários	17	3,0	1,9	4,8
Com quem mora				
Pais	254	45,0	40,9	49,1
Pai	39	6,9	5,1	9,3
Mãe	180	31,9	28,1	35,8
Com outros parentes	48	8,5	6,5	11,1
Com meu namorado/a	15	2,7	1,6	4,4
Moro sozinho/a	9	1,6	0,8	3,0
Moro com amigos	20	3,5	2,3	5,4
TEMPO DE RELACIONAMENTO				
Até um mês	133	23,6	20,3	27,3
Um mês a um ano	267	47,4	43,3	51,6
Acima de um ano	163	29,0	25,3	32,8
RELAÇÃO SEXUAL				
Não teve nenhuma relação sexual	47	8,3	6,3	10,9
Só com o parceiro atual	180	34,8	30,8	39,0
Tive só com demais parceiros	338	65,3	61,0	69,2

[a]IC95% - Intervalo de Confiança de 95% para média.
[b]IC95% - Intervalo de Confiança de 95% para proporção.

Quanto aos fatores associados à não percepção de situações de violência vivenciadas nas suas relações de namoro, identificadas através de situações do cotidiano, observou-se que o sexo masculino apresentou três vezes mais chance de não perceber as situações de violência dentro do relacionamento, nem como agressor, e tampouco como vítima (OR=3,43; Valor de p=0,0001), quando comparado às adolescentes do sexo feminino.

Na avaliação das questões referentes a situações específicas dentro dos relacionamentos, os adolescentes que referiram já ter tocado nas partes íntimas do/a companheiro/a ou feito gestos sexuais contra a vontade do/a mesmo/a algumas vezes ou com frequência, apresentaram quase quatro vezes mais chance de não perceber essa situação como violência dentro do relacionamento afetivo (OR=3,87), ao passo que aqueles que já se sentiram algumas vezes ou frequentemente pressionados a fazer sexo com o parceiro ou parceira contra a sua própria vontade tiveram chance mais de cinco vezes de não reconhecerem essa situação como violência no namoro (OR=5,44) (tabela 2).

Já os adolescentes que frequentemente ou por algumas vezes já se sentiram ameaçados com o tom de voz agressivo do/a companheiro/a, apresentaram menor chance de não perceber essa situação como violência dentro das suas relações de namoro (OR 0,15; p=0,048).

Tabela 2 – Fatores associados a não percepção da violência. Petrolina, 2018.

	Odds Ratio$_{ajustado}$	**p-valor**	**IC95%**	
Sexo				
Masculino	3,43	0,001	1,63	7,20
Feminino	1,00			
Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já tocou em minhas partes íntimas e/ou fez gestos sexuais contra minha vontade				
Algumas vezes ou com frequência	0,61	0,396	0,20	1,89
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Eu já toquei nas partes íntimas do meu/minha namorado/a e/ou fiz gestos sexuais contra a vontade dele/a				
Algumas vezes ou com frequência	3,87	0,005	1,52	9,86
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já agiu intencionalmente de forma a me fazer sentir ciúmes dele/a, diante dos amigos e/ou familiares				
Algumas vezes ou com frequência	0,59	0,211	0,25	1,35
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			

Eu já agi de forma intencional para fazer meu/minha namorado/a sentir ciúmes de mim diante dos amigos e/ou familiares				
Algumas vezes ou com frequência	0,81	0,650	0,33	2,01
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante me diz coisas que sabe que me deixam furioso/a, só pra me provocar raiva				
Algumas vezes ou com frequência	0,63	0,247	0,29	1,38
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Já me senti ameaçado/a com o tom de voz agressivo do/a meu/minha namorado/a, paquera ou ficante comigo				
Algumas vezes ou com frequência	0,15	0,048	0,02	0,98
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Já me senti pressionado/a a fazer sexo com meu/minha namorado/a, paquera ou ficante mesmo contra minha vontade				
Algumas vezes ou com frequência	5,44	0,012	1,45	20,49
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Já pressionei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a fazer sexo comigo mesmo contra sua vontade				
Algumas vezes ou com frequência	2,26	0,194	0,66	7,75
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já me pressionou a fazer sexo com ele/ela sem camisinha, mesmo contra minha vontade				
Algumas vezes ou com frequência	1,74	0,453	0,41	7,38
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			
Eu já pressionei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a fazer sexo comigo sem camisinha, mesmo contra sua vontade				
Algumas vezes ou com frequência	1,10	0,898	0,27	4,40
Nunca ou pelo menos uma vez	1,00			

Na tabela 2, também está discorrida outras questões que não mostraram associação significativa com o risco de chance de perpetrar ou sofrer violência, evidenciado através do valor de *p*, a saber: já ter sido tocado/a nas partes íntimas ou presenciado gestos sexuais por parte do/a companheiro/a contra sua vontade própria

(p=0,396); ter sido provocado/a a sentir ciúme na frente de amigos e/ou familiares (p=0,211); ou ter feito provocações na frente de amigos e/ou familiares para despertar ciúmes no/a companheiro/a (p=0,650); ouvir palavras por parte do/a companheiro/a com a intenção de despertar raiva (p=0,247); pressionar o/a companheiro/a a fazer sexo contra sua vontade (p=194); e se sentir pressionado/a pelo parceiro/a a fazer sexo sem camisinha contra sua vontade (p=0453) ou mesmo pressionar o/a parceiro/a a transar sem camisinha contra a vontade dele/a (p=0,898).

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo evidenciaram que a maioria dos adolescentes que tiveram o potencial de não reconhecer as situações trazidas no questionário como violência perpetrada ou propagada no cotidiano de suas relações de namoro, eram do sexo masculino. Esse resultado coaduna com os achados de outras pesquisas, onde os homes são, culturalmente mais violentos que as mulheres, demostrado pelo desejo de dominar, controlar e dar a palavra final, mas no entanto, não se reconhecem como agressores, por já terem naturalizado a relação de domínio e poder sobre suas parceiras (KINSFOGEL & GRYCH, 2004; SIMON & FURMAN, 2010; NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; OLIVEIRA et al., 2014).

Ao examinar a complexidade do fenômeno da violência no namoro, principalmente na fase da adolescência, é fundamental distinguir o envolvimento dos indivíduos como vítimas ou como agressores, atentando para os fatores que contribuem para perpetração e vitimização, observando como essas duas questões se apresentam para homens e mulheres. Ideias ou situações que, embora não sejam nomeadas como violência, podem trazer danos aos relacionamentos afetivos iguais àqueles reconhecidos pelos adolescentes como violência, independente do sexo (GOMES, 2011).

Estudos realizados com adolescentes em idade escolar, residentes de dez capitas brasileiras, e adolescentes espanhóis de 14 a 19 anos, respectivamente, corroboram com os achados desta pesquisa, mostrando que muitos adolescentes do sexo masculino já haviam praticado algum tipo de agressão contra sua parceira, porém, banalizando as situações agressivas e não reconhecendo as situações

praticadas por eles como atos de violência (OLIVEIRA et al., 2016; FERNÁNDEZ-FUERTES & FUERTES, 2010).

Para Bourdieu (1999), essa banalização das atitudes violentas, principalmente por parte dos indivíduos do sexo masculino, permeia naquilo que o autor denomina de submissão paradoxal, que decorre da violência simbólica, traduzida por aspectos que cotidianamente são aceitos, incorporados e reproduzidos, sem que os pares dessas relações percebam a sua existência. Essa, frequentemente, é insensível e invisível para suas próprias vítimas, sendo produzida e reproduzida pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou do desconhecimento, ou ainda do sentimento, fazendo com que as relações de dominação sejam assimiladas pelos dominados sem que sejam questionadas (GOMES, 2011).

Ressalta-se que, apesar deste estudo ter demonstrado maior chance de naturalização da violência por parte dos homens, a violência pode ser exercida também pela mulher, igualitariamente, embora com diferentes dinâmicas, frequências, objetivos e consequências, tendo sido evidenciado por outros dois estudo realizados com adolescentes de ambos os sexos (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; BARREIRA et al., 2014). Esse padrão de bidirecionalidade da violência no namoro adolescente já vem sendo discutido pela literatura internacional há mais de duas décadas (GRAY & FOSHEE, 1997; STRAUS & RAMIREZ, 2007; STRAUS, 2008), no entanto, mostrando haver uma maior aceitação da violência quando praticada pelas mulheres (FOSHEE, 1996).

Os indivíduos do sexo masculino, quando se encontram na posição de vítimas de agressões, por parte da companheira, não se sentem encorajados a assumirem que foram violentados por elas, para não ferir sua masculinidade, demonstrando que estão mais preocupados com a própria moral do que com os danos físicos e emocionais sofridos (KRUG et al., 2002; SEARS et al., 2006; CECCHETTO et al., 2016).

Apesar dessas particularidades elencadas, que envolvem a bidirecionalidade da violência no namoro, enfatiza-se que as mulheres ainda são as maiores vítimas de violência de maior potencial agressivo, com maiores danos e sequelas, fruto de uma assimetria de relações de gênero e de processos históricos, culturais, políticos e ideológicos (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011). Para Saffioti (2004), a sociedade é

regida por uma ordem patriarcal de gênero, alimentada estruturalmente por desigualdade de gênero e poder, que até certo ponto incentivam cotidianamente a violência contra a mulher.

Os adolescentes de ambo os sexos que referiram já ter tocado algumas vezes ou frequentemente nas partes íntimas do/a parceiro/a, feito gestos sexuais e se sentiram pressionados a fazer sexo contra a própria vontade apresentaram maior potencial de não reconhecerem essas situações como violência. Estudos realizados nessa mesma perspectiva demonstraram que o toque físico com conotação sexual contra a vontade e a coerção por parte de qualquer um dos dois estar fortemente presente nas relações de namoro dos adolescentes, por se tratar da fase da vida em que estes começam a explorar sua sexualidade e início das relações sexuais, que muitas vezes são romantizadas, camuflando a violência (SCHIFF & ZEIRA, 2005; GOMES, 2011; BESERRA et al., 2016).

Estudo realizado em Portugal com 4.667 estudantes universitários, demonstrou que 15% dos sujeitos avaliados referiram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo perpetrado pelo namorado/a e 27% deles assumiram ter adotado condutas violentas dirigidas aos parceiros/as, variando de formas menos graves de violência, à situações mais exacerbadas, como atos sexuais contra a vontade do outro, porém, identificando essas condutas como algo natural inerente ao relacionamento, e aceitas como prova de amor (MACHADO; CARIDADE, & MARTINS, 2009).

Diante desse contexto, reitera-se que a naturalização da violência no namoro surge nas questões referentes ao que é sentido pelos adolescentes e na forma como se posicionam após serem agredidos. Oliveira e colaboradores (2014) afirmam que algumas ideias referenciadas no meio social favorecem a ocorrência de relações interpessoais violentas, as quais designam de fenômeno cultural, e acrescentam que atos e atitudes comuns nos adolescentes, como a aceitação de humilhação e até mesmo agressões sexuais e físicas, são oriundos de uma cultura que romantiza o amor, naturalizando o domínio exercido fortemente de um sobre o outro (OLIVEIRA et al., 2014).

Essa forma de percepção de situações de violência, justificada como prova de amor, já havia sido evidenciada no ano de 1983, em um estudo realizado por Henton e colaboradores, onde mais de 25% das vítimas e 30% dos perpetradores

interpretavam a violência como sinal de amor (HENTON et al., 1983). No entanto, para Straus e Gelles (1990) o mais surpreendente é que muitas vítimas de violência no namoro, atribuem a si próprias o início dos episódios de violência em taxas maiores a que atribuem aos seus parceiros, indicando maior probabilidade de se culpabilizarem pela ocorrência dos atos, do que aos seus agressores.

Outro problema existente nas relações afetivas, principalmente as mais longas, são os altos índices de agressões verbais entre namorados, que permite vislumbrar a banalização do processo de comunicação entre os adolescentes nas suas relações de namoro (BARREIRA; LIMA & AVANCI, 2013; OLIVEIRA et al., 2014). Nessa perspectiva, neste estudo observou-se que os adolescentes que já se sentiram ameaçados com o tom de voz agressivo por parte do/a parceiro/a algumas vezes ou frequentemente, tinham maior chance de não reconhecerem estar em uma situação de violência, se configurando como um dado preocupante.

Esse achado corrobora com um estudo realizado com adolescentes brasileiros, onde 85,3% já havia praticado violência verbal contra o parceiro (tom de voz grosseiro, insultos, depreciação), mas que essas agressões eram justificadas e consideradas aceitáveis ou normais por ambos os envolvidos (OLIVEIRA et al., 2011). Altas prevalências deste tipo de agressão e banalização também foram identificados em estudos internacionais, onde 96,3% de adolescentes espanhóis tinham essa mesma postura (FERNÁNDEZ-FUERTES & FUERTES, 2010) e 53,7% dos adolescentes canadenses já haviam naturalizado a forma hostil de dialogar com as parceiras (WOLFE et al., 2001).

Autores afirmam que adolescentes que vivenciam relações de namoro na base de agressões verbais, com tom de voz grosseiro, insultos e xingamentos, e encaram isso como algo natural e inerente ao relacionamento, geralmente tem histórico familiar e social de agressões verbais, ou até mesmo vivência de relacionamentos anteriores, entre pares e grupos de amigos, em que foram vítimas desse tipo de violência (FERNET, 2005). No entanto, a visibilidade a este problema só se dar quando vem associada a outro tipo de violência, a exemplo das agressões físicas (OZER; TSCHANN & FLORES, 2004; O'LEARY et al., 2008).

Ressalta-se que, apesar de apenas quatro dos questionamentos levantados terem apresentado fatores associados à não percepção de violência por parte dos

adolescentes no modelo múltiplo, essas situações evidenciadas tem o potencial de apresentar forte risco de ocorrência de violência em outros contextos cotidianos do relacionamento afetivo destes indivíduos.

Considerando os questões levantadas, mas que não tiveram valor de *p* que justificasse o não reconhecimento e aumento de chance de sofrer violência nas relações de namoro (ser tocado nas partes íntimas ou visualizar gestos sexuais contra a vontade; provocar e ser provocado/a a sentir ciúmes na frente de amigos ou familiares; falar e ouvir palavras propositais para sentir raiva; e pressionar ou sentir-se pressionado a fazer sexo sem camisinha), reitera-se que, mesmo não sendo significativo neste estudo, alguns outros estudos conseguiram identificar associação da ocorrência dessas situações cotidianas, com o aumento da vulnerabilidade e chance dos adolescentes sofrerem mais violência nas suas relações de namoro, principalmente as situações de ciúme (CARIDADE & MACHADO, 2006; INQUE & RISTUM, 2008; EATON et al., 2010; NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; YOUNG, 2012; BESERRA et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2014, 2016; CECCHETTO et al., 2016).

O ciúme alavancou a maioria dos conflitos e brigas durante o namoro, sendo valorizado como expressão de amor e cuidado, e justificando a maior aceitação de condutas violentas com o parceiro entre aqueles que já praticaram agressão verbal nas relações de namoro. Tal observação sempre vem acompanhada da justificativa e agressões mais exacerbadas dentro da relação, onde o fato de um dos dois provocar ciúme é motivo para a violência física ser efetivada (FERNANDEZ-FUERTES & FUERTES, 2010; GOMEZ et al., 2011).

Reitera-se que, é necessário dar mais importância às condutas propagadas nas relações adolescentes, mesmo que estas estejam naturalizadas por eles, bem como as mudanças nas relações de gênero, de forma a se conseguir vivenciar as relações de namoro na adolescência mais igualitárias e simétricas, considerando que a violência vivenciada nos relacionamentos nesta fase da vida, é considerando forte preditor de violências entre casais na fase adulta (OLIVEIRA et al., 2016). Assim, além de intervenções orientadas para a identificação de comportamentos abusivos e violência após sua ocorrência, é preciso investir na prevenção baseada em reflexões sobre gênero.

CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa mostraram que situações cotidianas no namoro, como toque nas partes íntimas, gestos sexuais e sexo contra a vontade do outro, vivenciadas pelos adolescentes, em sua maioria do sexo masculino, não são reconhecidas como violência, havendo uma naturalização de suas ocorrências e aumentando as chances destes não se reconhecerem como vítimas ou agressores. Demais situações vivenciadas também no cotidiano relacional desses adolescentes não mostrou associação significativa para o risco de não reconhecerem a violência, mesmo sendo mostrada por outros estudos com a mesma perspectiva.

Percebe-se que muitas situações de violência vivenciadas nas relações de namoro entre os adolescentes, são recorrentes e envolvem a naturalização, invisibilidade e se concretizam como uma violência simbólica, e se torna desafiador o seu reconhecimento e enfrentamento, uma vez que as práticas violentas se dão principalmente pela naturalização com que são percebidas e reproduzidas no cotidiano, inclusive por adolescentes.

Para lidar com a invisibilidade da violência nessas relações, é fundamental a construção de espaços criativos de conversa e troca de ideias sobre namoro e violência, assim como, haver investimento em prevenção e criação de instrumentos que permitam os adolescentes reconhecer, enfrentar e opor-se às diferentes formas de violência, por meio de sua desnaturalização. Este estudo tem como limitação não ter sido realizado a coleta por sexo e nem analisada a gravidade das atitudes violentas na visão dos adolescentes. Mais estudos são necessários para determinar se esses resultados apresentam divergência ou similaridade para jovens de idade superior aos adolescentes pesquisados.

REFERENCIAS

ARAUJO, L. M. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. **Cienc. Saude colet**. 2012. 17(9):126-42.

AIZENMAN, M.; KELLEY, G. The incidence of violence and acquaintance rape in dating violence relationships among college men and women. **Journal of College Student Development.** 1988; 29(4), 305-311.

ÁNGEL, M.; BARRAZA, A. Violencia en el noviazgo: Perpretación, victimización y violencia mutua. Una revisión. **Actualidades en Psicología**. 2015. 29(118), 57-72.

BORREGO, J. et al. Violencia en el noviazgo: Revisión bibliográfica y bibliométrica. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**. 2014. 66(1), 1-17.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/PE – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**. 2015; serIV(7), 91-99.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc Anna Nery** 2016;20(1):183-191.

BARREIRA, A. K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Rev B ras Epidemiol** jan-mar 2014; 217-228.

BARREIRA, A.; LIMA, M.; AVANCI, J. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2013; 18(1), 233-243.

CORNELIUS, T. L. et al. Participation in prevention programs for dating violence: Beliefs about relationship violence and intention to participate. **Journal of Interpersonal Violence**. 2009. 24(6), 1057-1078.

CECCHETTO F, OLIVEIRA QBM, NJAINE K, MINAYO MCS. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface (Botucatu)**. 2016; 20(59):853-64.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**. 2006. 24(4), 485-493.

EISENSTEIN, E. **Adolescência**: definições, conceito e critérios. Adolesc. Saude. 2005;2(2):6-7.

EATON, D. K. et al. **Youth Risk Behavior Surveillance-United States 2009**. Morbidity and Mortality Weekly Report. 2010. [citado 2014 dez 14] [aproxi. 142 telas]. Disponível em: http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6104a1.

FERNET, M. **Amour, violence et adolescence**. Quebéc: Presses de d'Université du Québec; 2005.

FRANCO, L. et al. Tolerance towards dating violence in Spanish adolescents. **Psicothema**. 2012. 24(2), 236-242.

FOSHEE, V. A. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. **Health Educ Res.** 1996; 11(3): 275-86.

FOSHEE, V. A.; REYES, H. L. Dating abuse: Prevalence, consequences and predictors. In R. J. R. Levesque (Ed.), **Encyclopedia of Adolescence**. 2011. New York: Springer Science.

FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; FUERTES, A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequence. **Child Abuse Negl**. 2010; 34(3):183-191.

GRAY, H. M.; FOSHEE, V. Adolescent Dating Violence: Differences Between One-Sided and Mutually Violent Profiles. J Interpers Violence 1997; 12(1): 126-41.

GOMES R. **Invisibilidade da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais**. In: Minayo MSC, Assis SG, Njaine K. Amor e Violência um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

GOMEZ, A. M.; SPEIZER, I. S.; MORACCO, K. E. Linkages between gender equity and intimate partner violence among urban Brazilian youth. **Journal of Adolescent Health**. 2011. 49(4), 393-399.

HAMBY, S. et al. Adapting dating violence prevention to francophone Switzerland: A story of intra-western cultural differences. **Violence and Victims**. 2012. *27*(1), 33-42.

HENTON, J. et al. Romance and violence in dating relationships. **Jornal of Family Issues.** 1983; 4(1)467-482.

INQUE, S. R. V.; RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estud Psicol** (Campinas). 2008; 25(1):11-21.

KINSFOGEL, K. M.; GRYCH, J. H. Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences. **J Family Psychol.** 2004; 18(3):505-515.

KRUG, E. G. et al. **World report on violence and health**. Genova: World Health Organization. 2002.

LEITÃO, M. N. C. **Violência nas Relações de Intimidade**. In Leitão et al., 2013. Prevenir a Violência no Namoro - N(Amor)O (Im)Perfeito - Fazer Diferente para Fazer a Diferença (O)Usar & Ser Laço Branco. Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Plano de Actividades. Coimbra: 2013, p.25-42.

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family Relations**. 1981; 30(1), 97-102.

MAKEPEACE, J. M. Gender differences in courtship violence victimization. **Family Relations**. 1986; *35*(3), 383-388.

MACHADO, C.; CARIDADE, S.; MARTINS, C. **Violence in juvenile dating relationships**: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. Journal of Family Violence. 2009. 25, 43-52.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**; 23 (3): 516-525, 2011.

OLIVEIRA, Q. et al. Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2014. 19(3), 707-718.

OLIVEIRA, et al. **Violência nas Relações Afetivos-Sexuais.** In: Minayo MSC, Assis SG, Njaine K. Amor e Violência um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

OLIVEIRA, et al. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Jul-Set 2016, Vol. 32 n. 3, pp. 1-12.

O'KEEFE, N. K.; BROCKOPP, K.; CHEW, E. **Teen dating violence**. Social Work. 1986; 31(6), 463-468.

O'LEARY, K. D. et al. Gender Differences in Dating Aggression Among Multiethnic High School Students. **J Adolesc Health**. 2008; 42(5): 473-9.

OZER, E.; TSCHANN, L.; FLORES, E. Violence perpetration across peer and partner relationships: co-occurrence and longitudinal patterns among adolescents. **J Adolesc Health.** 2004; 34(1):64-71.

SAAVEDRA, R. et al. **Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes** (ICRNA). In M. R. Simões, C. Machado, & M. Gonçalves (Coords.), Instrumentos e contextos de avaliação psicológica. 2011. (pp. 269-283). Coimbra: Almedina.

SHEN, A. C.; CHIU, M. Y.; GAO, J. Predictors of dating violence among chinese adolescents: The role of gender-role beliefs and justification of violence. **Journal of Interpersonal Violence.** 2012. 27(6), 1066-1089.

SCHIFF, M.; ZEIRA, A. Dating aggression and sexual risk behaviours in a sample of at-risk Israeli Youth. **Child Abuse & Neglect**. 2005. 29, 1249-1263.

SIMON, V. A.; FURMAN, W. Interparental conflict and adolescents' romantic relationship conflict**. J Res Adolescence** 2010; 20(1):188-209.

SEARS, H. A. et al. If it hurts you, then it is not a joke: Adolescents' ideas about girls and boys use of abusive behavior in dating relationships. **Journal of Interpersonal Violence**. 2006. 21(9),1191-1207.

STRAUS, M. A. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Child Youth Serv Rev.** 2008; 30(3): 252-75.

STRAUS, M. A.; RAMIREZ, I. L. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA**. Aggress Behav.** 2007; 33(4): 281-90.

SCHIFF, M.; ZEIRA, A. T. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. **Child Abuse & Neglect**. 2005. 29(11):130-41.

STRAUS, M.A.; GELLES, R. J. Physical violence in American families. New Brunswick, NJ: **Transaction Publishers**; 1990.

WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. **Psychol Assess**. 2001; 13(2):277-293.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Violence prevention**: the evidence. Centre for Public Health. 2009.

WOLFE, D. A. et al. Youth relationships manual: A group approach with adolescents for the prevention of woman abuse and the promotion of healthy relationships. **Thousand Oaks: Sage**. 1996. 208p.

YOUNG, B. J. Changes in Adolescents' Risk Factors Following Peer Sexual Coercion: Evidence for a Feedback Loop. **Rev Psychopathol**. 2012. 24(2):01-12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, teve como intuito maior discorrer sobre as situações de violência afetiva na adolescência, mais especificamente, a violência no namoro, considerando suas particularidades, nuances e entraves. E como cada artigo extraídos trouxe suas próprias conclusões, apenas resumiremos aqui o contexto geral do que foi concluído pelas autoras e as limitações encontradas.

A violência nas relações entre namorados foi vista, através do estado da arte levantado, que se configura como um problema grave, que envolve diversos fatores e produz muitos efeitos negativos na vida dos envolvidos. Esse fenômeno da violência no namoro entre adolescentes e jovens perpassa por todos os grupos e segmentos, independente das diferenças sociais de classes, sexo e nível. Ademais, violência que se instaura nas relações de namoro ou “ficar” deve ser considerada dentro do contexto de violência social, uma vez que envolve aspectos referentes às relações de gênero, bem como aspectos históricos e sociais.

As questões de gênero, mais especificamente, são marcadas por polaridades que tendem a enquadrar a postura dos indivíduos naquilo que é certo e errado, ou o ser masculino e feminino como posturas naturais e essenciais a existência humana. Prova disso é observar um contínuo das diferenças entre homem e mulher, mesmo após tantas tentativas de se quebrar esses papéis estereotipados para cada gênero, onde meninos e meninas são educadaos a se comportarem de formas diferenciadas no exercício da sexualidade e na expressão dos sentimentos, tendo sido visto em nossos resultados e muitas outras pesquisas trazidas.

Além disso, sabe-se que o machismo continua forte e bem presente na nossa realidade e, mesmo os homens também sendo alvos de violência afetiva, as violências mais graves são cometidas por eles, mesmo nas relações de namoro, muitas vezes por se sentirem contrariados e traídos. Isso mostra a visão arcáica de que a mulher é posse e objeto do poder masculino. Mas, observa-se, que é uma visão que vem sendo modificada, talvez não da melhor forma, pois pesquisas já mostram que as mulheres vem adotando comportamentos violentos dentros de suas relações, como forma de se sentirem emponderadasn e seguras. E no geral, o motivo das maiores desavenças é o ciúme e sensação de posse do outro.

Ressalta-se que, a vivência dos adolescentes em um ambiente comunitário e familiar violento tem o potencial de torná-los mais vulneráveis a cometer agressões contra seus parceiros afetivos e a adotar a violência como uma forma de comunicação. Para muitos, a base da violência relacional que praticam foi, geralmente, iniciada na infância e potencializada na adolescência, mostrando como os fatores de risco culturais, familiares e individuais são determinantes, e a inexistência de fatores de proteção. Outros estudos mostram ainda que o maior obstáculo para se transformar relações interpessoais violentas em relações mais dialógicas é a naturalização das diversas formas de abuso por parte dos adolescentes, sendo também evidenciado em nossos resultados.

Dainte disso, ressalta-se que, o maior desafio que se enxerga é o de criar políticas e programas intersetoriais que integrem os adolescentes, suas famílias e as escolas, e interajam com eles, para que juntos construam uma sociedade menos permeada pela consentida violência na vida pessoal e privada, pois a violência social, em geral, se alimenta dessa fonte e também potencializa a cronificação dos conflitos e maus-tratos no âmbito das relações afetivas em qualquer fase da vida.

Se a violência é socialmente construída, variando de cultura para cultura, e em diferentes momentos da história de uma sociedade, então pode ser transformada pelos atores sociais mais presentes e envolvidos, desde que assim o desejem e tenhma condições para isso. São necessários esforços maciços das instituições em todos os níveis, de forma a assegurar a diminuição da violência através de uma abordagem orientada para a intervenção, e crítica no sentido de se construírem programas eficazes de prevenção da violência no namoro.

Para finalizar, as autoras elencam algumas limitações encontradas. Primeiramente, o fato da pesquisa ter sido realizado em apenas um município e soemnte em escolas públicas, não podendo ser generalizado os achados a uma pesquisa que tivesse um cunho de fronteiras mais abrangente e pudesse ter sido feita em outros municípios e regiões, e classes sociais diversas, de forma a se conhecer a variedade cultural e social sobre os resutados.

Outra limitação foi o fato da amostra ter sido de apenas 565 adolescentes, não permitindo tirar uma conclusão mais abrangente, uma vez que, diante do grande quantitativo de adolescentes brasileiros, não é coerente trazer conclusões mais abrangentes, pois sabe-se que uma amostra mais alargada poderia permitir uma compreensão mais aprofundada de alguns fatores ligados à violência no namoro nessa fase da vida.

Para terminar, destaca-se que, nenhum resultado ou conjunto de resultados são a palavra final em uma investigação científica, não devendo, por isso, assumir valor generalizado. Nesse sentido, concebe-se estes resultados como ponto de partida para futuras pesquisas, sendo que poderão constituir-se como um pequeno leque, no sentido de abrir caminho a futuras investigações sobre esta temática e, desta forma, contribuir para a efetivação de mais pesquisas de caráter coletivo que deem suporte a implementação de políticas e intervenções que possam prevenir a ocorrência de violência nas relações de namoro na adolescência.

REFERENCIAS

ALMEIDA FILHO, N.; ROUQUAYROL, M. Z. **Introdução à Epidemiologia.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 265.

ALMEIDA, A. M. L. G. **Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade de Recife**, 2008. Dissertação de Mestrado, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife. 2010. p. 236.

ACKARD, D. M.; EISENBERG, M. E.; NEUMARK, D. Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. **The Journal of Pediatrics**, 151(5), 476-481. 2007.

ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo/ Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, 6(1), 105-120. 2004.

ANTÔNIO, T.; KOLLER, S. H.; HOKODA, A. Peer influences on the dating aggression process among Brazilian street youth: A brief report. **Journal of Interpersonal Violence**, 27(8), 1579-1592. 2012.

ASSIS, S. G. et al. **Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivo-sexuais**. Em M. M. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Eds.), Amor e violência: um paradoxo das relações de amor e do ficar (pp. 153-182). Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011.

ARMITAGE, C. J. Can the theory of planned behavior predict the maintenance of physical activity? **Health Psychology**, v. 24, n. 3, p 235-45, 2005.

AIZENMAN, M.; KELLEY, G. The incidence of violence and acquaintance rape in dating violence relationships among college men and women. **Journal of College Student Development**, 29(4), 305-311. 1988.

ARAUJO, L. M. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. **Cienc. Saude colet**. 2012. 17(9):126-42.

ÁNGEL, M.; BARRAZA, A. Violencia en el noviazgo: Perpretación, victimización y violencia mutua. Una revisión. **Actualidades en Psicología**. 2015. 29(118), 57-72.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc Anna Nery** 2016;20(1):183-191.

BLACK, B. M. et al. When will adolescents tell someone about dating violence victimization? **Violence Against Women**. 14(7):741-758. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Saúde do Adolescente**: competências e habilidades. 1ª ed. Brasília: DF; 2008.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(1):233-243. 2013.

BARREIRA, A. K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 17:217-28. 2014.

BESERRA, M. A. et al. Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência.** Série IV - n.° 7 - out./nov./dez. 2015.

BORREGO, J. et al. Violencia en el noviazgo: Revisión bibliográfica y bibliométrica. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, 66(1), 1-17. 2014

BRASIL. Art. 65 da Lei das Contravenções Penais - **Decreto Lei 3688/41**. *JusBrasil*, 9 de junho de 2014. Acessado em: 19 fev. 2018.

CECCHETTO, F. et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface (Botucatu)**. 2016; 20(59):853-64.

CARIDADE, S. **Vivências Intimas Violentas**: Uma Abordagem Cientifica. Coimbra: Edições Almedina. 2011. p. 41.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Rev. Psicologia**, Vol. 27(1). 2013. Edições Colibri, Lisboa, p. 113.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, 4 (24), 485-493. 2006.

CORNELIUS, T. L. et al. Participation in prevention programs for dating violence: Beliefs about relationship violence and intention to participate. **Journal of Interpersonal Violence**, 24(6), 10571078. 2009.

COURNEYA, K. S. Understanding readiness for regular physical activity in older individuals: an application of the theory of planned behavior. **Health Psychology**, v. 14, n. 1, p. 80-87, 1995.

COELHO, C.; MACHADO, C. **Violência Entre Jovens**: Prevenção Através da Educação por Pares. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 33683383). Braga, Universidade do Minho. 2010.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDCP). Youth Risk Behavior Surveillance - United States 2013. **Surveillance Summaries**. 01(1):92-107. Jun, 2014.

DOBASH, R. P.; DOBASH R. E. Women's violence to men in intimate relationships. **British Journal of Criminology**, 44, 324–349. 2004.

DOROTEIA, J. M. R. **Violência no namoro:** Atitudes legitimadoras e exposição ao conflito interparental. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Monte de Caparica. 2013.

DORNBUSH, S. et al. Sexual development, age and dating: a comparison of biological and social influences upon set of behaviors. **Child Development**. 52:179-85. 1981.

EXNER, C. D.; ECKENRODE, J.; ROTHMAN, E. Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. **Pediatrics,** 131(1), 71-78. Doi: http://dx.doi. org/10.1542/peds.2012-1029. 2013.

EATON, D. K. et al. Youth Risk Behavior Surveillance-United States 2009. **Morbidity and Mortality Weekly Report**. 14(6):17-28. Dez, 2010.

EISENSTEIN, E. **Adolescência**: definições, conceito e critérios. Adolesc. Saude. 2005;2(2):6-7.

FERNET, M. **Amour, violence et adolescence**. Quebéc: Presses de d'Université du Québec; 2005.

FRANCO, L. et al. Tolerance towards dating violence in Spanish adolescents. **Psicothema.** 2012. 24(2), 236-242.

FOSHEE, V. A. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. Health Educ Res 1996; 11(3): 275-86.

FERNANDEZ, F. A. A.; FUERTES, A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequence. **Child Abuse & Neglect**, 34, 183-191. 2010.

FOSHEE, V. et al. A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. **Journal of Adolescent Health**, 53(6), 723-729. 2013.

FOSHEE, V. A. et al. An evaluation of Safe Dates, an adolescent dating violence prevention program. **American Journal of Public Health**, 88(1), 45-50. 1998. http://dx.doi.org/10.2105/ AJPH.88.1.45.

FOSHEE, V. et al. Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. **Preventive Medicine**, 32, 128 - 141. 2001. Doi: http://dx.doi.org/10.1006/ pmed.2000.0793.

FOSHEE, V. A.; REYES, H. L. Dating abuse: Prevalence, consequences and predictors. In R. J. R. Levesque (Ed.), **Encyclopedia of Adolescence**. New York: Springer Science. 2011.

FÉLIX, R.G.; PALAFOX, G. H. Relações de gênero na escola: Só não vê quem não quer. **Revista Iberoamericana de Educación**. Universidade Federal de Uberlandia (NEPECC/UFU) 50(3). 2009.

FELIX, D. S. S. C**renças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção**: um estudo exploratório. 72 f. Dissertação de mestrado. Portugal: Faculdade de Psicologia- Universidade de Lisboa, 2012.

FLAKE, T. A. et al. Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Rev Bras Epidemiol** 2013; 16(4): 801-16

GLASS, N. et al. Adolescent Dating Violence: Prevalence, Risk Factors, Health Outcomes, and Implications for Clinical Practice. **Jognn. Clinical issues**, 32, 227-238. 2003.

GLANZ, K.; RIMER, B.K.; VISWANATH, K. Health behavior and health education: Theory, research, and practice. New York: 4th ed. **Jossey-Bass**, 2008, 552p.

GOMES, R. A Dimensão Simbólica da Violência de Género: uma discussão introdutória. **Athenea Digital**. 14, 237-243. 2008.

GONZÁLEZ, O. I.; ECHEBURÚA, E.; CORRAL, P. Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: Una revisión. Behavioral Psychology. **Psicología Conductual**, 2(16), 207-225. 2008.

GRE. Gerência Regional de Educação. Secretaria de Educação de Pernambuco. **Relação de escolas zona urbana 2016/2017**. Pernambuco, 2017. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=107>. Acesso em 31 de jan. 2018.

GRAY, H. M.; FOSHEE, V. Adolescent Dating Violence: Differences Between One-Sided and Mutually Violent Profiles. **J Interpers Violence**. 1997; 12(1): 126-41.

GOMES R. **Invisibilidade da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais**. In: Minayo MSC, Assis SG, Njaine K. Amor e Violência um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

GOMEZ, A. M.; SPEIZER, I. S.; MORACCO, K. E. Linkages between gender equity and intimate partner violence among urban Brazilian youth. **Journal of Adolescent Health**. 2011. 49(4), 393-399.

HAMBY, S. et al. Adapting dating violence prevention to francophone Switzerland: A story of intra-western cultural differences. **Violence and Victims**. 2012. *27*(1), 33-42.

HENTON, J. et al. Romance and violence in dating relationships. **Jornal of Family Issues**. 1983; 4(1)467-482.

HASSELMANN, M. H.; REICHENHEIM, M. E. Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: Equivalências semântica e de mensuração. **Cadernos de Saúde Pública**, 19(4), 1083-1093. 2003. Doi http://dx.doi.org/10.1590/ S0102-311X2003000400030.

HAYNIE, D. L. et al. Dating violence perpetration and victimization among US adolescents: Prevalence, patterns, and associations with health complaints and substance use. **Journal of Adolescent Health**, 53(2), 194-201. 2013. http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.02.008.

HAMBY, S. et al. Adapting dating violence prevention to francophone Switzerland: A story of intra-western cultural differences. **Violence and Victims**, 27(1), 33-42. 2012.

HEILBORN, M. L. **Construção de si, gênero e sexualidade**. In: Heilborn ML (org.). Sexualidade. O olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999. p. 58.

HARRISON, J. Commitment and Acceptance of Relationship Violence. The University of Central Florida. **Undergraduate Research Journal**. 1, 8-17. 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico 2017**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/população/2017. Acesso em 29/01/2018.

INQUE, S. R. V.; RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estud Psicol** (Campinas). 2008; 25(1):11-21.

JÚNIOR, J. A. B.; MATSUDA, L. M. Construção e validação de instrumento para avaliação do acolhimento com Classificação de Risco. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 65(5): 751-7. 2012. doi: 10.1590/S0034-71672012000500006.

JANUÁRIO, I. S. et al. **Violência doméstica contra à mulher**: Diretrizes legais para a assistência de enfermagem. 13º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem. Rio Grande do Norte. 2010.

KINSFOGEL, K. M.; GRYCH, J. H. Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences. **J Family Psychol**. 2004; 18(3):505-515.

KRUG, E. G. et al. **World report on violence and health**. Genova: World Health Organization. 2002.

LEITÃO, M. N. **Violência nas relações de intimidade**. In: Prevenir a violência no namoro -N(amor)o (Im)perfeito-Fazer diferente para fazer a diferença (pp. 23- 42). Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, Escola superior de Enfermagem de Coimbra. (5). 2013.

LAPORTE, L. et al. The Relationship Between Adolescents' Experience of Family Violence and Dating Violence. Youth & Society, 43(1), 3–27 SAGE Publications Reprints and permission: sagepub.com/ **Journals Permissions**. 2011. DOI: 10.1177/0044118X09336631.

LARANJEIRA, A. R. et al. **Saúde, sexo e género**: Factos representações e desafios. Lisboa. Direção Geral de Saúde. 2007.

LEEN, E. et al. Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. **Aggression and Violent Behavior**, 18(1), 159-174. 2013. Doi:10.1016/j.avb.2012.11.015.

MORAES, C. L.; REICHENCHEIM, M. E. Cross-cultural measurement equivalence of the Revised Conflict Tactic Scales (CTS2): Portuguese version used to identify violence with couples. **Cadernos de Saúde Pública**, 18(3), 783-796. 2002. Doi: http://dx.doi. org/10.1590/S0102-311X2002000300027.

MORAES, C. L.; HASSELMANN, M. H.; REICHENHEIM, M. E. Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. **Cadernos de Saúde Pública**, 18(1), 163-76. 2002. Doi: http:// dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family Relations**, 30, 97-102. 1981.

MAKEPEACE, J. M. Gender differences in courtship violence victimization. **Family Relations**, 35(3), 383-388. 1986.

MINAYO, M.C.; ASSIS, S.; NJAINE, K. **Amor e Violência**: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

MATOS, M. et al. **Violência, Bullying e Delinquência**. 1ª ed. Lisboa: Coisas de Ler Edições. 2009.

MOURA, G. A. **Violência no namoro e estilos parentais na adolescência**: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário, Lisboa. 2012. Doi: http://repositorio.ispa.pt/ handle/10400.12/2280.

MANSO, J. M. M. et al. Psychological Abuse in Young Couples: Risk Factors. **Journal of Social Service Research**, 5(37), 555-570. 2011. Doi:10.1080/01488376.2011.608339.

MACHADO, C.; MATOS, M.; MOREIRA, A. I. Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. **Psychologica**, 33, 69-83. 2003. MACHADO, C.; CARIDADE, S.; MARTINS, C. Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. Journal of Family Violence. 2009. 25, 43-52.

MANUEL, S. C. G. **A violência no namoro entre jovens adultos**. Dissertação De mestrado em educação para saúde. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto. Coimbra. 2014. p. 53.

MILLER, L. M. Physical Abuse in a College Setting: A Study of Perceptions and Participation in Abusive Dating Relationships. **Journal of Family Violence**. 26(1), 71– 80. 2011. Doi:10.1007/s10896-010-9344-2.

MORAES, M. S. L. Falando de Gênero. La Salle. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. 2(3), 97-108. 2008.

MARTINS, G. A. Sobre Confiabilidade e validade. **Revista Bras Ges Neg**. 2006;8(20):1-12. 2006Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/Martins_2006_Sobre-confiabilidade-e-validad_6471%20(2).pdf.

MURTA, S. G. et al. Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. **Contextos Clínicos**, 7(2), 118-132. 2014. Doi: http://dx.doi.org/10.4013/ ctc.2014.72.01.

MURTA, S. G. et al. Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 381-393, mai./ago. 2016.

MURTA, S. G. et al. Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. **Contextos Clínicos**, 6(2), 117-131. 2013a. Doi: http://dx.doi.org/10.4013/ ctc.2013.62.05

MURTA, S. G. et al. **Programa de prevenção à violência no namoro e promoção de empoderamento em adolescentes.** Em S. G. Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschke & G. R. D. (Eds.). Violência no Namoro: Estudos, Prevenção e Psicoterapia (pp. 205228). Curitiba: Editora Appris. 2015.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. D. L. M. Violência n namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, 23(3), 516-525. 2011. http://dx.doi. org/10.1590/S0102-71822011000300009.

NJAINE, K. et al. **Prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais.** In Minayo M. C. S, Assis S. G., Njaine K. (Orgs.). Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do'ficar'entre jovens brasileiros (p. 183-205). Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. **Homens masculinidades e políticas públicas**: Aportes para a equidade de género. Promundo. Brasil. 2009.

NIOLON, P. H., et al. Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk factors among middle school youth in high-risk urban communities. **Journal of Adolescent Health**, 56(2), S5-S13. 2015. Doi:http://dx.doi.org/10.1016/j. jadohealth.2014.07.019

OLIVEIRA, M. S. **Violência intergeracional**: da violência na família à violência no namoro. Porto: Universidade do Porto; 2009.

OLIVEIRA, M. S.; SANI, A.I.A. **Intergeracionalidade da violência nas relações de namoro**. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 6,162-170. 2009.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. **Violência nas relações afetivo-sexuais**. Em M. M. Minayo, S. G. Assis & K. Njaine (Eds.). Amor e violência: um paradoxo das relações de amor e do ficar (pp. 87-140). Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(3), 707-718. 2014. Doi: http://dx.doi. org/10.1590/1413-81232014193.19052013.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Vol. 32 n. 3, pp. 1-12. 2016.

ORGANIZATION (WHO). **Violence prevention**: the evidence. Centre for Public Health. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: ação e produção de evidência. Organização PanAmericana da Saúde. 2012.

O'KEEFE, M. Predictors of dating violence among high school students. **Journal of Interpersonal Violence**, 12, 546-568. 1997.

O'KEEFE, N. K.; BROCKOPP, K.; CHEW, E. Teen dating violence. **Social Work**, 31(6), 463-468. 1986.

OSHITAKA, C. T. et al. Características das mulheres violentadas sexualmente e da adesão ao seguimento ambulatorial: tendências observadas ao longo dos anos em um serviço de referência em Campinas, São Paulo, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v. 27, n. 4, 2011, p. 701-13.

O'LEARY, K. D. et al. Gender Differences in Dating Aggression Among Multiethnic High School Students. **J Adolesc Health.** 2008; 42(5): 473-9.

OZER, E.; TSCHANN, L.; FLORES, E. Violence perpetration across peer and partner relationships: co-occurrence and longitudinal patterns among adolescents. **J Adolesc Health.** 2004; 34(1):64-71.

PAIVA, C.; FIGUEIREDO, B. Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. **Psychologica,** 36, 75-107. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. 2004.

PIMENTEL, C. E.; MOURA, G. B.; CAVALCANTE, J. G. Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 147-159, jan./abr. 2017.

PASQUALI, L. **Instrumentação psicológica**: fundamentos e práticas. 1st ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PEIXOTO, J.; MATOS, M.; MACHADO, C. Violência sexual no namoro: os atletas universitários como grupo de risco? **Psicologia**, Vol. 27(1), 2013, Edições Colibri, Lisboa, pp. 133-156. 2013.

POLIT, D. F.; BACK, C. T. The Content Validity Index: Are You Sure You Know What's Being Reported? Critique and Recommendations. **Researchin Nursing & Health**. 2006; (29)1:489-97. Doi: 10.1002/nur.20147.

RANDLE, A. A.; GRAHAM, C. A. A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. **Psychology of Men & Masculinity**, 12(2), 97. 2011. Doi: http://dx.doi.org/10.1037/a0021944

RODRÍGUEZ, F. L. et al. Labeling dating abuse: Undetected abuse among Spanish adolescents and young adults. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, 1(12), 55-67. 2012.

REDONDO, J.; PIMENTEL, I.; CORREIA. **Manual sarar - sinalizar, apoiar, registar, avaliar, referenciar:** Uma proposta de Manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/entre parceiros íntimos. Centro Hospitalar Universitário de Coimbra. 2012.

RUBIO, D. M. et al. Objectifying content validity: conducting a content validity study in social work research. **Soc Work Res.** 27(2):94-111. 2003. Doi: 10.1093/swr/27.2.94.

RAMIREZ, M. et al. Violent peers, network centrality, and intimate partner violence perpetration by young men**. J Adolesc Health**. 51(5):503-509. 2012.

REICHENHEIM, M. E. et al. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. **Lancet**. 377(9781): 1962-75. 2011.

SAAVEDRA, R. et al.**Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes** (ICRNA). In M. R. Simões, C. Machado, & M. Gonçalves (Coords.), Instrumentos e contextos de avaliação psicológica (pp. 269-283). Coimbra: Almedina. 2011.

SAAVEDRA, R.; MARTINS, C.; MACHADO, C. Relacionamentos íntimos juvenis: Programa para a prevenção da violência. **Psicologia** [online]. 12(4):01-12. Jan/jun, 2013.

SEARS, H.A. et al. If it hurts you, then it is not a joke: adolescents' ideas about girls and boys use of abusive behavior in dating relationships. **J Interpers Violence**. 21(9):1191-1207. 2006.

SIMON, V. A.; FURMAN, W. Interparental conflict and adolescents' romantic relationship conflict. **J Res Adolescence**. 20(1):188-209. 2010.

STCKL, H. et al. Multicountry Study team Intimate partner violence among adolescentes and young women: prevalence and associated factors in nine countries: a crosssectional study. **BMC Public Health**. Jul, 2014.

STOFFEL, D. P.; NICKEL, R. A utilização da atividade como ferramenta no processo de intervenção do terapeuta ocupacional em reabilitação neurológica. **Cad. Ter. Ocup**. UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 617-622, 2013. Doi: http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.064.

STRAUS, M. A. Measuring intrafamily conflict and violence. The Conflict Tactics (CT) Scales. **Journal of Marriage and the Family**, 41(1), 75-88. 1979.

STRAUS, M. A. et al. **Manual for the personal and relationships profile**. Durham, NH: University of New Hampshire, Family Research Laboratory. 1999.

SHOREY, R. C., et al. Dating violence prevention programming: Directions for future interventions. **Agression and Violent Behavior**, 17(4), 289-296. 2012. Doi:10.1016/j.avb.2012.03.001

SUTHERLAND, M. A. Implications for Violence in adolescent Dating Experiences. **Jognn**, 40, 225-234. 2011. DOI: 10.1111/j.1552-6909.2011.01223.x.

SHOREY, R. C. et al. Reactions to Dating Violence Research: Do Difficulties with Distress Tolerance Increase Negative Reactions? **Journal of Family Violence**. 2013;28(5):479-87. Epub 2013/09/28.

SILVA, I.; METTRAU, M. Talento acadêmico e desempenho escolar: a importância da motivação no contexto educacional. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, 2(1), 216-234. 2010.

SAAVEDRA, R. M. M. **Prevenir antes de remediar**: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis. Tese de Doutoramento em Psicologia. Universidade do Ninho. 2010.

SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 36 n°4, 787-800. Out/Dez. 2016. DOI: 10.1590/1982-3703000272014.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.P.B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Mc Graw Hill/Penso; 2013. 624 p.

STREINER, D.L. Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. **J Pers Assess**. 80(1):99-103. 2003. Doi: 10.1207/S15327752JPA8001_18.

STRAUS, M. A. et al. The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. **Journal of Family Issues**, 17(3), 283-316. 1996. http://dx.doi.org/10.1177/019251396017003001.

SAELENS, B. E. et al. Use of self-management strategies in a 2-year cognitive-behavioral intervention to promote physical activity. **Behavior Therapy**, v. 31, p.365-79. 2000.

SHEN, A. C.; CHIU, M. Y.; GAO, J. Predictors of dating violence among chinese adolescents: The role of gender-role beliefs and justification of violence. **Journal of Interpersonal Violence.** 2012. 27(6), 1066-1089.

SCHIFF, M.; ZEIRA, A. Dating aggression and sexual risk behaviours in a sample of at-risk Israeli Youth. **Child Abuse & Neglect**. 2005. 29, 1249-1263.

STRAUS, M. A. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Child Youth Serv Rev**. 2008; 30(3): 252-75.

STRAUS, M. A.; RAMIREZ, I. L. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. **Aggress Behav.** 2007; 33(4): 281-90.

SCHIFF, M.; ZEIRA, A. T. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. **Child Abuse & Neglect**. 2005. 29(11):130-41.

STRAUS, M. A.; GELLES, R. J. Physical violence in American families. New Brunswick, NJ: **Transaction Publishers**. 1990.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. **Psicologia em Estudo**. 2008; 13(1): 105-14.

TAQUETTE, S. R. Violência entre namorados na adolescência. **Rev adolescência e saúde**. v. 6, n 2. Ago 2009.

TEMPLEA, J. R. et al. Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. **Child Abuse Negl.** 37(5):343-352. 2013.

TAVAKOL, M., DENNICK, R. Making sense of Cronbach's Alpha. **International Journal of Medical Education**. 2011;(2)1:53-55. 2011. Doi: 10.5116/ijme.4dfb.8dfd.

VAGI, K. J. et al. Beyond correlates: A review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. **Journal of Youth and Adolescence**, 42(4), 633-49. 2013. Doi: 10.1007/s10964-013-9907-7.

WATERS, H. et al. **The economic dimensions of interpersonal violence.** Geneva: Department of Injuries and Violence Prevention, World Health Organization; 2004.

WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the conûict in adolescent dating relationship inventory. **Psychol Assess** 2001; 13(2):277-293. WORLD HEALTH

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: ação e produção de evidência. Organização PanAmericana da Saúde. 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Violence prevention: the evidence. **Centre for Public Health.** 2009.

WOLFE, D. A. et al. Youth relationships manual: A group approach with adolescents for the prevention of woman abuse and the promotion of healthy relationships. **Thousand Oaks: Sage.** 1996. 208p.

YOUNG, B. J. Changes in Adolescents' Risk Factors Following Peer Sexual Coercion: Evidence for a Feedback Loop. **Rev Psychopathol.** 2012. 24(2):01-12.

ANEXO 1 – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA UNIVASF

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO

Pesquisador: Rosana Alves de Melo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80546217.2.0000.5196

Instituição Proponente: UNIVASF

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.473.417

Apresentação do Projeto:

1. O projeto de pesquisa está ligado ao Colegiado de Enfermagem e a sua equipe executora é composta por: ROSANA ALVES DE MELO (pesquisadora responsável) e por Karina Perreli Randau e Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes. O projeto contempla todas as seções essenciais para a análise ética.

Objetivo da Pesquisa:

2. Os objetivos estão bem delineados, são exequíveis, estão em acordo com a metodologia proposta e podem ser atingidos no prazo estipulado pelo cronograma.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

3. Foi realizada uma análise dos riscos pertinente, com previsão de estratégias para minimizá-los, assim como foram apresentados os potenciais benefícios que a pesquisa pode propiciar aos seus participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

4. O projeto apresenta adequadamente os seguintes itens: tema, objeto da pesquisa, relevância social, local de realização da pesquisa, população a ser estudada, garantias éticas aos participantes da pesquisa, método a ser utilizado, orçamento, critérios de inclusão e não inclusão dos participantes da pesquisa, critérios de encerramento ou suspensão de pesquisa e divulgação dos resultados do estudo.

Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, s/n
Bairro: Centro **CEP:** 56.304-205
UF: PE **Município:** PETROLINA
Telefone: (87)2101-6896 **Fax:** (87)2101-6896 **E-mail:** cedep@univasf.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tc1.pdf	18/12/2017 01:03:37	Rosana Alves de Melo	Aceito
Folha de Rosto	FR.pdf	29/11/2017 22:45:56	Rosana Alves de Melo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	proj.pdf	29/11/2017 10:24:01	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	QUE.pdf	28/11/2017 23:41:35	Rosana Alves de Melo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	004.jpg	28/11/2017 23:39:56	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	003.jpg	28/11/2017 23:39:27	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	002.jpg	28/11/2017 23:39:02	Rosana Alves de Melo	Aceito
Orçamento	001.jpg	28/11/2017 23:38:14	Rosana Alves de Melo	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PETROLINA, 24 de Janeiro de 2018

Assinado por:
Luciana Duccini
(Coordenador)

ANEXO 2 – CARTA DEPROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA UPE

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO/ PROPEGE/

Continuação do Parecer: 1.760.996

Outros	ROSANA.docx	05/07/2016 09:35:39	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	INSTRUMENTOS.docx	05/07/2016 09:32:57	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	ANUENCIA.jpg	05/07/2016 09:32:19	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.jpg	05/07/2016 09:31:26	Rosana Alves de Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO.docx	05/07/2016 09:29:41	Rosana Alves de Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO.docx	05/07/2016 09:29:27	Rosana Alves de Melo	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	05/07/2016 09:26:06	Rosana Alves de Melo	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RECIFE, 04 de Outubro de 2016

Assinado por:
Marco Aurélio de Valois Correia Junior
(Coordenador)

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.100-010
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3183-3775 **Fax:** (81)3183-3775 **E-mail:** comite.etica@upe.br

ANEXO 3 – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA UFPE

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP-CCS-UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO NA ADOLESCÊNCIA
Pesquisador: Rosana Alves de Melo
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 57634816.1.3001.5208
Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.783.063

Apresentação do Projeto:
Trata-se de uma pesquisa analítica e descritiva, de abordagem qualitativa e quantitativa. A abordagem qualitativa tem a capacidade de interligar os
significados e a intencionalidade às relações humanas e às estruturas da sociedade para que haja uma construção coletiva, levando em
consideração principalmente os valores e atitudes, para se entender a complexidade existente nos fenômenos que ocorrem constantemente.

Objetivo da Pesquisa:
Verifica-se com a violência nas relações afetivas que é um fenômeno bastante presente, podendo ocorrer não somente no contexto de coabitação e
casamento, mas também nas relações de namoro. Entre as suas formas de ocorrência encontra-se a violência física, a violência sexual e a violência
psicológica ou emocional. Dessa forma, há a necessidade de se compreender as especificidades de cada forma de violência, fazendo o seu
enquadramento na relação de namoro.Deve-se conhecer e analisar o significado de violência perpetrada nas relações de namoro para
adolescentes em idade escolar, bem como a sua ocorrência nos relacionamentos.

Continuação do Parecer: 1.783.063

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJ.docx	23/08/2016 21:40:57	Rosana Alves de Melo	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_753310.pdf	05/07/2016 21:09:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	05/07/2016 21:08:24	Rosana Alves de Melo	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAROSTO.pdf	05/07/2016 20:17:17	Rosana Alves de Melo	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	05/07/2016 09:41:18	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	KARINE.docx	05/07/2016 09:36:07	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	ROSANA.docx	05/07/2016 09:35:39	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	INSTRUMENTOS.docx	05/07/2016 09:32:57	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	ANUENCIA.jpg	05/07/2016 09:32:19	Rosana Alves de Melo	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.jpg	05/07/2016 09:31:26	Rosana Alves de Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO.docx	05/07/2016 09:29:41	Rosana Alves de Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO.docx	05/07/2016 09:29:27	Rosana Alves de Melo	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	05/07/2016 09:26:06	Rosana Alves de Melo	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RECIFE, 20 de Outubro de 2016

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador)

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO CONSTRUÍDO E VALIDADO

	QUESTÕES
1	Escola Pública ( ) Escola Privada ( )
2	**Sexo**: Feminino ( ) Masculino ( )
3	Idade
4	Escolaridade
5	**Raça/Cor** ( ) Branco/a ( ) Negro/a ( ) Amarelo/a ( ) Pardo/a ( ) Indígeno/a
6	**Renda Familiar** ( ) Menos de 1 salário mínimo ( ) 1 a 2 salários mínimos ( ) Entre 2 e 3 salários mínimos ( ) Entre 3 e 6 salários mínimos ( ) Acima de 6 salários mínimos
7	**Com quem você mora atualmente** ( ) Pais ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Com meu namorado/a ( ) Moro sozinho/a ( ) Moro com amigos ( ) Demais parentes
8	**Seus Pais ou Responsáveis São:** ( ) Casados ( ) Separados ( ) Divorciados ( ) Nunca foram casados e nem viveram juntos ( ) Nunca foram casados, mas vivem juntos ( ) Não tem pais ( ) Viúvo (a)
9	**Sua situação amorosa:** ( ) Não estou em relação amorosa no momento, mas já estive ( ) Estou em uma relação amorosa, porém nada sério ( ) Estou ficando, namorando sério/noivo(a)/união estável/casado(a)
10	**Quanto tempo permaneceu no relacionamento mais sério que já teve/ou tem** ( ) Menos de um mês ( ) Há cerca de uma mês ( ) Há cerca de dois meses ( ) Entre 3 a 5 meses ( ) Entre 5 a um ano ( ) Entre um e dois anos ( ) Acima de dois anos
11	**Teve ou tem relação sexual no seu relacionamento** ( ) Sim, tenho como meu/minha namorado/a atual ( ) Sim, tive com namorado/a(s) anteriores e com o/a atual ( ) Sim, tive com namorado/a anterior, mas ainda não tive com o/a atual ( ) Só tive com o/a namorado/a atual ( ) Não tive nenhuma experiência sexual ainda ( ) Nada a declarar

	1 **Nunca**	**2** **Uma vez**	**3** **Algumas vezes**	**4** **Com frequência**
1	Durante a infância ou até mesmo na adolescência já presenciei xingamentos, empurrão, gritos, tapas ou outras formas de violência entre meus pais, responsáveis ou alguém com quem morei ou moro			
2	Já recebi xingamentos, empurrões, gritos, tapas ou outras formas de violência por parte de meus pais, responsáveis ou alguém com quem morei ou moro			
3	Já vivenciei situações de xingamentos, empurrões, tapas, gritos ou ameaças dentro de um relacionamento de namoro (paquera ou fica) que tive ou tenho atualmente			
4	Já precisei de apoio psicológico, social, espiritual, de saúde (como por ex.: terapia, consulta, internamento), por causa de algum tipo de violência que sofri vinda de meu/minha namorado/a, paquera ou ficante			
5	Precisei retirar/mudar alguma roupa em que estava vestido/a por exigência do meu/minha namorado/a, paquera ou ficante			
6	Já deixei de ir a algum lugar por ser proibido/a por meu/minha namorado/a, paquera ou ficante			

7	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já tocou em minhas partes íntimas e/ou fez gestos sexuais contra minha vontade
8	Eu já toquei nas partes íntimas do meu/minha namorado/a e/ou fiz gestos sexuais contra a vontade dele/a
9	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já agiu intencionalmente de forma a me fazer sentir ciúmes dele/a, diante dos amigos e/ou familiares
10	Eu já agi de forma intencional para fazer meu/minha namorado/a sentir ciúmes de mim diante dos amigos e/ou familiares
11	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa ou objeto que eu gostava
12	Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa/objeto de que meu/minha namorado/a, paquera ou ficante gostava
13	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante me diz coisas que sabe que me deixam furioso/a, só pra me provocar raiva
14	Eu digo coisas que sei que deixam meu/minha namorado/a, paquera ou ficante furioso/a, só pra provocar raiva nele/a
15	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já atirou algum objeto em mim (mesmo sendo um objeto leve) durante um discussão
16	Eu já atirei um objeto no meu/minha namorado/a, paquera ou ficante durante uma discussão (mesmo sendo um objeto leve)
17	Já me senti ameaçado/a com o tom de voz agressivo do/a meu/minha namorado/a, paquera ou ficante comigo
18	Eu já deixei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante se sentindo ameaçado/a com meu tom de voz agressivo
19	Já me senti pressionado/a a fazer sexo com meu/minha namorado/a, paquera ou ficante mesmo contra minha vontade
20	Já pressionei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a fazer sexo comigo mesmo contra sua vontade
21	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já me pressionou a fazer sexo com ele/ela sem camisinha, mesmo contra minha vontade
22	Eu já pressionei meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a fazer sexo comigo sem camisinha, mesmo contra sua vontade
23	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já gritou ou berrou comigo a sós ou na frente de outras pessoas
24	Eu já gritei ou berrei com meu/minha namorado/a, paquera ou ficante a sós ou na frente de outras pessoas
25	Meu/minha namorado/a, paquera ou ficante já me sacudiu, empurrou e/ou bateu em alguma (as) situação (ões) para conseguir algo que queria
26	Eu já sacudi, empurrei ou bati em meu/minha namorado/a, paquera ou ficante em alguma/as situação (ões) para conseguir algo que eu queria

1 **Discordo totalmente**	**2** **Discordo**	**3** **Não concordo e nem discordo**	**4** **Concordo**	**5** **Concordo totalmente**

27	Um/uma namorado/a não deve compartilhar nenhum segredo seu com outra pessoa que não seja o/a namorado/a
28	É normal em qualquer relacionamento ter brigas e até chegar a pequenos tapas e empurrões leves
29	É algo normal em um relacionamento entre namorados, paqueras ou ficantes a traição, principalmente por parte do homem
30	No relacionamento amoroso sempre tem um que manda mais que o outro

31	Quando há alguma situação de xingamento, humilhação ou agressão dentro de uma relação de namoro, paquera ou fica, se o casal optar por continuar na relação, é porque merecem a situação que vivem
32	Em uma relação de namoro, paquera ou fica é mais aceitável que o homem agrida a mulher do que a mulher agredir o homem
33	O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de proibir que o/a companheiro/a saia de casa para não se expor
34	O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de escolher os amigos do/a companheiro/a
35	O namorado, paquera ou ficante tem o direito de impedir a companheira de sair com algumas roupas que exponham demais seu corpo (saia ou vestido curto; roupa muito colada, entre outros)
36	O/A namorado/a, paquera ou ficante tem o direito de dizer pra onde o/a companheiro/a deve ir, os lugares que deve frequentar, pois zela pelo seu bem estar
37	Qualquer problema que ocorra no relacionamento o casal deve resolver entre eles e não buscar ajuda em mais ninguém
38	Se você já viveu ou vive em algum relacionamento em que seu/sua parceiro/a lhe exige sair somente para onde ele permita, que use somente as roupas que ele autoriza, e só fale com quem ele queira, isso são sinais de violência no relacionamento